



UNIVERSIDADE DO ALGARVE
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARTES E HUMANIDADE

AS PRÁTICAS FUNERÁRIAS NOS CONCHEIROS MESOLÍTICOS DE MUGE

Olívia Figueiredo

(Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Arqueologia)

Orientadores: Nuno Ferreira Bicho (Universidade do Algarve)
Cláudia Umbelino (Universidade de Coimbra)

Faro, Janeiro 2014

AS PRÁTICAS FUNERÁRIAS NOS CONCHEIROS MESOLÍTICOS DE MUGE

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam na listagem de referências incluídas.

Olívia Figueiredo

Copyright
2014

A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

*Aos Meus.
Tanto aos que já foram, como aos que ainda estão cá.*

“What could be more universal than death? Yet what an incredible variety of responses it evokes. Corpses are burned or buried, with or without animal or human sacrifices; they are preserved by smoking, embalming, or pickling; they are eaten – raw, cooked, or rotten; they are ritually exposed as carrion or simply abandoned; or they are dismembered and treated in a variety of these ways. Funerals are the occasion for avoiding people or holding parties, for fighting or having sexual orgies, for weeping or laughing, in a thousand different combinations. The diversity of cultural reaction is a measure of the universal impact of death. But it is not a random reaction; always it is meaningful and expressive.” (Huntington and Metcalf, 1979:1)

ÍNDICE

RESUMO	11
ABSTRACT	12
AGRADECIMENTOS	13
1 – Introdução	15
1.1 – Objetivos	15
1.2 – Estrutura	16
2 - A Arqueologia e a morte	18
3 - O caso dos concheiros de Muge	22
3.1 - O Mesolítico na Europa Ocidental: Definição e enquadramento geral	22
3.2 - O complexo mesolítico de Muge	28
3.2.1 - História das investigações	29
3.2.1.1 - O século XIX	29
3.2.1.2 - O século XX	33
3.2.1.3 - O século XXI	40
3.2.2 - Os sítios	42
3.2.2.1 - Fonte da Moça I	45
3.2.2.2 - Fonte da Moça II	46
3.2.2.3 - Fonte do Padre Pedro	47
3.2.2.4 - Flor da Beira	47
3.2.2.5 - Cabeço da Arruda	48
3.2.2.6 - Moita do Sebastião	54
3.2.2.7 - Cabeço da Amoreira	57
3.2.2.8 - Arneiro do Roquete	63
3.2.2.9 - Magos de Cima	63
3.2.2.10 - Cabeço da Barragem	64

3.2.2.11 - Cabeço do Mórros	64
3.2.2.12 - Magos de Baixo	65
4 - O comportamento funerário nos concheiros de Muge	66
4.1 - Considerações metodológicas	68
4.2 - Os contextos funerários: variabilidade intra-sítio	70
4.2.1 - Cabeço da Arruda	71
4.2.1.1 - O indivíduo: proveniência, perfil biológico, posição	71
4.2.1.2 - O enterramento: estrutura, orientação, localização	76
4.2.1.3 - Os materiais votivos: tipo, variedade, quantidade	83
4.2.2 - Moita do Sebastião	84
4.2.2.1 - O indivíduo: proveniência, perfil biológico, posição	84
4.2.2.2 - O enterramento: estrutura, orientação, localização	99
4.2.2.3 - Os materiais votivos: tipo, variedade, quantidade	107
4.2.3 - Cabeço da Amoreira	109
4.2.3.1 - O indivíduo: proveniência, perfil biológico, posição	110
4.2.3.2 - O enterramento: estrutura, orientação, localização	116
4.2.3.3 - Os materiais votivos: tipo, variedade, quantidade	120
4.3 - Os contextos funerários: variabilidade inter-sítio	122
4.3.1 - O indivíduo: proveniência, perfil biológico, posição	122
4.3.2 - O enterramento: estrutura, orientação, localização	128
4.3.3 - Os materiais votivos: tipo, variedade, quantidade	131
5 - Discussão	165
5.1 - A problemática da metodologia	165
5.2 - Os resultados: padrões e práticas funerárias	141
5.3 - A variabilidade mortuária, padrões e as suas implicações sociais	145
6 - Conclusões	149
BIBLIOGRAFIA	152

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Localização dos concheiros mesolíticos de Muge. Mapa de Célia Gonçalves.	43
Figura 2 - A distância A-a representa a profundidade do Corte NO-SE da campanha arqueológica de 1864, no Cabeço da Arruda.	50
Figura 3 - Corte NO-SE da campanha arqueológica de 1864, no Cabeço da Arruda, com sinalização da camada <i>d</i> .	50
Figura 4 - Planta com as áreas intervencionadas na Moita do Sebastião.	55
Figura 5 - Planta com os enterramentos descobertos entre 1952 e 1953.	56
Figura 6 - CAM01-01 (quadrados A1, AA e A1') e CAM01-02. A letra E representa ossos de um adulto e, possivelmente, de um jovem.	59
Figura 7 - Planta do enterramento 1, Cabeço da Amoreira.	60
Figura 8 - Planta do enterramento 2, Cabeço da Amoreira.	61
Figura 9 - Planta do enterramento 3, Cabeço da Amoreira.	62
Figura 10 e 11 - Escavações no Cabeço da Amoreira em 1880.	75
Figura 12 - Escavações de 1937 no Concheiro da Arruda. Folha solta do Caderno de campo de Mendes Corrêa com a planta das escavações. A vermelho estão marcados os enterramentos da camada profunda, a amarelo o enterramento da camada superficial.	81
Figura 13 - Escavações da década de 1960 no Concheiro da Arruda. Desenho de Veiga Ferreira com alguns dos enterramentos descobertos nessas escavações.	82
Figura 14 - Planta com os enterramentos descobertos entre 1952 e 1953 com as diferentes áreas de enterramentos.	89
Figura 15 - Planta da área escavada no Cabeço da Amoreira na década de 1930 e nos anos de 1960, com a localização de alguns esqueletos.	89
Figura 16 – Exemplo estratigráfico atual. Seção do corte oeste da nova área de intervenção no Cabeço da Amoreira.	90
Figura 17 – Exemplo estratigráfico atual. Seção do corte oeste da nova área	90

de intervenção no Cabeço da Amoreira.

Figura 18 - Esqueletos exumados no concheiro da Moita do Sebastião, 1953.	91
Figura 19 - Página do caderno de campo de O. Da Veiga ferreira (23/4/1953) com a orientação de alguns esqueletos. Segunda Campanha de escavações na Moita do Sebastião.	102
Figura 20 – Planta com os enterramentos descobertos entre 1952 e 1953, com as diferentes áreas de enterramentos e de materiais associados delimitadas.	101
Figura 21 – Planta da área escavada na Moita do Sebastião. Desenho pertencente ao aquivo de O. Da Veiga Ferreira.	105
Figura 22 - Página do caderno de campo de O. Da Veiga ferreira (4/6/1952). Primeira Campanha de escavações na Moita do Sebastião.	106
Figura 23 – Vista parcial das escavações de 1953 na Moita do Sebastião. Primeira Campanha de escavações na Moita do Sebastião. Fotos de C. Teixeira (14/5/1953).	107
Figura 24 - “ <i>Ignio e Patrôa</i> ”. Enterramento coletivo descoberto no Cabeço da Amoreira.	114
Figura 25 - “ <i>Domingos e António</i> ”. Página do caderno de campo de O. Da Veiga Ferreira. (4/11/1963) Segunda campanha de escavações no Cabeço da Amoreira e respetiva fotografia do enterramento.	115
Figura 26 - Esqueleto CAM-1, Cabeço da Amoreira (1933) e respetiva fotografia do enterramento.	115
Figura 27 - Planta das áreas escavadas no Cabeço da Amoreira com alguns dos esqueletos encontrados.	119
Figura 28 - Exemplo estratigráfico atual. Seção do corte oeste da nova área de intervenção no Cabeço da Amoreira.	138
Figura 29 - Plano do Cabeço da Amoreira com as diferentes áreas intervencionadas.	139

INDICE TABELAS

Tabela 1 - Destaque dos dados relativos à camada estratigráfica, à idade e ao sexo de 27 esqueletos exumados no Cabeço da Arruda. Tabela organizada por enterramento.	74
Tabela 2 - Destaque dos dados relativos à camada estratigráfica, à idade, ao sexo, à posição e orientação de 27 esqueletos exumados no Cabeço da Arruda. Tabela organizada por enterramento.	77
Tabela 3 - NMI da amostra da Moita do Sebastião, relativamente a sexo e a idade dos indivíduos exumados na camada profunda.	79
Tabela 4 - Destaque dos dados relativos à camada estratigráfica, à idade, ao sexo, à posição e orientação de 44 esqueletos exumados na Moita do Sebastião por Roche. Tabela organizada por enterramento.	83
Tabela 5 - Tabela de síntese com dados relativos ao tipo de enterramento, camada, sexo e idade das inumações analisadas provenientes da Moita do Sebastião.	85
Tabela 6 - Destaque dos dados relativos à camada à idade, ao sexo, à posição e orientação dos 44 esqueletos exumados na Moita do Sebastião por Jean Roche em 1952.	92
Tabela 7 - Tabela de síntese com dados relativos ao tipo de enterramento, sexo e idade das inumações analisadas da Moita do Sebastião.	99
Tabela 8 - Tabela de síntese com dados relativos à orientação, sexo e idade das inumações analisadas da Moita do Sebastião.	101
Tabela 9 - Tabela de síntese com dados relativos aos materiais associados aos enterramentos e a sua localização, sexo e idade das inumações analisadas da Moita do Sebastião.	109
Tabela 10 - Tabela de síntese com dados relativos ao tipo de enterramento, camada, posição do corpo, sexo e idade das inumações analisadas do Cabeço da Arruda.	118
Tabela 11 - Tabela de síntese com dados relativos à orientação, sexo e idade das inumações analisadas do Cabeço da Amoreira.	147
Tabela 12 - Enterramentos de adultos com uma das mãos sobre os membros inferior.	125

- Tabela 13** - Tabela de síntese com dados relativos ao tipo de enterramento, camada, posição do corpo, sexo e idade das inumações analisadas provenientes do complexo de Muge. 127
- Tabela 14** - Tabela de síntese com dados relativos à orientação, sexo e idade das inumações analisadas provenientes do complexo de Muge. 130
- Tabela 15** - Tabela de síntese com dados relativos aos materiais associados, à sua localização, sexo e idade das inumações analisadas provenientes do complexo de Muge. 131
- Tabela 16** - Datações por radiocarbono dos esqueletos do complexo de Muge, calibrado com o OxCal 4.1, baseado no IntCal09 (DR de 140 ± 40). 136

RESUMO

Os concheiros de Muge (centro de Portugal), descobertos por Carlos Ribeiro em 1863, são uma incontornável referência para a Arqueologia pré-histórica portuguesa e europeia. Os 150 anos de trabalhos arqueológicos resultaram na descoberta de mais de 300 esqueletos. Número que fortalece a importância desta coleção para o estudo das comunidades mesolíticas europeias.

Maioritariamente devido às metodologias e investigações desenvolvidas no fim do século XIX e início do século XX, o conhecimento acerca das práticas funerárias destas populações é muito reduzido. Os dados são escassos e encontram-se dispersos por uma vasta literatura, nem sempre consistente, mas sabe-se que as sepulturas registadas neste complexo mesolítico são maioritariamente individuais e com algum material registado. Dos vários concheiros que formam este complexo mesolítico, apenas o Cabeço da Arruda, o Cabeço da Amoreira e a Moita do Sebastião apresentavam dados suficientes para um estudo de variabilidade mortuária que teve como objetivo principal elucidar características-chave do comportamento funerário destas sociedades. A Moita do Sebastião é o que aparenta ter uma maior complexificação quanto à organização espacial dos enterramentos, sendo que esta análise indicou algumas diferenças inter e intra-sítio, podendo ser um reflexo de uma diferenciação na organização das populações do vale do Tejo.

O Cabeço da Arruda, a Moita do Sebastião e o Cabeço da Amoreira, embora partilhem características comuns relativamente aos enterramentos e de uma intencionalidade quanto aos mesmos, apresentam também algumas claras variações que indicam que estas sociedades não devem ser vistas como um grupo homogéneo.

ABSTRACT

The Muge shellmiddens (central Portugal), discovered by Carlos Ribeiro in 1863, are a major reference for prehistoric Archeology. The 150 years of archaeological studies resulted in the discovery of more than 300 skeletons. This number strengthens the importance of this collection for the study of European Mesolithic society.

The methodologies applied in previous excavations especially in the late nineteenth and early twentieth century, affected negatively our knowledge and the quality of documentation of these funerary contexts. Although data is scarce and spread out over a vast and not always consistent literature, it is known that the burials discovered at this Mesolithic complex are mostly individual and with some material associated. From the several Muge shellmiddens discovered, only Cabeço da Arruda, Moita do Sebastião and Cabeço da Amoreira presented enough data to carry out a mortuary variability analysis with the aim of clarify the key features of the mortuary behavior of these societies. Moita do Sebastião is the site that presents a higher complexity regarding the spatial organization of the burials. This analysis also shows evidences of some inter and intra-site variations that might indicate differentiations in the organization of the societies of the Tagus valley.

Although Cabeço da Arruda, Moita do Sebastião and Cabeço da Amoreira share some common features regarding the burials and the intentionality of this mortuary behavior, they also present some variations which indicate that these societies shouldn't been seen as homogeneous group.

AGRADECIMENTOS

“À medida que o século XIX envelhecia e o novo se acercava, a Nação foi-se tornando mais aliciante como objecto de estudo, do que a Humanidade, em abstrato.” (Fabião, 1999: 114).

Uma frase descoberta no meu primeiro ano de licenciatura, em Arqueologia, e cujo sentido vai crescendo conjuntamente com o meu gosto pela Arqueologia. Refletido no tema desta dissertação, tem também vindo a crescer o meu gosto pelos mortos, que embora estáticos *“falam pelos cotovelos”*.

Agradeço ao Nuno Bicho e à Cláudia Umbelino, pela orientação e amizade. Ao **Nuno**, pela eterna paciência e pela oportunidade de me inserir num grupo de trabalho e no real mundo científico da Arqueologia. Foi meu orientador e professor, não só nesta dissertação, mas no meu restante percurso académico. Um apoio que espero manter. À **Cláudia**, a quem solicitei ajuda pelo seu conhecimento antropológico, mas que foi mais além disso, tendo sido um apoio fundamental, mesmo estando longe, a mais de 400 quilómetros. Pela simpatia e pela vontade de ensinar, que espero poder continuar a testemunhar. Sem esquecer que foste quem me introduziu ao *Zé Manuel dos ossos!*

Ao meu grupo de trabalho, aqueles a quem gosto de chamar de *família arqueológica*: **Célia** Gonçalves, **Eduardo** Paixão, João **Cascalheira**, João **Marreiros**, **Marina** Évora, **Patrícia** Monteiro, **Rita** Dias e **Telmo** Pereira. São meus professores, colegas e amigos, a quem agradeço pelas palavras confiantes e reconfortantes, mas também pelos ensinamentos, discussões e *“achegas”* quando necessário. Não duvido que vos devo muito, a alguns de vós desde os tempos de licenciatura. Um especial obrigado à Patrícia e à Rita, as minhas companheiras de laboratório, pela paciência diária dos últimos dois anos, nos momentos positivos mas sobretudo nos mais difíceis.

Ao **António Faustino**, ao **João Pedro Bernardes** e à **Maria João Valente**, que foram uma vez mais meus professores, agora no mestrado, e que também me ajudaram a desenvolver o meu sentido crítico. Pelo conhecimento partilhado e pelas palavras amigas, obrigado.

To **Dustin**, above all, my best friend. For all the support and patience through the past two years. The conversations with you and even with your dad about Archaeology, as well as your pertinent observations and knowledge, always stimulated me to know and do better. Thank you for everything.

À Daniela, ao Pedro e à Rute, presentes praticamente desde o início do meu percurso na Arqueologia. À **Daniela**, uma recente “aquisição” no meu leque de “pessoas preferidas”, que desde sempre me transmitiu muito otimismo. Ao **Pedro**, a quem fica aqui expresso a minha admiração pela sua humildade e bondade. Aos nossos desvaneios. Mesmo sem te dares conta, és importante. E à **Rute**, que mais do que nunca provou ser uma presença essencial para o meu equilíbrio. Obrigado por me acolheres, me ouvires e me aconselhares.

Ao **André** Nunes, amigo e eterno companheiro na UALG. Um ombro amigo em mais uma fase, que também soube oferecer críticas construtivas a este projeto.

À **Andreia**, prima e amiga desde sempre, um refúgio. Apesar de estares longe do mundo da Arqueologia, é contigo que partilho muitas das minhas frustrações e medos nos nossos encontros louletanos.

Aos **outros** e àqueles fora do mundo da Arqueologia, que com as suas perguntas e curiosidades estimulam o meu pensamento arqueológico e me relembram o porquê desta minha escolha e dedicação.

Para finalizar mas sem menosprezar, aos **meus pais** e ao **meu irmão**, por me darem o que é realmente essencial na vida e permitirem torna-me na pessoa que sou hoje. Obrigado pela confiança e pelas condições para terminar mais uma etapa.

1. Introdução

É curioso que os ossos ou outros restos físicos do corpo humano possam revelar mais informação acerca da vida de um indivíduo e do contexto social em que se inseria do que sobre a sua própria morte. A informação passível de se recuperar de um contexto funerário varia muito, dependendo não só de um bom registo em campo, mas também do estado de preservação do mesmo. Auxiliares na investigação arqueológica e sendo uma das evidências mais significativas no registo arqueológico, os contextos funerários são vistos como contexto público para a demonstração de riqueza, poder e espiritualidade (Parker Pearson, 2009), sendo um dos principais indicadores da evolução cognitiva do homem na Pré-história (Pettitt, 2011). Para além do perfil biológico e dos processos físicos que afetam o corpo humano, integram igualmente problemáticas relacionadas com o paleoambiente, dieta, eficácia adaptativa, economia, continuidade e mudanças culturais e económicas, migrações, demografia, violência, patologias, epidemias. Possibilitam ainda, e sendo esse o foco deste estudo, abordagens teóricas acerca do comportamento funerário humano e de como este pode ser reflexo da sociedade em estudo (Duarte 2003; Roberts, 2009).

O grande avanço no estudo de contextos funerários deu-se essencialmente com a perceção da relação existente entre as várias formas de tratamento dos mortos e as diferenças sociais existentes entre os vivos de uma mesma sociedade (Brown, 2007). Até então, e embora a análise de contextos funerários já fosse real, realizavam-se apenas alguns trabalhos descritivos relativamente ao esqueleto e a caracterizações morfológicas, existindo uma lacuna teórica relativamente aos contextos funerários enquanto fenómeno extremamente variável e uma área de estudo específica e distinta das demais (Binford, 1971).

1.1 - Objetivos

O principal objetivo deste estudo é fornecer uma caracterização do comportamento funerário arqueologicamente visível nos concheiros mesolíticos de

Muge. A problemática deste estudo consiste então na análise dos contextos funerários deste complexo, procurando desenvolver-se uma nova e multidisciplinar abordagem aos muitos enterramentos descobertos até hoje. Acredita-se que um melhor entendimento destas práticas funerárias abone a favor de um conhecimento mais aprofundado acerca das sociedades mesolíticas ali presentes e cujo mundo funerário, em especial o contexto arqueológico, não tem sido exaustivamente analisado.

Assim sendo, é objetivo específico deste estudo determinar e comparar as práticas funerárias dos concheiros de Muge (intra e inter-sítio): estabelecer e entender as variações nas práticas funerárias através de uma análise detalhada das informações disponíveis acerca dos enterramentos (em publicações de cadernos de campo, artigos, relatórios, e outros). Analisando os enterramentos individualmente, serão tidos em conta dados relativos:

- ao perfil biológico do(s) indivíduo(s);
- à distribuição espacial do(s) esqueleto(s) no enterramento;
- à distribuição do enterramento intra e inter sítio;
- à presença/ausência de materiais associados e, caso estejam presentes, a sua distribuição espacial e caracterização;
- à cronologia.

Embora a primeira fase desta análise aos enterramentos seja feita, na medida do possível, individualmente de concheiro a concheiro, este primeiro objetivo inclui, por fim, uma comparação das práticas funerárias dentro de cada concheiro, mas também entre os mesmos, de forma a delinear similaridades e dissemelhanças.

1.2 - Estrutura

A presente dissertação encontra-se dividida em quatro secções principais:

- **A Arqueologia e a Morte:** nesta secção é apresentada, embora brevemente, a disciplina da Arqueologia da Morte e o momento de impulso que levou os estudos

mortuários a integrarem mais a investigação arqueológica. São também apresentadas as perspectivas arqueológicas e antropológicas no estudo de um contexto funerário.

- **O caso dos concheiros de Muge:** o complexo de sítios e a sua problemática é aqui enquadrado tanto cronológica e geograficamente, como relativamente à história deste complexo e investigações anteriores.
- **O comportamento funerário nos concheiros de Muge:** esta secção apresenta a análise e os resultados relativos aos enterramentos, introduzindo primeiramente noções teóricas e a metodologia utilizada. A análise e os resultados são apresentados por concheiro e por parâmetro (*i.e.* variável).
- **Considerações finais:** são aqui apresentadas as principais conclusões retiradas a partir deste estudo.

2 - A Arqueologia da morte

A Arqueologia, ciência humanista cujo objetivo é estudar o passado humano através dos seus vestígios materiais, tem vindo a apoiar-se em diversas disciplinas, permitindo também a emergência de outras disciplinas ou subdisciplinas benéficas para uma mais fidedigna reconstituição e interpretação da vida humana no passado (Duarte, 2003). A Arqueologia e as disciplinas envolvidas têm sido favorecidas pelo visível progresso da Ciência, assim como do próprio pensamento arqueológico. É disso exemplo a Antropologia Física que partiu de caracterizações morfológicas e tipológicas de indivíduos, para perspectivas bioculturais mais abrangentes, permitindo também um maior envolvimento entre a Arqueologia e Antropologia Biológica (Roberts, 2009). O desenvolvimento teórico e metodológico de ambas as disciplinas permitiu o surgimento de uma subdisciplina, a Arqueologia da morte ou Antropologia Funerária que relaciona a morte, memória e a cultura material das sociedades passadas (Duarte, 2003).

Os registos arqueológicos consistem em inumeráveis testemunhos da presença e interação do homem, em diferentes culturas e diferentes tempos. Os contextos funerários são a base a partir da qual são inferidas as práticas funerárias de sociedades passadas e devem ser encarados com grande potencial e significado, visto que foram formados sob a pressão de um acontecimento definitivo no percurso do homem, a morte (Fahlander & Oestigaard, 2008; Joyce, 2001). Embora a morte seja uma experiência comum a todos, as reações perante a mesma são variadas, tanto em espaço como em cronologia e atendendo às tradições, culturas, crenças e religiões.

A importância do estudo de restos humanos tem sido reconhecida há largos anos, sendo inquestionavelmente uma das mais importantes bases para o entendimento da natureza e evolução do homem e das sociedades antigas. No entanto, há apenas cerca de 50 anos que a análise funerária se aproximou verdadeiramente da investigação arqueológica, tornando-se uma componente insubstituível da mesma (Laneri, 2007; O'Shea, 1984). Muitos manuais recentes de Arqueologia provam-no ao introduzir os restos humanos e o seu contexto físico e cultural e ao enquadrá-los numa variedade de diversos tópicos favoráveis à investigação arqueológica, alguns já aqui referidos. O

arqueólogo foi cada vez mais incorporando o estudo dos esqueletos na sua investigação. Essa nova e forte vaga de interesse pela Osteologia e a Bioantropologia enquanto auxílio em estudos arqueológicos deu-se, em parte, com o desenvolvimento da Nova Arqueologia (Parker Pearson, 2009), que estimulou o uso das evidências mortuárias não só para explorar, por exemplo, a demografia e as patologias primitivas (*e.g.*, Angel, 1969; Ubelaker, 1974; Buikstra, 1976), mas também as práticas funerárias enquanto característica cultural e forma de inferir acerca de sistemas sociais e da complexidade social.

Por volta da mesma altura, em 1966, e muito provavelmente enquanto parte do movimento da Nova Arqueologia e reflexo do descontentamento quanto ao uso de dados mortuários, a *American Anthropological Association* realizou em Pittsburgh o colóquio “*The Social Dimensions of Mortuary Practices*”, organizado por James Brown, ajudando a marcar a evolução do simples estudo de enterramentos para uma disciplina de práticas mortuárias. A abordagem que até então encarava o enterramento enquanto objeto passou a ser mais ampla e inovadora, destacando as práticas funerárias como reflexo da sociedade viva, tanto social como culturalmente (Brown, 2007). Começou a crescer uma maior preocupação com a análise e interpretação dos dados arqueológicos de contextos funerários, assim como com os aspetos sociais incutidos nos mesmos (*e.g.*, Binford, 1972; Chapman, 2003; Chapman, Kinnes and Randsborg, 1981; Pader, 1982; Parker Pearson, 1999; O’Shea, 1984), sendo que a análise mortuária passou a não se restringir apenas aos esqueletos quando presentes, mas incluindo também o restante contexto físico que é testemunho das práticas funerárias. Inicialmente, a disposição do esqueleto era tratada à parte da cultural material presente no enterramento, sendo tida como indicador direto da identidade étnica ou religiosa do indivíduo. Misturas de tipos de disposições ou enterramentos (*e.g.*, inumação com cremação) eram associados a misturas étnicas ou a influência culturais exteriores. Nos dias que correm, esta perspetiva já não é válida, sendo considerada simplista e ilusória, e tendo, supostamente, gerado falsas problemáticas. É verdade que as posições das mãos, dos pés e dos membros e a ausência de ossos específicos têm demonstrado serem importantes sinais de informação cultural. O problema estaria na metodologia que deveria permitir uma análise sistemática da disposição dos esqueletos de uma

população, o que nem sempre se verificava. Binford, presente no colóquio de 1966, foi uma personagem essencial para a melhoria dessa metodologia ao apresentar a sua reflexão acerca de como as variadas formas em que os mortos eram dispostos se poderiam articular com a dimensão social, considerada tão culturalmente importante para ser representada na hora da morte pelas sociedades humanas (Binford, 1972; Brown, 2007: 299-302).

Ajudando todo este movimento, foram surgindo também cada vez mais estudos mortuários comparativos através de paralelos etnográficos (Laneri, 2007:1), de que são exemplos os trabalhos desenvolvidos por Peter Ucko. Uma das suas principais conclusões foi a de que para se fazer um paralelo entre um caso particular de prática funerária do presente e um caso arqueológico, é necessário um conjunto de analogias o mais amplo e variado possível para averiguar o conteúdo e o contexto da evidência arqueológica (Parker Pearson 2009:21).

Tal como referido anteriormente, para além do sexo e da idade e dos processos físicos que afetam o corpo humano, os contextos funerários auxiliam numa variedade de problemáticas. Em qualquer uma delas, a Arqueologia e a Antropologia completam-se, usando diferentes ferramentas e apresentando diferentes soluções e análises.

Tendo como foco o comportamento funerário humano e as suas evidências físicas, os contextos funerários são compostos por vários elementos arqueologicamente visíveis, cuja análise é favorecida por um trabalho conjunto entre arqueólogos e antropólogos. De forma a reconstituir o mais fidedignamente possível uma deposição (*e.g.*, enterramento/inumação, incineração, deposição à superfície, mumificação, etc., isto é as diferentes formas de tratar o morto), seja ela individual ou coletiva, primária ou secundária, deve seguir-se uma metodologia de campo composta por uma série de tarefas fundamentais para este tipo de trabalho, sendo imprescindível tanto a presença de um arqueólogo como de um antropólogo, designadamente:

- delimitação do espaço funerário;
- registo tridimensional detalhado de todo o contexto funerário;
- crivagem do sedimento proveniente do contexto funerário;
- desenho do esqueleto à escala;

- fotografia de vários níveis e quadrantes abrangidos pelo contexto funerário;
- registo de características e anomalias observadas durante a escavação do espaço funerário.

Sem dúvida alguma que um apoio antropológico é essencial, tanto para a escavação do contexto funerário como para a interpretação do mesmo. De uma análise antropológica advêm informações relativas ao perfil biológico, que, como veremos mais à frente, integram os parâmetros do estudo da variabilidade mortuária (*e.g.*, O'Shea, 1984), e às patologias, que têm vindo a ser utilizadas cada vez mais para inferir acerca do estilo de vida e das atividades de comunidades passadas (*e.g.*, Cunha *et al.*, 2007). Para além deste conhecimento osteológico que um antropólogo detém, também é conhecedor dos processos pós-deposicionais (*e.g.*, atividade humana, decomposição do corpo, etc.) que poderão ter provocado a movimentação de ossos do esqueleto e de materiais associados à deposição. Esta noção torna-se fundamental para reconstituir práticas funerárias sem confundir o acidental como o intencional.

Na perspetiva arqueológica, a análise de uma deposição permite-nos definir gestos funerários, dissecando o esqueleto e o contexto material e espacial. É então aqui que se destaca o arqueólogo, cujo trabalho e análise começa logo em campo com, por exemplo, o delimitar do contexto funerário. O arqueólogo, mais preocupado com o contexto social e cultural, joga com todos os elementos integrantes dos contextos funerários, usando-os como variáveis de forma a analisar o comportamento funerário do homem. O estudo ideal passa também pela análise da cultura material associada à deposição. A partir desses dados podem chegar-se aos padrões comportamentais que, por sua vez, possibilitam debater a organização social da comunidade em estudo.

A colaboração entre arqueólogo e antropólogo torna-se fundamental pelo conhecimento imprescindível que o antropólogo tem do esqueleto humano e dos processos pós-deposicionais, assim como pela capacidade de interpretação estratigráfica e de análise tipológica de materiais por parte do arqueólogo.

3. O caso dos concheiros de Muge

A investigação arqueológica sobre concheiros tem tido um longo e rico desenvolvimento, especialmente após o descobrimento dos famosos *Kjökkenmöddings* na costa dinamarquesa, na década de 1830. Mas somente nos últimos anos é que estudos sobre concheiros mesolíticos começaram a ser menos esporádicos e de maior interesse, especialmente com o desenrolar de mais trabalhos de campo e o uso de novas metodologias (Milner *et al.*, 2007). O Mesolítico por si próprio tem sido um dos períodos prediletos de arqueólogos e outros investigadores, principalmente pelo desafio que representa: foi marcado por importantes mudanças económicas, tecnológicas e sociais, sendo que é na Península Ibérica, onde estão localizados os concheiros de Muge, que podemos encontrar o rasto dos últimos caçadores-recolectores deste período (Bicho, 2009; Bicho *et al.*, 2010).

3.1 - O Mesolítico na Europa Ocidental: Definição e enquadramento geral

O Mesolítico, também denominado de período dos últimos caçadores-recolectores da Europa, teve o seu início há cerca de 12 000 cal BP. Coincide com o fim da glaciação e início do Holocénico, prolongando-se até ao aparecimento das primeiras sociedades camponesas (Champion *et al.*, 2009; Jochim, 2011). O Mesolítico europeu tende a dividir-se culturalmente entre Norte e Sul da Europa, maioritariamente pelas notórias diferenças geográficas. O fim do último episódio glacial e início do Holocénico trouxeram, de um modo geral, profundas transformações, sendo que as mudanças climáticas tiveram diferentes repercussões pela Europa (Bicho *et al.*, 2010; Price, 1986). De um modo geral, essa transição foi marcada por um aumento de temperatura e subida do nível médio do mar, proporcionando a extinção e surgimento de faunas e floras. Essas severas alterações tiveram um importante impacto nos modos de subsistência, povoamento e tecnologia dos grupos humanos. O Homem fez frente a um ambiente em processo de mudança e cujo panorama não se estabeleceu, de imediato, tal como o conhecemos hoje (Raposo *et al.*, 1993). É claro, no Mesolítico, a

preferência que o homem tinha por zonas próximas de linhas de água, tendo havido assim uma intensiva exploração desse meio. Desenvolveu-se uma economia com maior espectro, graças aos ecossistemas que se encontravam mais ricos em biomassa (Bicho, 2009; Bicho *et al.*, 2010; Champion *et al.*, 2009; Jochim, 2011; Price, 1983).

É aqui favorável enaltecer que muitos momentos-chave que marcam, *grosso modo*, a história do Homem, são autónomos e isolados, não se dando num momento único em todo o território. Muitas vezes, a passagem de um período para outro, deve ser questionada regionalmente, sendo que, no caso do Mesolítico, é também necessário não esquecer que as evidências arqueológicas dependem da diversidade cultural e climática que estão na base deste período. O próprio impacto da transição ambiental do Plistocénico para o Holocénico afetaram de formas diferentes as várias áreas geográficas europeias (Price, 1983). A chegada do Holocénico não provocou grandes alterações no ambiente da zona do Egeu e Balcãs, enquanto que no Próximo Oriente proporcionou um aparecimento precoce da agricultura. Estes dois exemplos são casos extremos: no Egeu e Balcãs, o fraco impacto não foi suficiente para acionar alterações significativas na sociedade, ao contrário do que é observado no Próximo Oriente, em que as fortes mudanças proporcionaram a chegada prematura do Neolítico comparativamente com as restantes áreas geográficas, não surgindo tão-pouco o Mesolítico (Price, 1983). Dando agora o exemplo do Noroeste da Europa onde as alterações climáticas provocaram profundas mudanças na paisagem (Champion *et al.*, 2009), a agricultura tardou a emergir, aumentando proporcionalmente a baliza cronológica do Mesolítico e respetivas evidências arqueológicas. Já na área geográfica onde se insere Portugal, Espanha, Itália e parte de França, as alterações climáticas tiveram maior consequência na costa e na formação de estuários, mantendo-se algumas das espécies de fauna e flora existentes no Plistocénico (Bicho *et al.* 2010; Price, 1983). Estes diferentes casos mostram uma disparidade no Mesolítico à qual se deve a própria diversidade dos registos arqueológicos de índole social, económica e tecnológica. A intensificação das investigações e o crescimento de informação a partir dos anos 80 permitiram agrupar áreas semelhantes geográfica e cronologicamente, de forma a identificar fenómenos regionais (Champion *et al.*, 2009; Jochim, 2011; Price, 1983).

O Mesolítico manteve-se até ao século XIX comprimido entre as comunidades artistas do Paleolítico Superior e os primeiros produtores, períodos cuja investigação se encontrava bastante desenvolvida, e visto como uma fase de decadência, sendo “(...) *que os concheiros característicos do período representariam uma espécie de «último recurso» alimentar, por parte de grupos humanos que, à falta de melhor, viviam de moluscos (...)*” (Raposo *et al.*, 1993:117). Pouco abordado, tratar-se-ia na altura de um mero período de transição, cuja sociedade seria o reflexo pobre da notável evolução, tanto física como cognitiva do Homem do Paleolítico. Visão esta bastante limitadora e que se instalara pela falta de dados e escassez de sítios mesolíticos reconhecidos (Kozłowski, 2003; Price, 1983; Spikins, 2010). Os últimos 35 anos testemunharam um incrível crescimento na investigação do Mesolítico Europeu. Realizaram-se vários congressos internacionais no âmbito do Mesolítico, assim como outros encontros científicos de dimensão mais reduzida (*e.g.*, Kozłowski, 1973; Gramsch, 1981; Bonsall, 1989; Gutiérrez-Zugasti *et al.*, 2011; Larsson *et al.*, 2003), publicou-se um vasto número de trabalhos (*e.g.*, Brinch Petersen, 1967, 1973; Roche, 1972; Clark, 1976; Jacobi, 1976; Mellars & Payne, 1971; Bailey, 1978; Gob, 1981; Price, 1983; Price, 1991; Umbelino, 2006; Detry, 2007; Bicho, 2009; Gutiérrez-Zugasti *et al.*, 2011; Dean, Valente & Carvalho, 2011) e surgiu a revista internacional *Mesolithic Miscellany*, que na altura seria apenas um boletim informativo mas que é hoje uma revista de grande impacto internacional (Price, 1983). Uma das novidades foi também o catálogo de restos osteológicos humanos da Europa Ocidental, produzido por Newel e colaboradores (Newel *et al.*, 1979). Este crescimento da popularidade do período Mesolítico na comunidade científica deve-se não só à evolução teórica e metodológica da própria Arqueologia e disciplinas envolventes, mas também a um aumento exponencial de dados e sítios descobertos e consequentemente estudados, possibilitando assim oferecer uma nova realidade sobre o Mesolítico e uma estrutura onde este período pudesse ser entendido na sua diversidade regional europeia e enquanto um período marcado por profundas alterações sociais e culturais (Price, 1983; Spikins, 2010). A partir do século XIX, pouco depois da descoberta dos aclamados *Kjökkenmöddings* dinamarqueses, outros concheiros mesolíticos foram descobertos e investigados na Europa ocidental, sendo que a sua origem antrópica suscitou cada vez

mais interesse nos investigadores (Milner *et al.*, 2007). São exemplo os concheiros de Muge, cuja importância foi salientada desde a sua descoberta. A identificação de tais depósitos artificiais iniciou-se na Bretanha, durante o século XX, com os sítios de Téviéc e Hoëdic, ainda de grande destaque nos dias de hoje. A complexidade desses concheiros mesolíticos revê-se nas suas dimensões, enterramentos humanos e diversidade de espólio, tendo sido um dos impulsionadores no crescimento e reconhecimento do Mesolítico (Milner *et al.*, 2007).

As primeiras décadas de investigação arqueológica sobre concheiros mesolíticos destacaram-se pelas abordagens à subsistência e à gestão de recursos destas sociedades, não dando tanta importância a abordagens sociais (Spikins, 2009). Salienta-se a continuidade do estudo do Mesolítico no século XX, durante o qual foi libertado de dogmas e a base de conhecimentos cresceu exponencialmente, dando-se um desenvolvimento teórico e metodológico preponderante para o surgimento das novas abordagens do século XXI, envolvidas em questões de complexidade social, económica e ecológica das populações mesolíticas. Somente nos últimos anos, com o desenrolar de mais trabalhos de campo e o uso de novas metodologias e tecnologias, surgiram estudos de cariz interdisciplinar. O século XXI parece presenciar uma maior preocupação em abordar questões de subsistência (*e.g.*, Bicho & Haws, 2008; Bocherens, 2007; Mannino & Thomas, 2001; Stiner & Munro, 2011; Richards, Price & Kock, 2003; Umbelino, 2006), tecnologia (*e.g.*, Marchand, 2001; Araújo, 2011), estudos paleoambientais (Álvarez *et al.*, 2011; Frigola *et al.*, 2007; van der Schriek *et al.*, 2003; Wollstonecroft, 2003) e questões de cariz cultural (*e.g.*, Neeley & Clark, 1990; Nilsson Stutz, 2010; Roksandic, 2006), enquanto reflexo social. Estes estudos demonstram não só a importância das questões sobre subsistência e gestão de recursos, mas também a importância da experiência, interação social e percepção, características próprias do homem (Spikins, 2009).

Seguindo a tendência europeia, o interesse português pelo Mesolítico foi crescendo, assim como o interesse pelo território português por parte dos investigadores internacionais. Esse interesse geral encontra-se, nos dias atuais, ligado ao estudo do surgimento da complexidade social e à construção de uma sequência crono-

estratigráfica, de forma a estabelecer modelos evolutivos. Em território português, é hoje considerado que o Mesolítico se desenvolveu essencialmente em quatro áreas principais. São elas a costa da Cantábria e Galiza, Vale do Ebro e Catalunha, Costa Este da Andaluzia e Portugal (González Morales & Arnaud, 1990). Do Mesolítico da Península Ibérica, onde se insere o território português, conhece-se uma realidade na faixa atlântica e outra na mediterrânica, sendo que os concheiros de Muge inserem-se na primeira, que é caracterizada por uma ocupação junto da zona de costa e privilegiada pela possibilidade de captação intensiva de recursos costeiros (Bicho *et al.*, 2010). Esta caracterização advém, obviamente, dos dados hoje disponíveis que, não os menosprezando, poderão estar influenciados por uma investigação arqueológica reduzida no ramo da Pré-história, em zonas mais interiores (Strauss, 2009).

A investigação em Portugal sobre o Mesolítico foi fortemente estimulada pela descoberta dos concheiros de Muge, em 1863, tendo sido Carlos Ribeiro, autor da descoberta, um dos impulsionadores da Arqueologia portuguesa (Cardoso e Rolão, 2002/2003). Em 1880, durante a IX Sessão do *Congrès International d'Anthropologie e d'Archéologie Préhistorique*, Ribeiro introduziu amplamente o complexo de Muge à comunidade científica, permitindo a inserção do território português no contexto do Mesolítico europeu (Ribeiro, 1884). Somando já na altura cerca de 150 esqueletos descobertos, os concheiros de Muge eram um contexto único a nível europeu (Cardoso & Rolão, 2002/2003), importância essa que se mantém nos dias de hoje, após cerca de 300 esqueletos descobertos no total. É a Nery Delgado, outra personagem importante no crescimento da Arqueologia portuguesa, que se deve a primeira ligação estabelecida entre os concheiros de Muge e os famosos *Kjökkenmöddings* da costa dinamarquesa (Ribeiro, 1867). A história das investigações nos concheiros de Muge, que continua a crescer, é constituída por vários investigadores e intervenções (*e.g.*, Pereira da Costa, 1865; Ribeiro, 1867, 1884; Corrêa, 1933, 1934, 1936; Roche, 1951, 1954, 1957; Roche & Ferreira, 1967; Newell *et al.*, 1979; Cardoso & Rolão, 1999/2000; Rolão, 1999; Rolão *et al.*, 2006, 2006a; Gonçalves, 2009; Monteiro, 2012). Desde os anos 80 que vários concheiros mesolíticos têm sido reconhecidos, fomentando o surgimento de novas abordagens interdisciplinares e favorecendo também a continuação do estudo do

Mesolítico português. São exemplo sítios como o Toledo (Araújo, 2010, 2011), S. Julião A, B e C (Arnaud, 1986b; Arnaud & Pereira, 1994; Pereira e Correia, 1985; Sousa, 2004; Sousa *et al.*, 2004) e os concheiros do vale do Sado (Arnaud, 1986a, 1989, 2000). Estes últimos, descobertos por Lerenó Antunes Barradas, em 1930, juntam-se aos concheiros de Muge no que toca à sua singularidade, tanto que, ao longo dos anos, tenderam a ser comparados (*e.g.*, Arnaud, 1987). Outros sítios mesolíticos se foram juntando ao panorama português, perfazendo um número que ultrapassa os 250 sítios. Temos o exemplo de Magoito, Cural Velho, Ponte da Vigia, estes na linha de costa atlântica da Estremadura; e Gruta do Casal do Papagaio e Cabeço do Porto Marinho, no Maciço Calcário. Os dados que provêm dos mesmos sugerem uma diversidade de padrões ocupacionais, de subsistência, tecnológico e cronológico (Bicho *et al.*, 2010).

Embora vários investigadores portugueses usem genericamente o termo Mesolítico (*e.g.*, Arnaud, 1986b, 2000; Cardoso, 2007; Zilhão, 1992), foram sendo desenvolvidos modelos teóricos acerca da cronologia que se estende entre o Paleolítico Superior e o Neolítico. Ao termo Mesolítico junta-se, na década de 1939, o termo de Epipaleolítico (“*pós* Paleolítico”) (Leroi-Gourhan, 1987), sendo a distinção entre os dois ainda hoje problemática (Valente, 2008). Susana Oliveira Jorge sugere, com base em critérios cronológicos, que o Epipaleolítico terá surgido há c. 9000 a.C. prolongando-se até há c. 6000 a.C., tendo o Mesolítico uma baliza cronológica de c. 5500-3500 a.C. (Jorge, 1990:75-89). Bicho (2004), por sua vez, define Epipaleolítico como o período pós-glaciar onde as sociedades mantêm maioritariamente as características tecnológicas do Paleolítico Superior, iniciando-se o Mesolítico com as alterações tecnológicas e culturais características deste período. Os seus critérios são baseados na tecnologia lítica e nos padrões de povoamento e subsistência (Bicho, 1994, 1999). Outros autores sugerem uma divisão do Mesolítico por fases, inicial (equivalente ao Epipaleolítico) e pleno. Luís Raposo e Carlos Tavares da Silva apresentam uma divisão assente numa evolução visível no registo arqueológico e baseada essencialmente em casos da Estremadura e do Alentejo (Raposo & Silva, 1993).

3.2 - O complexo mesolítico de Muge

Foi durante a década de 1860, numa época em que se debatia profundamente a origem do homem, que Carlos Ribeiro, na qualidade de membro diretor da Comissão Geológica de Portugal juntamente com F.A. Pereira da Costa, deu ordens para que se explorassem os vales do Tejo e do Sado (Ribeiro, 1867), tendo surgido pouco tempo depois a primeira publicação acerca dos concheiros de Muge (Pereira da Costa, 1865). Ribeiro e colaboradores esperavam desta descoberta e dos terrenos de areias do Plistocénico onde assentam estes sítios, um forte apoio para o entendimento da presença do homem pré-histórico naquela região. Os concheiros de Muge tiveram, sem dúvida, uma grande influência para o crescimento e desenvolvimento da Arqueologia portuguesa, sendo que são hoje igualmente importantes numa perspetiva europeia, pelos mais de 300 esqueletos descobertos neste complexo, entre outros materiais arqueológicos. Sendo esta coleção uma das mais numerosas do Mesolítico europeu, a sua importância para o estudo e entendimento das sociedades mesolíticas é inquestionável (Cardoso & Rolão, 2002/2003; Detry, 2007; Bicho & Gonçalves, no prelo; Figueiredo, no prelo). Embora todo o trabalho de investigação que tem sido desenvolvido desde a descoberta deste complexo, especialmente entre 1863 e os finais da década de 1960, persistem ainda muitas lacunas (Cardoso & Rolão, 2002/2003). São provavelmente mais de uma centena os trabalhos científicos apresentados e publicados até hoje (*e.g.*, Pereira da Costa, 1865; Ribeiro, 1867, 1884; Corrêa, 1933, 1934, 1936; Roche, 1951, 1954, 1957; Roche & Ferreira, 1967; Newell, *et al.*, 1979; Cardoso & Rolão, 1999/2000; Rolão, 1999; Rolão *et al.*, 2006, 2006a; Gonçalves, 2009; Monteiro, 2012), embora com períodos de grande intensidade e outros de quase completa inatividade (Arnaud, 2002). As investigações sobre Muge têm sido diversificadas e principalmente focadas em duas áreas de principal interesse: a transição do Mesolítico/Neolítico (*e.g.*, Bicho *et al.*, no prelo-a; Jackes *et al.*, 1997; Lubell e Jackes, 1985; Lubell *et al.*, 1994) e a dieta e subsistência (*e.g.*, Detry, 2007; Umbelino, 2006; Umbelino *et al.*, 2007) durante este período. Mas ainda assim, continuam a existir muito materiais arqueológicos por estudar, documentação inédita por avaliar e várias abordagens possíveis de estudo destes concheiros.

3.2.1 - História das investigações

3.2.1.1 - O século XIX

Remonta a 13 de abril de 1863, a página do caderno de campo onde Carlos Ribeiro refere pela primeira vez a descoberta de um concheiro no vale do Tejo (Cardoso e Rolão, 2002/2003:61):

“Abril 13 de Salvaterra pela Rib(ei)ra/de Magos -(...) um montículo d’arenatos recen-/tes com ostras, Cardium edule, ossos, e muitos /instrumentos, com uma prodigiosa quantidade/de conchas quebradas (...)”

Ribeiro encontrava-se a fazer trabalhos de levantamento da carta geológica de Portugal, nomeadamente o estudo e classificação dos depósitos quaternários da região. Foi na margem direita da ribeira de Magos que Ribeiro identificou o Arneiro do Roquete, com o topónimo de Quinta da Sardinha (Cardoso & Rolão, 2002/2003; Ribeiro, 1884), onde encontrou “(...) *beaucoup de coquilles marines mélangées d’os, le tout dispersé sur le sol sableux (...)*” (Ribeiro, 1867: 714). Nesta primeira expedição ao Arneiro de Roquete encontrou, entre outros, parte de um crânio humano com visíveis alterações provocadas pelo solo, pinças de caranguejo, dentes de animais e várias espécies de bivalves, sendo que a mais abundante seria a *Lutraria compressa*.

O proprietário do terreno não deu autorização para ali se realizarem trabalhos de campo, levando Ribeiro a seguir para a ribeira de Muge, onde localizou na sua margem esquerda outro depósito artificial: o Cabeço da Arruda (Cardoso & Rolão, 2002/2003; Umbelino, 2006). Também constituído por grandes quantidades de conchas, foi aqui igualmente encontrada uma falange humana, vários ossos de animais, pinças de caranguejo e peças de quartzito talhadas (Ribeiro, 1867). Não tendo, naquele ano, disponibilidade para desenvolver trabalhos de campo no Cabeço da Arruda, Ribeiro decidiu voltar no ano seguinte, em 1864, onde denotou similaridades entre as características deste depósito e as do Arneiro do Roquete. Nesse mesmo ano iniciaram-se trabalhos de campo no Cabeço da Arruda, descobrindo-se uma quarentena de esqueletos, sobre os quais J. A. Pereira da Costa, também membro diretor da Comissão

Geológica de Portugal (Umbelino, 2006), publicou um artigo em 1865 (Pereira da Costa, 1865; Ribeiro, 1867).

O ano de 1864 foi igualmente marcado pela descoberta de mais três concheiros: Fonte do Padre Pedro, Cabeço da Amoreira e Moita do Sebastião (Cardoso & Rolão, 2002/2003), que, segundo Ribeiro, se encontrariam a cerca de 4 quilómetros uns dos outros e do Cabeço da Arruda (Ribeiro, 1867). Nestes sítios também se observava uma abundância de *Lutraria compressa*, embora o sedimento do Arneiro do Roquete e do Cabeço da Arruda apresentasse algumas diferenças comparativamente aos últimos três concheiros descobertos, fazendo Carlos Ribeiro concluir que, caso tivessem sido contemporâneos, estes concheiros teriam tido utilidades diferentes (Ribeiro, 1867: 716). Nery Delgado, com quem Ribeiro desenvolveu diversos trabalhos, estabeleceu a ligação entre estes concheiros e os famosos *Kjökkenmöddings* descobertos na Dinamarca (Ribeiro, 1867).

Da obra de Pereira da Costa, a mais antiga das monografias arqueológicas publicadas em Portugal (Cardoso & Rolão, 2002/2003), ficou-se a saber que entre 1863 e 1864, os trabalhos de campo realizados no Cabeço da Arruda refletiram-se num corte em toda a vertente sudoeste, a partir do qual se observou que este depósito artificial era composto por “(...) restos de animaes, areias, lodo e calhaus, contendo muitos e pequenos fragmentos de madeira carbonizada, dispersos, mas não uniformemente por toda a massa (...)” (Pereira da Costa, 1865: 4-5). São também apresentados uma descrição dos níveis estratigráficos, leia-se *leito*, visíveis nesse corte e desenhos do mesmo, através dos quais se confirmam as irregularidades da estratigrafia. Por esta altura, a coleção de materiais recolhidos já seria bastante alargada: um notável número de utensílios em pedra e osso e restos humanos pertencentes a 45 indivíduos. Pereira da Costa debruçou-se ainda, largamente, acerca dos processos de formação do concheiro. Esta foi a única obra do próprio relativo a este tema. Desentendimentos entre Carlos Ribeiro e o Pereira da Costa levaram-no a afastar-se da investigação pré-histórica (Cardoso & Rolão, 2002/2003).

Em 1880, meses antes da IX Sessão do *Congrès International d’Anthropologie e d’Archéologie Préhistorique* em Lisboa, Ribeiro iniciou trabalhos de campo na Moita do Sebastião e no Cabeço da Arruda, as primeiras escavações sistemáticas conhecidas

em Muge, cujos resultados foram observados pelos congressistas numa visita de campo (Bellucci, 1884; Cardoso & Rolão, 2002/2003). A comunicação de Ribeiro nesse mesmo congresso, publicada apenas postumamente nas atas do mesmo (Ribeiro, 1884), representou uma importante síntese de conhecimentos adquiridos até então sobre os concheiros do vale do Tejo. Começando por localizar geograficamente os já conhecidos, Ribeiro referiu a probabilidade da existência de mais concheiros, bem como o possível desaparecimento de outros por causas naturais ou até mesmo humanas, como por exemplo, devido à agricultura (Ribeiro, 1884: 279-280). Após apresentar o concheiro da Quinta da Sardinha (*i.e.* Arneiro do Roquete) (Ribeiro, 1884), Ribeiro descreve Fonte do Padre Pedro (Ribeiro, 1884). Neste sítio apenas foram feitas recolhas de superfície e algumas sondagens limitadas, das quais resultaram a recolha de material osteológico, tanto humano como animal (*e.g.*, *Cervus*, *Bos* e *Ovis*), e a identificação de diversas espécies de fauna malacológica (*e.g.*, *Cardium*, *Ostrea*, *Tapes* e *Lutraria*). Um dos pontos mais marcantes foi a descoberta de quatro esqueletos, quase à superfície do concheiro, sepultados com indústria material romana (Ribeiro, 1884), levando a crer numa ocupação romana sobreposta ao concheiro (Cardoso & Rolão, 2002/2003: 13). Segue-se a descrição de Cabeço da Arruda, considerado na altura o concheiro mais importante do vale do Tejo (Ribeiro, 1884). Da primeira exploração resultou a recolha de restos osteológicos de uma quarentena de indivíduos, sendo que em 1878, juntando os resultados das escavações de Moita do Sebastião e Cabeço da Arruda, foram recolhidos mais de 120 esqueletos (Ribeiro, 1884), descoberta até então única para sítios europeus daquela época (Cardoso & Rolão, 2002/2003). O Cabeço da Arruda apresentava as mesmas espécies de fauna malacológica identificadas no Arneiro do Roquete, sendo a *Lutraria compressa* e a *Cardium edule* as mais abundantes e consideradas na altura como a base da alimentação desta população (Ribeiro, 1884:287). Relativamente à indústria material deste concheiro, era vasta e variada tanto em forma, como em matéria-prima, fazendo os investigadores refletir acerca da sua utilidade e grau de aptidão de quem as fez. As esquirolas e os utensílios em sílex e quartzito encontrados nos vários concheiros, não traziam dúvidas a Ribeiro quanto a uma atividade humana propositada e a sua importância no quotidiano destas populações (Cardoso & Rolão, 2002/2003: 13; Ribeiro, 1884: 284). Ribeiro refere ainda a ausência

de cerâmica e de machados de pedra polida, bem como argumenta acerca da organização da ocupação espacial dos concheiros. Terminando com ideias gerais e discussão acerca deste complexo de sítios, Ribeiro lança ainda a ideia de que o mesmo dataria do período Neolítico: “*Mais quelles que soient les races auxquelles on puisse rapporter ces hommes, il me semble que leur apparition dans nos régions, correspond au commencement de l'époque néolithique, où, géologiquement parlant, à la fin du dernier mouvement ascensionnel de la partie occidentale de notre pays. Ce fait, une fois prouvé, suffirait pour déterminer l'âge de nos kioekkenmoeddings*” (Ribeiro, 1884: 288). Por esta altura, a Arqueologia em Portugal encontrava-se numa fase de grande desenvolvimento, tendo visto Carlos Ribeiro, um dos seus grandes impulsionadores, falecer em 1882.

A morte de Ribeiro não desacelerou os trabalhos no vale do Tejo. Nery Delgado, anteriormente adjunto de Ribeiro, assumiu o cargo de diretor da então chamada Secção dos Trabalhos Geológicos de Portugal que, partilhando algumas das mesmas ideias de Francisco de Paula e Oliveira, autorizou o antropólogo a realizar novos trabalhos de campo nos concheiros do vale do Tejo (Cardoso & Rolão, 2002/2003; Paula e Oliveira, 1888).

Paula e Oliveira já havia participado ativamente no âmbito destes concheiros com uma comunicação na IX Sessão do *Congrès International d'Anthropologie e d'Archéologie Préhistorique* em Lisboa (1880), publicada em 1884. Entretanto, em 1881, publicou um estudo sobre o material antropológico recolhido até à data, com a mesma temática apresentada em Lisboa, em 1880. Um estudo muito descritivo em que comparou as características físicas desses esqueletos com as do homem europeu da época, sem nunca referir o número de indivíduos analisados, nem a sua proveniência exata. Identificou duas raças, *Dolicocephala* (dolicocéfalos) e *Brachycephalas* (braquicéfalos), tema que gerou, mais tarde, polémica entre Mendes Corrêa e H. Vallois, tendo sido encerrada por Ferembach com a publicação de um estudo detalhado sobre o material osteológico da Moita do Sebastião (Cardoso & Rolão, 2002/2003; Ferembach, 1974).

Em 1888, Paula e Oliveira publicou um importante trabalho onde explora os resultados obtidos entre 1884 e 1885 na Moita do Sebastião, Cabeço da Arruda e Cabeço da Amoreira, sendo que as escavações na Moita do Sebastião teriam apresentado os melhores resultados. O investigador descreve estes três concheiros e desenvolve várias ideias relativamente à fauna mamalógica, às várias indústrias e utilização do fogo, apresentadas como conclusivas quanto à existência de um novo período pré-histórico: *“Plus vraisemblablement on devra attribuer à nos kiokkenmoeddings une époque intermédiaire aux ages paléolithique et néolithique: le hiatus reconnu entre des deux ages s’atténuant ainsi, pour le Portugal du moins. Selon M. de Quatrefages, les kioekkenmoeddings - les portugais aussi bien que les danois – doivent même caractériser une nouvelle période archéologique, pour laquelle cet imminente savant propose le nom d’âge ou époque du chien, parce que l’on y reconnaît pour la première fois la présence de cet animal, depuis lors le compagnon assidu de l’homme.”* (Paula e Oliveira, 1888: 16). Este foi mais um passo para o reconhecimento dos concheiros do vale do Tejo enquanto sítio mesolítico. A parte final deste trabalho engloba os enterramentos descobertos (13 esqueletos recuperados em 1884 e 39 em 1885) e apreciações gerais sobre as inumações, bem como sobre as razões que levaram estas populações a escolherem estes locais para se estabelecerem. Oferecendo com esta última publicação novos dados para a discussão acerca dos concheiros do vale do Tejo, Paula e Oliveira falece em 1888, encerrando os trabalhos de campo do século XIX e marcando uma pausa nas investigações em Muge, que seriam apenas retomadas já no século XX.

3.2.1.2 - O século XX

Embora a retoma dos trabalhos de campo em Muge se tenha dado mais tarde, no início do século XX já se realizavam algumas publicações e estudos sobre materiais antropológicos e arqueológicos recolhidos no século XIX. Deve-se a Aurélio da Costa Ferreira a quebra dessa inatividade teórica. Em 1907, Costa Ferreira publicou dois artigos no mesmo ano, de idêntica temática (Ferreira, 1907a; Ferreira, 1907b). Comparando um crânio proveniente do Cabeço da Arruda e as suas características morfológicas com as de outros crânios encontrados em Muge e noutros sítios europeus,

Costa Ferreira destaca em ambos artigos as características negroides do crânio do Cabeço da Arruda, defendendo também a possibilidade de uma *raça de Muge*.

A questão da origem do *Homem de Muge* é referida por outros curiosos, sendo que dez anos mais tarde, volta a ser debatida por Mendes Corrêa, que viria a ter grande destaque nos estudos sobre os concheiros de Muge. Corrêa iniciou os seus estudos antropológicos sobre Muge em 1917, com uma publicação que teve como base o material osteológico que se encontrava nos Serviços Geológicos de Portugal. Debatendo e refutando a hipótese das origens neandertalóides das populações de Muge (Corrêa, 1917: 220-225), Corrêa apresentou uma avaliação geral dos aspetos sociais e materiais das mesmas (Corrêa, 1917), sendo que este trabalho refletiu a base teórica da argumentação que iria desenvolver sobre o assunto nos anos 20 e 30 (Cardoso & Rolão, 2002/2003).

Em 1919, Mendes Corrêa refere-se à já chamada *raça de Muge* como o *Homo afer taganus*. O investigador continuava a defender que as populações de Muge representadas nos indivíduos exumados e recuperados nos vários concheiros, apresentavam características negroides, destacando-se a face prognata e a fossa nasal larga (Corrêa, 1928). Estas ditas características fomentaram uma longa e polémica discussão ao longo da primeira metade do século XX, onde participaram vários investigadores nacionais e internacionais (*e.g.*, G. Hervé, H. Vallois, D. Ferembach, A. Atháide).

Apesar de já se ter deslocado aos concheiros de Muge em 1921 (Abrunhosa, 2012), é apenas em 1930, subsidiado pela Junta de Educação Nacional e com o consentimento da Casa Cadaval, proprietária dos terrenos, que Corrêa quebra quase meio século sem trabalhos de campo em Muge, tendo sido essencial o apoio de M. Alfredo Atháide, Joaquim R. dos Santos Júnior e R. de Serpa Pinto, colaboradores no então Instituto de Antropologia do Porto (Corrêa, 1931: 358). As primeiras escavações desenrolaram-se do dia 4 a 26 de Agosto de 1930², sendo que nesse mesmo ano, do dia

² É de referir que existe alguma discrepância nas datas das campanhas arqueológicas disponíveis na literatura, embora de pouca importância. As datas aqui apresentadas seguem Abrunhosa (2012), cujo trabalho se desenvolveu em torno de um acervo documental inédito que corresponde às quatro fases de campanhas arqueológicas (1930, 1931, 1933 e 1937) dirigidas por Mendes Corrêa no Cabeço da Arruda e Cabeço da Amoreira.

29 de Setembro a 2 de Outubro (Cardoso & Rolão, 2002/2003), iniciou-se uma nova campanha devido ao XV^e *Congrès International d'Anthropologie et Archéologie Préhistorique* (Coimbra-Porto). Tal como Ribeiro havia feito cinquenta anos antes, em 1880, Corrêa convidou os congressistas a visitar os concheiros de Muge (Corrêa, 1931) e observar esqueletos e variados materiais característicos *in situ* (Cardoso & Rolão). Na altura encontrava-se a dirigir as escavações no Cabeço da Amoreira (Cardoso & Rolão, 2002/2003), também indicado na literatura como Monte da Amoreira (Abrunhosa, 2012). O seu principal objetivo era a recolha de novos esqueletos que permitissem a confirmação da origem das populações de Muge e reforçariam, quiçá, a sua ideia do *Homo afer taganus* (Abrunhosa, 2012; Cardoso & Rolão, 2002/2003). Por ter sido apenas alvo de sondagens limitadas no século XIX, o Cabeço da Amoreira figurou como primeira escolha para Corrêa (Corrêa, 1933). Os trabalhos de campo dirigidos pelo próprio tiveram continuação em 1931 e 1933 no Cabeço da Amoreira, estendendo-se ao Cabeço da Arruda nos anos de 1933 e 1937 (Cardoso & Rolão, 2002/2003).

Rui de Serpa Pinto, o principal pilar de Corrêa (Gonçalves, 1986), dedicou pelo menos dois trabalhos aos resultados das escavações realizadas no Cabeço da Amoreira. Num aborda a fauna mamalógica, o material lítico, os adornos e os esqueletos exumados (Pinto, 1931a), sendo que no segundo faz uma síntese dos trabalhos realizados no ano de 1931, inventariando os até então conhecidos concheiros na ribeira de Muge. Referenciou ainda dois novos concheiros na margem direita do Tejo: Camarnal-Alenquer e Casal da Amendoeira-Carregado (Pinto, 1931b).

Um dos primeiros trabalhos publicados acerca das intervenções arqueológicas de Corrêa data de 1933, sendo resultado de uma comunicação apresentada no já referido XV^e *Congrès International d'Anthropologie et Archéologie Préhistorique*. Referindo-se acerca de Cabeço da Amoreira, Corrêa abordou a metodologia de escavação empregue, descreveu a estratigrafia do sítio e fez uma análise sumária do material encontrado (fauna mamalógica e malacológica e utensílios em pedra e osso). A área escavada por Corrêa seria constituída por camadas irregularmente dispostas de conchas, cinzas, carvões, lodo, areia, ossos, entre outros (Corrêa, 1933, 1934). Relativamente à fauna mamalógica encontrada representava uma vasta coleção, não variando muito das espécies identificadas noutros concheiros. Tal como Paula e

Oliveira apontou em anos anteriores (Paula e Oliveira, 1888:9), Corrêa sugeriu que os animais seriam caçados e parcialmente processados em zonas mais afastadas, guardando-se apenas as partes do animal mais utilizáveis ou apreciadas (Corrêa, 1933: 362). É de salientar a presença de *Cardium edule* que se encontra em maioria no Cabeço da Amoreira, sendo que, por exemplo, no Cabeço da Arruda, embora existam restos desse bivalve, a *Lutraria compressa* prevalece. Foram também encontradas em números por vezes exorbitantes, pinças de caranguejo (Corrêa, 1933). A indústria lítica é apresentada como sendo pouco variada, tanto em sílex como em quartzito (Corrêa, 1933). Na areia estéril da base da camada arqueológica, identificaram covas circulares, com cerca de 60 centímetros de diâmetro, que se alargavam na direção da sua parte inferior, assemelhando-se a silos. Encontravam-se repletas de conchas, carvões, espinhas de peixes e pinças de caranguejo (Corrêa, 1933, 1934). Vários bivalves foram encontrados ainda fechados, levando Corrêa a crer que essas covas circulares seriam pequenos depósitos de provisões ou até fornos para cozinhar moluscos (Abrunhosa, 2012; Corrêa, 1933).

Relacionado com estas campanhas arqueológicas surge uma publicação de Alfredo Ataíde, em 1940, em que apresenta cinco dos esqueletos encontrados nos anos de 1930. Tanto no Cabeço da Amoreira como no Cabeço da Arruda teriam sido exumados cerca de 11 ou 12 indivíduos, em diferentes estados de conservação e, estratigraficamente falando, a diferentes profundidades (Ataíde, 1940). Rolão, com acesso aos cadernos de campo da equipa de Mendes Corrêa, soma no Cabeço da Arruda a descoberta de 14 indivíduos (Rolão, 1999; Umbelino, 2006).

Outras duas personagens que se destacaram na história das investigações em Muge foram Afonso do Paço e Hipólito de Cabaço. No início de século XX, Paço publicou o primeiro trabalho de compilação de dados sobre as investigações em Muge, apresentando um inventário dos sítios conhecidos até à data (Paço, 1932). Os artigos seguintes de Paço são, sobretudo, resenhas bibliográficas, dando-se aqui destaque à publicação de 1936, onde Paço refere os concheiros encontrados por Hipólito Cabaço, que realizou várias visitas ao vale do Tejo. Um dos seus objetivos era localizar o concheiro da Quinta da Sardinha, *i.e.* Arneiro do Roquete. Cabaço avança com a ideia de que Cova da Onça e Monte dos Ossos são, na realidade, redescobertas do Arneiro do

Roquete, perfazendo assim um único concheiro (Cardoso & Rolão, 2002/2003). Cardoso e Rolão (2002/2003) concluíram que Cova da Onça e Monte dos Ossos, ambos topónimos do século XX, eram correlacionáveis com o topónimo de Quinta da Sardinha que, por sua vez é também topónimo de Arneiro do Roquete. Ressalve-se apontar que segundo Breuil & Zbyszewski (1947), o nome de Arneiro do Roquete seria equivalente a Cabeço dos Morros, nome também por vezes referido ao longo da literatura. Segundo Cardoso e Rolão (2002:2003), esta não é uma ideia insustentável. Fica aqui a dúvida do número exato de concheiros descobertos no vale do Tejo, em especial na ribeira de Magos.

Durante cerca de duas décadas, os concheiros de Muge sofreram de falta de intervenções, devendo-se a Jean Roche e Octávio da Veiga Ferreira o retomar dos trabalhos de campo, decorridos entre 1952 e 1966 (Cardoso & Rolão, 2002/2003). Esta dupla de investigadores desenvolveu trabalhos de campos nos anos de 1952 a 1954 na Moita do Sebastião, de 1962 a 1964 e em 1966 no Cabeço da Amoreira, intervencionando também o Cabeço da Arruda em 1964 e 1965 (Cardoso & Rolão, 2002/2003).

O primeiro trabalho de Roche no âmbito dos concheiros de Muge reflete-se numa publicação de 1951, proporcionada por Corrêa que pôs à sua disposição os materiais arqueológicos recolhidos em anos precedentes, assim como os cadernos de campo e as notas pessoais relativas aos anos decorridos entre 1930 e 1937 (Cardoso & Rolão, 2002/2003). Resultando uma pequena monografia sobre a indústria lítica e óssea recuperada em escavações de Corrêa no Cabeço da Amoreira, sabe-se hoje que, no entanto, apenas parte do espólio disponível foi analisado. Logo no ano seguinte, Roche e Veiga Ferreira iniciam os seus trabalhos de campo sob a égide do Instituto de Antropologia da Universidade do Porto e financiamento do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, ambas instituições dirigidas por Corrêa (Cardoso e Rolão:2002/2003). A iminente destruição da Moita do Sebastião em Abril de 1952 terá, no momento, impulsionado os investigadores a avançar (Umbelino, 2006). O concheiro encontrava-se já parcialmente destruído por um trator-escavador, tendo o(s) proprietário(s) o intuito de ali estabelecer armazéns de descasque e recolha de arroz

(Cardoso e Rolão, 2002/2003). Tendo as camadas superficiais sido removidas, a camada de brecha da base do concheiro encontrava-se visível (Roche, 1972a). No mesmo ano de 1952, Roche publica numa curta nota alguns resultados da primeira campanha na Moita do Sebastião, o único concheiro intervencionado salientando a maior modernidade do mesmo comparativamente com o Cabeço da Amoreira (Roche, 1952).

Ao longo de várias décadas, Roche vai exibindo várias publicações (*e.g.*, 1954, 1956, 1957a, 1957b, 1959, 1964, 1967a, 1967b, 1967c, 1972a, 1972b, 1984, 1989; Roche & Veiga Ferreira 1957, 1967, 1972/1973), algumas relativas às campanhas arqueológicas dirigidas por si e a questões metodológicas, estratigráficas e outras problemáticas; noutras debruçando-se sobre a análise de enterramentos, de vestígios habitacionais (lareiras, buracos de poste, silos, entre outras) e a análise tipológica e estatística das várias indústrias recolhidas (Umbelino, 2006). As contribuições de Roche e Veiga Ferreira são inumeráveis, destacando-se uma em particular: a primeira datação absoluta de uma estação pré-histórica portuguesa, neste caso, o concheiro da Moita do Sebastião. Foi datada uma amostra de carvão (Sa-16), proveniente de um nível de base do concheiro escavado em 1954 e cujo resultado foi 7350 ± 350 BP (Roche, 1957b; Roche & Veiga Ferreira, 1972/1973: 471). Esta datação corresponderia assim, à ocupação mais antiga da Moita do Sebastião. Em 1971 foram datados carvões da mesma proveniência, i.e. lote, obtendo uma datação de 7080 ± 130 BP que valida a primeira obtida (Roche & Veiga Ferreira, 1972/1973: 471; Umbelino, 2006:93). O Cabeço da Amoreira e Cabeço da Arruda também foram alvo de datações sistemáticas pelos mesmos investigadores: em 1964 retiraram-se amostras de carvões, em ambos concheiros, dos níveis de base e nos níveis superiores, a fim de definir as suas balizas cronológicas. A partir dos resultados obtidos, a teoria de Roche de que o Cabeço da Amoreira seria o depósito artificial mais antigo é refutada, sendo Moita de Sebastião o mais antigo, seguindo-se Cabeço da Amoreira e, por fim, Cabeço da Arruda. Roche e Veiga Ferreira argumentaram ainda que estes três concheiros tiveram ocupações simultâneas mas desfasadas umas das outras (Roche & Veiga Ferreira, 1972/1973: 472-474).

Roche e Veiga Ferreira destacam-se ainda pelas várias publicações relativas à estratigrafia (*e.g.*, Roche & Veiga Ferreira, 1957; Roche, 1957, 1964/1965, 1967a, 1967b), temática pouco ou nada abordada pelos investigadores anteriores (Cardoso & Rolão, 2002/2003). Uma das publicações mais marcantes neste âmbito é a que aborda o Cabeço da Amoreira e o seu carácter habitacional: Roche volta a rejeitar a hipótese de que este concheiro e os demais seriam apenas necrópoles e zonas de despejo de detritos (Roche, 1964/1965). Em anos anteriores, já tinha sido argumentada a presença de três grandes períodos de ocupação no Cabeço da Amoreira, a partir de uma análise estratigráfica (Cardoso & Rolão, 2002/2003; Umbelino, 2006). Os trabalhos realizados no Cabeço da Arruda (1964-1965) também forneceram importantes dados que permitiram o conhecimento aprofundado da sua estratigrafia (Umbelino, 2006).

Outras das suas maiores contribuições data de 1960: a mais completa monografia sobre Moita do Sebastião que abarca tanto a história das investigações, como as diversas indústrias e faunas, a organização espacial e social e os enterramentos (Cardoso & Rolão, 2002/2003; Roche, 1972a). Complementar a esta monografia é o trabalho de Ferembach (1974), que apresenta um inventário dos esqueletos recuperados na Moita do Sebastião, assim como considerações gerais acerca de estudos antropológicos sobre Muge anteriores ao seu.

Encerrada em 1966 a segunda leva de trabalhos de campo com Roche e Veiga Ferreira, surgem nos anos de 1980 investigadores interessados em prosseguir tais trabalhos, nomeadamente Farinha dos Santos. Focando-se na ribeira da Fonte da Moça, descobre mais dois depósitos artificiais: Vale Fonte da Moça I e Vale Fonte da Moça II (Umbelino, 2006). Ambos encontravam-se parcialmente destruídos devido a atividades agrícolas. Nos relatórios de escavação e documentação acerca de Vale Fonte da Moça I disponíveis na atual Direção-Geral do Património Cultural, Farinha dos Santos refere que durante essas campanhas foram recolhidos diversos materiais que, apesar de algumas diferenças percentuais, apresentam afinidades tipológicas com os materiais recolhidos noutros concheiros de Muge. Estranhamente, nessa mesma documentação da DGPC, existe uma anotação que refere que este concheiro teria sido escavado por Roche, embora não exista mais nenhuma informação relativamente a esta ligação.

Existe também uma referência de que Farinha dos Santos realizou em 1987 duas campanhas arqueológicas, sendo que a primeira campanha terá sido sem autorização de qualquer entidade superior. Desta vez na documentação referente à Fonte da Moça II, é feita outra curiosa anotação, sem correlação, acerca de um espólio antropológico descoberto no século XIX por Paula e Oliveira: “(...) *seis esqueletos humanos, ritualmente sepultados (...)*”.

Em 1986 deu-se mais um passo para o conhecimento das balizas cronológicas dos concheiros de Muge. Realizaram-se as primeiras datações de ossos humanos, estes provenientes de escavações do século XIX (Lubell *et al.*, 1986; Meiklejohn *et al.*, 1986). Relativamente à Moita do Sebastião, os novos resultados obtidos reforçaram as primeiras datações realizadas em 1957 para o nível de base do concheiro (Umbelino, 2006). A partir destas novas datações, David Lubell e Mary Jackes (1988) consideraram que o concheiro de Moita do Sebastião teria sido ocupado de \pm 8000 a 7500 anos BP e o Cabeço da Arruda de c. 7800 a 7200 anos BP.

3.2.1.3 - O século XXI

O século XXI é essencialmente marcado por novas abordagens teóricas e metodológicas no âmbito de vários projetos de trabalho. Embora o seu envolvimento em investigações sobre os concheiros de Muge tenha começado no final do século XX, o trabalho de José Rolão é aqui englobado por se prolongar no século XXI. Sob a sua direção desenrolaram-se escavações arqueológicas entre 1997 e 2001 no Cabeço do Morros (Detry, 2001). Simultaneamente, no ano de 2000, iniciou uma série de intervenções no Cabeço da Amoreira e no Cabeço da Arruda (Umbelino, 2006), resultando na recuperação, entre outros, de vários esqueletos. É de referir a dissertação que entretanto termina em 1999 para obtenção do grau de doutor, em que aborda a história da investigação do Mesolítico no vale do Tejo a partir de literatura publicada e ainda material inédito, nomeadamente cadernos de campo de Carlos Ribeiro, Mendes Corrêa, Santos Júnior, Serpa Pinto e Veiga Ferreira (Umbelino, 2006). Rolão também analisou exaustivamente todo o material lítico e faunístico recuperado no Vale Fonte da Moça I, no Vale Fonte da Moça II, Fonte do Padre Pedro, Cabeço da Arruda, Cabeço

da Amoreira, Moita do Sebastião, Cova da Onça, Cabeço dos Morros, entre outros. Tendo também em conta os contextos funerários, apresentou uma interpretação social, económica e cultural dos sítios considerados.

Dos vários trabalhos decorridos entre 1997 e 2001 com direção de Rolão, é de destacar os seis enterramentos encontrados, quatro no Cabeço da Amoreira e dois no Cabeço do Arruda, ambos em áreas anteriormente escavadas por Roche e Veiga Ferreira entre 1972 e 1973 (Roksandic, 2006). Estes novos materiais osteológicos permitiram novas datações. A datação obtida para o enterramento CAM-00-01 (6630 ± 60 BP) encontrado na camada inferior do Cabeço da Amoreira foi tida como demasiado recente relativamente à sequência estratigráfica. Assim, a mesma deverá ter sido influenciada por uma baixa percentagem de colagénio no osso datado. Com a datação obtida para o enterramento CA-00-01 (6620 ± 60 BP) descoberto no nível mais acima do Cabeço da Arruda, Roksandic (2006) estabelece-a como marcando o fim cronológico da utilização deste concheiro enquanto área para enterramentos. Já para a camada inferior, enterramento CA-00-02, foram feitas duas datações por radiocarbono, usando carvão e osso humano. O carvão encontrava-se dentro da caixa torácica do esqueleto mas foram obtidas datações com uma inesperada discrepância. A antiguidade do carvão relativamente ao esqueleto é justificada pelo “*old wood effect*”. A partir destas novas datações, Rolão, Roksandic e Cunha concluíram que estas confirmavam as já obtidas por investigadores anteriores e representavam uma cronologia aproximada do momento em que, no Cabeço da Arruda, se iniciaram as atividades mortuárias (datação camada inferior) e o abandono do sítio (datação nível topo). Ainda é referido que as datações, tanto para o Cabeço da Arruda e o Cabeço da Amoreira, mostram a hipótese de ambos os concheiros terem sido simultaneamente usados enquanto área de enterramento ou usados intermitentemente e não necessariamente ao mesmo tempo, mas durante um mesmo período de tempo (Roksandic, 2006).

Apesar dos vários trabalhos desenvolvidos desde o início do presente século, destaca-se o projeto dirigido por Nuno Bicho que tem permitido um acumular de novos dados, assim como a reinterpretação de dados antigos (*e.g.*, Bicho *et al.*, 2009, 2010, 2011, no prelo-a, no prelo-b, no prelo-c; Bicho & Gonçalves, no prelo). Este projeto

multidisciplinar destaca-se pela sua metodologia e tecnologia nunca antes empregues nos concheiros do vale do Tejo. A reconstrução tridimensional do Cabeço da Amoreira, nível após nível, tem permitido importantes avanços teóricos para o entendimento da sua ocupação e das populações mesolíticas de Muge.

3.2.2 - Os sítios

Os concheiros mesolíticos de Muge constituem um complexo de sítios que se encontra numa área relativamente restrita do vale do Tejo, mais precisamente na sua margem esquerda, de jusante para montante (figura 1). Situados a cerca de 75 km de Lisboa, abrangem uma vasta área adjacente às vilas de Salvaterra de Magos e Muge, concelho de Salvaterra de Magos e distrito de Santarém, ao longo de três ribeiras afluentes do rio Tejo: ribeira da Fonte da Moça, ribeira de Magos e ribeira de Muge. Ocupam terraços fluviais médios e baixos, 15 a 30 metros e 5 a 10 metros respetivamente, preenchidos por areias do Plistocénico e com uma vasta rede hidrográfica (Gonçalves, 2009; Rolão, 1999; Umbelino, 2006).

Os sítios identificados na **ribeira da Fonte da Moça**, de jusante para montante, são:

- margem esquerda da ribeira - Fonte da Moça I e Fonte da Moça II (destruído);
- margem direita da ribeira - nenhum sítio identificado (destruído).

Já na ribeira da **ribeira de Magos**, de jusante para montante, temos:

- margem esquerda da ribeira - Cabeço dos Mórros e Magos de Baixo (destruído);
- margem direita da ribeira - Arneiro do Roquete (ou Cova da Onça ou Monte dos Ossos), Magos de Cima (destruído) e Cabeço da Barragem (destruído);

Para finalizar, foram também descobertos na **ribeira de Muge**, de jusante para montante:

- margem direita da ribeira - Fonte do Padre Pedro (destruído) e Cabeço da Arruda;
- margem esquerda da ribeira - Cabeço da Amoreira e Moita do Sebastião.



Figura 1 - Localização dos concheiros mesolíticos de Muge. Mapa de Célia Gonçalves.

Os concheiros de Muge são sítios de considerável dimensão que, tirando algumas exceções, têm área estimada de 2500 m² e entre 3 a 4,5 metros de altura. Apresentam também uma longa e complexa estratigrafia com vários níveis arqueológicos. São compostos maioritariamente por conchas, fauna diversa, materiais líticos e adornos (Arnaud, 1987; Roche, 1972; Rolão, 1999). Tal como já referido, uma das suas principais características são os mais de 300 indivíduos exumados nestes depósitos artificiais, ao longo de uma longa lista de intervenções arqueológicas, iniciada há precisamente 150 anos atrás. Relativamente aos recursos alimentares, sabe-se que os bivalves seriam mais utilizados por estas populações, em especial a

lambujinha, o berbigão e a amêijoia, ao passo que espécies como o veado, o javali, o auroque e o coelho, teriam uma representatividade numérica menor.

Principalmente devido às suas dimensões, tempo de ocupação e diversidade nas indústrias materiais, é aceite, numa perspetiva geral, que estes sítios teriam sido acampamentos base de carácter sazonal (Arnaud, 1987, 1989; Jackes and Meiklejohn, 2004; Roche, 1972, 1989). Por sua vez, foi argumentado por Rolão (1999) que estariam representados no complexo de Muge dois tipos de sítios: residencial e logístico. Moita do Sebastião, Cabeço da Arruda e Cabeço da Amoreira, sendo os sítios maiores, seriam residenciais, semi permanentes. Os restantes sítios, de menores dimensões e com uma menor representatividade de materiais arqueológicos e antropológicos, seriam concheiros de apoio, sazonais ou logísticos, representando ocupações mais curtas. Marchand (2001), com base nas características tecnológicas e tipológicas da indústria lítica, defende que estes concheiros seriam grandes locais residenciais, ocupados sequencialmente. No entanto, Bicho (2009; Bicho *et al.*, 2010), que tem vindo a realizar campanhas arqueológicas no Cabeço da Amoreira desde 2008, argumenta que é necessário analisar um conjunto de fatores de forma a entender a funcionalidade destes sítios, designadamente: a cronologia das ocupações, as estratigrafias, as estruturas de habitat, as tecnologias e tipologias das várias indústrias, o contexto ambiental da localização de cada concheiro, a fauna mamalógica e malacológica e a dieta humana (análise isotópica e oligoelementos). Debruçando-se acerca de alguns destes fatores, acaba por defender que, muito provavelmente, estes sítios não terão tido apenas uma única funcionalidade: uma das hipóteses seria que depois de uma primeira fase de ocupação de funcionamento paralelo (acampamento base e zona funerária), cada concheiro terá tido uma funcionalidade mais simples “(...) *com episódios de utilização funcional única, mas que no decorrer do tempo foi variada: funerária, por vezes, como acampamento base noutros momentos, ainda com depósito de restos, noutros momentos, talvez os mais frequentes de todos após as primeiras ocupações.*” (Bicho, 2009: 3-4).

3.2.2.1 - Fonte da Moça I

A Fonte da Moça I tem o seu assentamento sobre um baixo terraço fluvial quaternário, na cota 5-10 metros (Rolão, 1999). Deve-se a Eurico Henriques a descoberta deste concheiro, que recolheu alguns materiais que se encontravam à superfície, levando-os a Farinha dos Santos, em 1981. Como supracitado, o próprio realizou trabalhos de campo entre 1982 e 1986, com o objetivo de delimitar a área deste depósito através de sondagens e proceder a um levantamento topográfico. Foram recuperados material lítico, fauna malacológica e mamalógica e algum material antropológico. Lamentavelmente, terraplanagens feitas para atividades agrícolas tinham já destruído as camadas superficiais de uma parte do sítio (Gonçalves, 2009; Rolão, 1999).

Não são conhecidos contextos funerários definidos neste concheiro, mas segundo (Rolão, 1999) foram recolhidos alguns ossos soltos durante os trabalhos de campo. Esta informação foi confirmada a partir da documentação supracitada disponível na DGPC, referente às escavações dirigidas por Farinha dos Santos, em que são mencionados vários ossos soltos:

- camada superficial: 10 dentes e 3 fragmentos de osso;
- camada profunda: 9 dentes e 6 fragmentos de osso.

Na documentação supracitada disponível na DGPC e referente às escavações dirigidas por Farinha dos Santos, também são mencionados vários achados:

- 9 fragmentos de calotes humanas;
- 9 vértebras;
- diversos fragmentos de osso;
- 1 maxilar;
- 10 dentes;
- 1 crânio de uma criança.

Não é apresentada nenhuma contextualização, sendo que é apenas referido que os 10 dentes foram achados isolados, não explicando se foram achados juntos mas isolados dos restantes materiais osteológicos ou se foram achados isolados, individualmente. Estas informações apenas permitem estabelecer um NMI de 1 para este sítio. Uma análise antropológica permitiria, no mínimo, definir um NMI mais coeso, tendo em conta que é possível que estes restos osteológicos não pertençam todos ao mesmo indivíduo.

Infelizmente, a escassez de dados não permite fazer nenhuma análise de variabilidade funerária.

3.2.2.2 - Fonte da Moça II

A Fonte da Moça II localiza-se a cerca de um quilómetro e meio da Fonte da Moça I, a uma cota de 24 metros (Gonçalves, 2009).

Quanto foi descoberto, em 1984, este concheiro abrangia duas propriedades, estando apenas intacto numa delas: uma das zonas teria sido completamente terraplanada para a plantação de uma vinha, destruindo uma área de cerca de 1,30 metros mas deixando visível um corte estratigráfico (Rolão, 1999). A restante área, de aproximadamente 2500 m², indicava estar intacta e sua estratigrafia apresentava-se idêntica à da Fonte da Moça I. Nos final dos anos de 1980, Farinha dos Santos realizou sondagens que evidenciaram estruturas de combustão que incluíam fauna malacológica e ictiológica e material lítico em sílex, não sendo conhecido nenhum material osteológico ou funerário (Gonçalves, 2009; Rolão, 1999). Farinha dos Santos refere que, no século XIX, Paula e Oliveira terá descoberto “(...) *seis esqueletos humanos, ritualmente sepultados (...)*”. Esta informação advém de documentação supracitada e disponível na DGPC, referente a escavações dirigidas por Farinha do Santos. Na realidade, estes esqueletos foram descobertos quase à superfície, na Fonte do Padre Pedro, em 1880, sendo esta a única informação disponível.

Por não existirem dados antropológicos acerca deste concheiro também não será considerado para a análise mortuária.

3.2.2.3 - Fonte do Padre Pedro

A Fonte do Padre Pedro situa-se num baixo terraço de 15 metros e a cerca de dois quilómetros do Cabeço da Arruda. Sabe-se que teria um comprimento entre 90 a 100 metros e uma largura de 40 a 50 metros. Apesar das suas grandes dimensões nos dois eixos principais, teria apenas cerca de um metro de altura. Encontra-se presentemente destruído, devido à plantação de uma vinha (Gonçalves, 2009; Pereira da Costa, 1864; Rolão, 1999).

O material recolhido neste depósito natural é escasso, tendo sido identificado restos osteológicos humanos e de ruminantes (*e.g.*, *Cervus*, *Bos*, *Ovis*, entre outros). As espécies de bivalves eram variadas: *Cardium*, *Ostrea*, *Tapes* e *Lutraria*, em predominância. Os ossos encontrados, tanto humanos como de animais, apresentavam aglomerados de conchas de espécie *Lutraria*, o que na altura foi visto como indício de contemporaneidade entre estes achados arqueológicos.

Relativamente a restos osteológicos humanos e contextos funerários na Fonte do Padre Pedro, Ribeiro (1867) refere, para além de um fémur humano, o descobrimento de quatro esqueletos, quase à superfície, sepultados com indústria material romana, que pela sua cronologia, não são tidos em conta neste estudo. Pereira da Costa refere também outro esqueleto, este assente sobre as areias do concheiro (Pereira da Costa, 1864; Ribeiro, 1884).. Por sua vez, Paula e Oliveira descobriu mais 6 esqueletos, quase à superfície, em 1880 (Paula e Oliveira, 1888). O NMI para este sítio é então de 11.

Apesar de haver indicação do número exato de esqueleto e a sua cronologia, estas variáveis não são suficientes para a análise pretendida.

3.2.2.4 - Flor da Beira

O concheiro da Flor da Beira está localizado entre a Fonte do Padre Pedro e o Cabeço da Arruda, estando hoje destruído. Foi identificado em 1935 por Hipólito Cabaço, sendo que em 1938, Paço descreve-o apontando o facto de que se encontrava coberto por plantações. Alguns investigadores, tal como Rolão, concluem a inexistência deste concheiro, cuja localização terá sido resultado de uma má interpretação. Pouco se sabe acerca deste concheiro, não havendo grandes referências de materiais

arqueológicos recolhidos, que foram mínimos, nem antropológicos (Gonçalves, 2009; Rolão, 1999).

3.2.2.5 - Cabeço da Arruda

O Cabeço da Arruda, descoberto em 1863 (Ribeiro, 1884), localiza-se a quase três quilómetros da Fonte do Padre Pedro, num terraço com cota de 15 metros, estando assim, num estrato de transição entre os baixos e médios terraços. É também o depósito artificial mais próximo do leito da ribeira de Muge (Gonçalves, 2009; Ribeiro, 1884; Rolão, 1999).

A primeira publicação sobre o Cabeço da Arruda, tendo sido também a primeira publicação acerca de Muge, foi da autoria de Pereira da Costa (1865), sendo uma das mais antigas monografias portuguesas (Cardoso & Rolão, 2002/2003: 13). É redigida uma extensa descrição dos níveis estratigráficos na área onde foram exumados cerca de 45 indivíduos, debruçando-se também acerca dos processos de formação do próprio concheiro. Apresentado como uma pequena elevação, este concheiro é escrito como sendo “(...) *de fôrma oval alongada com um declive suave na sua vertente norte-oriental, e abrupto na do lado oposto: (...) há uma largura de 10 metros e todo coberto de detritos mui miudos de conchas; na base da vertente oposta e nas extremidades d’este cabeço acha-se a descoberto a arenata do pliocene novo, que é por conseguinte o deposito sobre que assenta o cabeço, o qual tem 95 metros de comprimento na direcção do sueste ao noroeste, 40 metros de largura, 5 de altura sobre a planície areosa e 10 a 12 metros acima do plano do paul do Duque, que lhe está adjacente.*” (Pereira da Costa, 1865: 4)³. O corte exposto na altura revelou várias camadas, leia-se *leitos*, pouco contínuas e com diferentes inclinações e extensões e um sedimento onde são visíveis fragmentos de carvões e areia, havendo uma predominância de conchas. As proporções destes materiais eram variáveis. Quanto à indústria apresenta-se vasta,

³ Existem algumas discrepâncias quanto às dimensões do Cabeço da Arruda. Enquanto Pereira da Costa descreve o concheiro como acima citado, Ribeiro refere, num dos seus caderno de campo, que a largura do concheiro seria de cerca de 30 a 60 metros (N-S) (Gonçalves, 2009:58), enquanto numa publicação de 1884, aponta para uma altura de 7 metros e um comprimento entre 100 a 60 metros nos seus eixos principais (Ribeiro, 1884:282).

diversificada em forma e matéria-prima (Pereira da Costa, 1865; Ribeiro, 1884). Mais tarde, em 1967, após várias campanhas de escavação neste concheiro e no Cabeço da Amoreira, apresenta uma longa e exaustiva descrição dos 88 níveis arqueológicos identificados durante os trabalhos de campo dirigidos por ele e por Veiga Ferreira. Afirma ainda que apesar do Cabeço da Amoreira não apresentar uma estratigrafia tão complexa, ambos apresentam níveis com a mesma composição.

O Cabeço da Arruda foi cedo considerado por investigadores como sendo o concheiro mais importante do complexo de Muge, maioritariamente pelos esqueletos descobertos e extensa estratigrafia. Para além de Ribeiro, outros investigadores realizaram trabalhos de campo no Cabeço da Arruda. Mendes Corrêa dirigiu campanhas arqueológicas neste concheiro em 1933 e 1937, seguindo-se Jean Roche e Veiga Ferreira em 1964 e 1965. Mais recentemente, em 2000, José Rolão realizou trabalhos de campo com o intuito de preservar o concheiro.

O Cabeço da Arruda foi alvo de várias intervenções, tendo sido recolhido vários materiais antropológicos. Em 1863, Ribeiro realizou uma recolha de superfície e realizou campanhas arqueológicas em 1864 e 1880 (Ribeiro, 1864, 1884). Sucede-se Paula e Oliveira em 1884 e a 1885 (Paula e Oliveira, 1888), Mendes Corrêa em 1933 e 1937, Jean Roche e Veiga Ferreira em 1964 e 1965 e, por fim, Rolão em 2000.

Carlos Ribeiro – 1863, 1864, 1880

Ribeiro refere ter encontrado uma falange humana numa recolha superficial durante o reconhecimento deste concheiro, em 1863 (Ribeiro, 1867).

Carlos Ribeiro - 1864

Em 1864, continuando os trabalhos do ano anterior, são encontrados “(...) *um grand nombre de pièce de squelettes humains appartenant à 40 ou 45 individus d’âges différent, la plupart, disloqués de leur position anatomique, cassés et se montrant dans les positions les plus anormales qu’on puisse imaginer.*” (Ribeiro, 1880 : ?). Pereira da Costa relata que teriam encontrado “(...) *um número não inferior a 45 (...)*” (Pereira da Costa, 1865:13). Em nenhuma publicação é apresentado um número certo, sendo que para este estudo, são considerados 45 indivíduos exumados.

Numa publicação em que descreve exaustivamente a estratigrafia do Cabeço da Arruda, Pereira da Costa esclarece onde se encontravam os esqueletos.

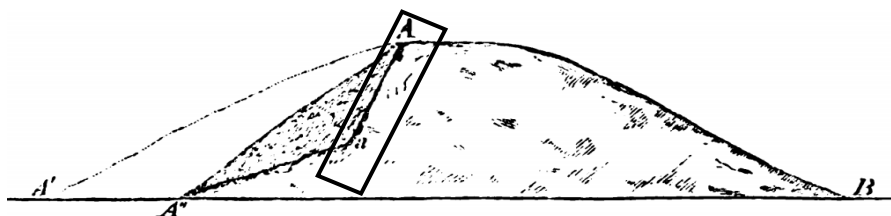


Figura 2 - A distância A-a representa a profundidade do Corte NO-SE da campanha arqueológica de 1864, no Cabeço da Arruda. (Adaptado de Pereira da Costa, 1865).

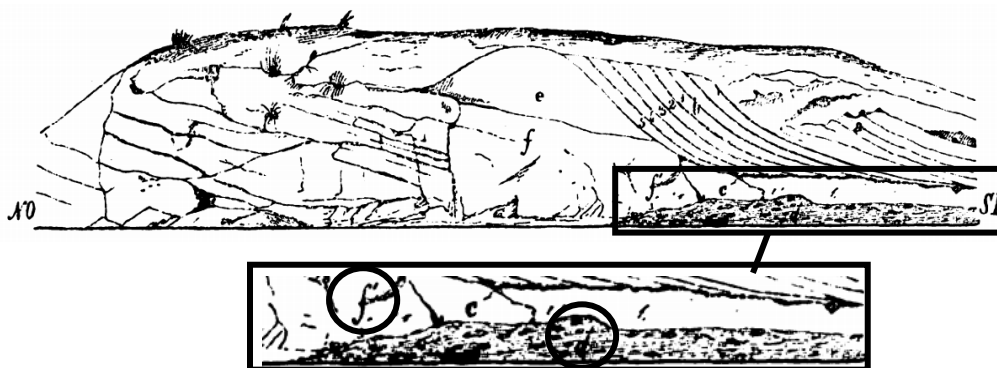


Figura 3 - Corte NO-SE da campanha arqueológica de 1864, no Cabeço da Arruda, com sinalização da camada *d*. (Adaptado de Pereira da Costa, 1865).

Pereira da Costa refere-se à camada *d* como sendo “(...) o plano inferior ao leito antecedente, onde se acharam os esqueletos e o deposito de detritos de conchas, que os envolvia e sobre que assentavam (...) e *f'*, a do deposito *d*, onde tambem se acharam alguns ossos humanos.” (Pereira da Costa, 1865: 7). A camada *d* continha fragmentos de carvões e alguns seixos irregularmente dispersos e encontrava-se no topo de uma

camada de considerável espessura de *Lutraria* sem mistura de ossos de animais e sob uma camada de seixos, alguns queimados, fragmentos de carvões e fragmentos de ossos de animais mamíferos.

Os esqueletos encontravam-se sepultados em espaços reduzidos, alguns deitados de costas, outros de lado e com as cabeças para noroeste. Os crânios estavam esmagados, assim como alguns ossos se encontravam fraturados, muito provavelmente devido ao peso do sedimento. Existem duas descrições, sendo uma delas:

“Um esqueleto quasi completo, que se conserva ainda na massa detrítica que o envolve, estava em uma posição proxima da horizontal, tendo apenas a cabeça um pouco elevada em relação ao resto do corpo.

O cráneo tem uma fractura em cruz sobre o parietal direito, e este osso está alem d’isso alluido na sutura que o une ao do lado oposto; o frontal está tambem fracturado pela sua antiga linha de sutura, e os temporaes acham-se desarticulados e um pouco desviados para fóra: ha ainda a notar o esmagamento do cráneo sobre a face com depressão d’esta para o interior segundo a linha horizontal que passa pela raiz do nariz.

A caixa thoracica está achatada e desviada para o lado direito, e a columna vertebral descoberta pela parte anterior aflora com as vertebrae dorsaes logo abaixo da maxilla inferior, parecendo desder da symphose d’este osso; a região cervical deve estar oculta pelas maxillas na cavidade bocal.

As extremidades superiores estão na altura conveniente, a direita estendida ao longo do tronco, e a esquerda com o antebraço dobrado e posto entre o tronco e o humero: as clavículas estão fóra do seu lugar, mas conservam-se ambas sobre o thorax.

A pelve está na sua posição normal, mas as extremidades inferiores são dobradas sobre o ventre; os fémures quebrados próximo às articulações, tendo ficado os condylos as suas fossas; as pernas são dobradas sobre as coxas, e os pés faltam, provavelmente porque se perderam no acto da extracção.” (Pereira da Costa, 1865: 14)

O segundo esqueleto descrito encontrava-se a pouca distância do primeiro, depositado em decúbitos dorsal e com os membros inferiores ligeiramente dobrados, “(...) *a coxa do lado esquerdo posta de modo que as pernas se cruzavam passando a direita por baixo da esquerda.*” (Pereira da Costa, 1865: 14). Era um indivíduo jovem, do sexo feminino. Sabe-se ainda que foram descobertas vários crânios misturados com ossos em posições estranhas.

Estas são as únicas informações disponíveis acerca dos 45 esqueletos exumados em 1864. Os restos antropológicos que foram feitos tanto por Pereira da Costa (1865) como por Paula e Oliveira (1881) não fornecem nenhuma informação corroborável com as aqui descritas.

Carlos Ribeiro - 1880

Das escavações posteriores sabemos que, em 1880, num ano em que Ribeiro dirigia escavações simultaneamente no Cabeço da Arruda e na Moita do Sebastião, foram exumados mais de 120 esqueletos entre estes dois concheiros (Ribeiro, 1884). Em apreciações gerais, Ribeiro apenas refere que não foram encontrados materiais líticos ou ósseos associados aos enterramentos, à exceção de várias peças em sílex (“*petits couteau em sílex*”) perto de alguns esqueletos. Salienta ainda um alinhamento aproximado dos esqueletos, orientação para noroeste e refere que os enterramentos não se encontravam dispersos pela área do concheiro, sendo que acreditava que escolhessem uma área do concheiro a cerca de 20 ou 40 metros da zona de habitação para sepultar os mortos. Ao fim de algum tempo, voltariam a usar a dita área como zona de habitação, passando a usar a área abandonada como nova área de enterramentos.

Paula e Oliveira - 1884, 1885

O antropólogo dirigiu escavações simultaneamente na Moita do Sebastião, Cabeço da Arruda e Cabeço da Amoreira, recuperando, no total, 52 esqueletos: em 1884, 13 indivíduos e em 1885, 39 indivíduos, de idades várias. Apenas se sabe que um desses esqueletos era proveniente do Cabeço da Arruda (Paula e Oliveira, 1888).

Mendes Corrêa – 1933, 1937

Os dados acerca dos esqueletos descobertos durante estas campanhas são escassos, havendo uma única publicação com alguma informação (Ataide, 1940). A informação usada para o presente estudo foi retirada de Abrunhosa (2012), Cardoso & Rolão, 2002/2003 e Rolão (1999), que tiveram acesso a cadernos de campo a outra documentação de Corrêa e membros da equipa do próprio. A partir dessa documentação sabemos que no total, Corrêa terá descoberto 12 indivíduos, o que corrobora os dados de Ataíde, que diz que Corrêa terá descoberto entre 11 a 12 esqueletos.

Jean Roche e Veiga Ferreira – 1964, 1965

O mesmo se sucede com as campanhas arqueológicas dirigidas por Jean Roche e Veiga Ferreira.

Rolão – 2000

Durante uma campanha de salvamento, em que se concentraram nas áreas previamente escavadas por Roche e Ferreira, encontraram 2 esqueletos, ambos na camada superior da sequência estratigráfica, embora um mais acima que o outro (Roksandic, 2006):

- CA-00-01 (último nível da camada do topo): grande parte deste enterramento foi destruído por uma toca de coelho, não permitindo perceber a posição original do indivíduo. Foi encontrado um triângulo no sedimento que preencheu o crânio fraturado, mas devido à perturbação provocado pela toca do coelho, não podemos ter a certeza da sua associação ao enterramento.
- CAA-00-02 (base): enterramento orientado para OE, o indivíduo em decúbitos dorsal e os braços estendido ao longo do tronco. O indivíduo teria sido, muito provavelmente, depositado com as pernas ligeiramente fletidas. Este enterramento encontrava-se coberto por um espesso nível de conchas partidas, com uma quantidade de carvão substancial.

3.2.2.6 - Moita do Sebastião

Moita do Sebastião, também designado por Fonte da Burra, encontra-se a uma cota de cerca de 16 metros acima do leito da ribeira de Muge. É descrito como tendo uma forma elíptica com cerca de 300 m² e com uma altura máxima de 2,5 metros (Gonçalves, Paula e Oliveira, 1888).

Hoje está quase completamente destruído: em 1952 foi arrasado para a instalação de um complexo industrial de arroz, sendo que as máquinas puseram a descoberto as camadas da base deste concheiro. Moita do Sebastião encontra-se amplamente descrito na obra de Roche de 1972 (Cardoso e Rolão, 2002/2003; Roche, 1972) e é talvez o concheiro de Muge melhor conhecidos e mais publicados (*e.g.*, Roche. 1954, 1956, 1957^a, 1957^b, 1959, 1964, 1972^a, 1983, 1989; Roche e Veiga Ferreira, 1957, 1972/1973). As coleções de materiais recolhidos são vastas, tanto em utensílios líticos, como em fauna mamalógica e malacológica, sendo que também existe alguma indústria óssea. A estratigrafia deste sítio é irregular, o que é uma característica comum nos concheiros de Muge. Uma das características mais marcantes da Moita do Sebastião são as evidências de organização intra-sítio que mostram claramente duas áreas separadas de funcionalidade: uma para habitação com silos, fossas e buracos de poste e outra para enterramentos.

Tal como sucedeu com o Cabeço da Arruda e Cabeço da Amoreira, este concheiro foi alvo de várias intervenções, com trabalhos de campo dirigidos por Paula e Oliveira e Jean Roche e Veiga Ferreira. Os resultados advindos das escavações realizadas por Ribeiro e Paula e Oliveira estão já supracitados no ponto 4.3.4, não havendo mais nenhuma informação relativamente a esses contextos funerários.

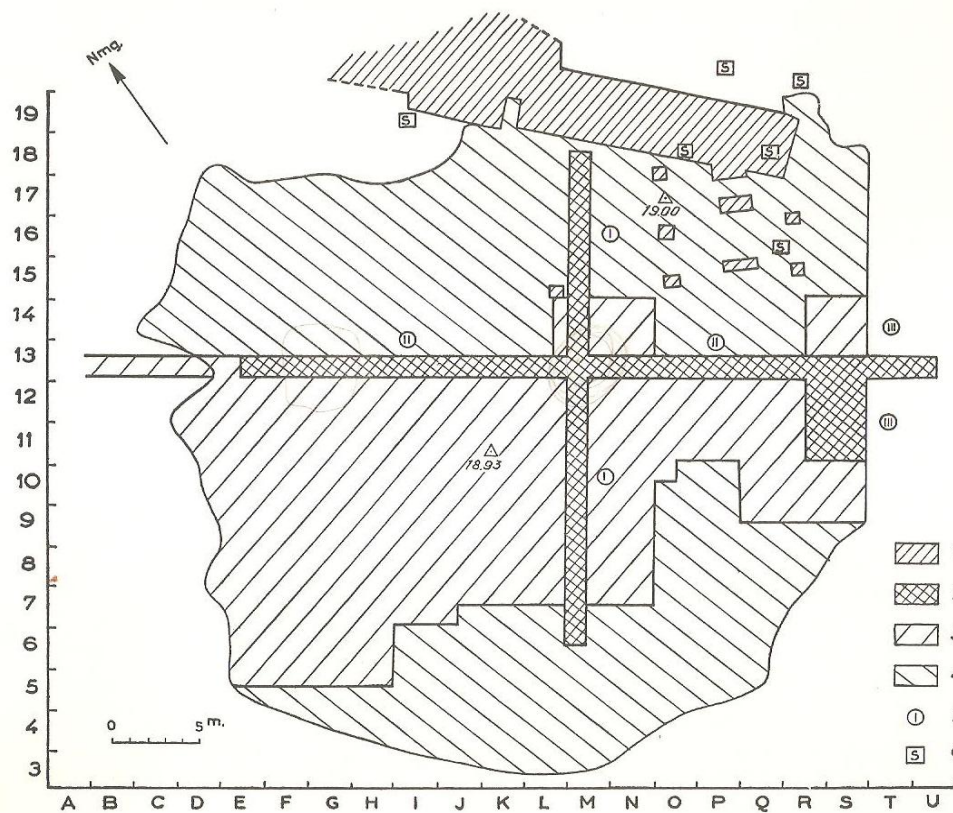


Figura 4 – Planta com as áreas intervencionadas na Moita do Sebastião. 1 – Campanha de 1884 e 1885 (Paula e Oliveira), 2 – Campanha de 1952 (Jean Roche e Veiga Ferreira), 3 – Campanha de 1953 (Jean Roche e Veiga Ferreira), 4 – Campanha de 1954 (Jean Roche e Veiga Ferreira), 5 – localização dos cortes, 6 – Área de sondagens de 1953. (Retirado de Roche, 1972: 30).

Após as campanhas de às campanhas do século XIX, os novos trabalhos de campo foram desenvolvidos neste concheiro, quase 70 anos depois, com direção de Roche e Veiga Ferreira (Roche, 1972a).

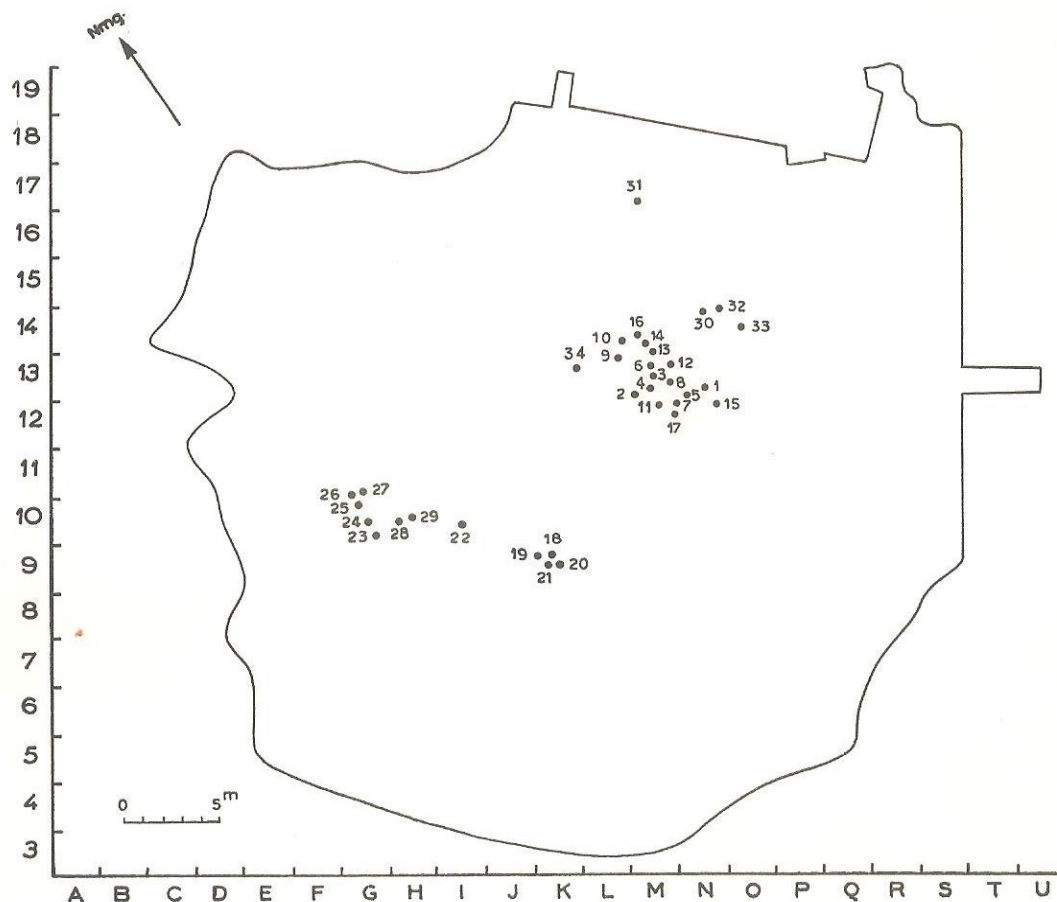


Figura 5 – Planta com os enterramentos descobertos entre 1952 e 1953. (Retirado de Roche, 1972a).

Os resultados destes trabalhos de campo são amplamente públicos, sendo que Moita do Sebastião, apesar da sua parcial destruição, é o concheiro melhor conhecido. Roche pôs a descoberto 34 enterramentos (Roche, 1972a), alguns múltiplos, cujo material antropológico foi estudado por Ferembach (1974) que analisou todos os esqueletos encontrados na Moita do Sebastião, isto é, incluindo as escavações realizadas por Ribeiro e Paula e Oliveira.

3.2.2.7 - Cabeço da Amoreira

O Cabeço da Amoreira encontra-se localizado num terraço de cota de 22 metros, estando de frente ao Cabeço da Arruda, mas margem oposta da ribeira de Muge, e cerca de um quilómetro da Moita do Sebastião, sendo que são perfeitamente visíveis um do outro (Gonçalves, 2009; Paula e Oliveira, 1888).

Embora descoberto em 1864, foi apenas alvo de algumas sondagens, tendo sido Paula e Oliveira o primeiro investigador a realizar escavações neste concheiro, em 1884 e 1885 (Paula e Oliveira, 1888). A este seguiram-se Mendes Corrêa (1930, 1931, 1933), Jean Roche e Veiga Ferreira (1962, 1963, 1964, 1966) (Cardoso & Rolão, 2002/2003), Rolão (2000) e Bicho (2008-actualidade). Este concheiro é o que se conhece cronoestratigraficamente, como iremos ver mais à frente.

Os materiais recolhidos são variados mas comuns aos outros concheiros: fauna malacológica (maioritariamente lamejinha e berbigão) e mamalógica, indústria lítica (sílex, quartzo, quartzito) e óssea, materiais antropológicos. Mendes Corrêa identificou na base deste concheiro o que parecem ser pequenos depósitos de armazenamento de provisões ou fornos para cozinhar: depressões circulares, com cerca de 60 cm de diâmetro, repletas de conchas, carvões, espinhas e pinças de caranguejo (Corrêa, 1933, 1934).

Paula e Oliveira - 1884, 1885

Tal como referido anteriormente, Paula e Oliveira efetuou trabalhos de campo na Moita do Sebastião, Cabeço da Arruda e Cabeço da Amoreira, recuperando, no total, 52 esqueletos, não se sabendo até hoje quanto terá exumado de cada um desses concheiros (Paula e Oliveira, 1888).

Mendes Corrêa (1930, 1931, 1933)

Baseando-nos em dados obtidos por Abrunhosa (2012) e Rolão (1999), que tiveram acesso direto a cadernos de campo de Mendes Corrêa e colaboradores existiram:

- 4 esqueletos na camada superficial;

- fragmentos de um esqueleto na camada intermédia;
- 4 esqueletos na camada profunda.

Roche e Veiga Ferreira (1962, 1963, 1964, 1966)

- 4 esqueletos na camada superficial;
- 5 esqueletos na camada intermédia;
- 8 esqueletos na camada profunda.

Rolão (2000/2001)

Durante a campanha de salvamento, encontraram três esqueletos, embora um mais acima que o outro (Roksandic, 2006):

- CAM-00-01 (base): enterramento intacto de uma criança enterrado num espaço muito pequeno. Encontrava-se em decúbitos dorsal, com as pernas fletidas por cima do tronco, seguras pelo braço esquerdo. Este enterramento terá sido feito numa cova não muito profunda e de pequenas dimensões.
- CAM-01-01 e CAM-01-02 (topo da sequência estratigráfica): enterramento múltiplo com 4 indivíduos (pelo menos um indivíduo jovem, outro adulto e uma criança). Estado de conservação mau, não permitindo grandes conclusões quanto à organização do enterramento ou posição dos indivíduos.

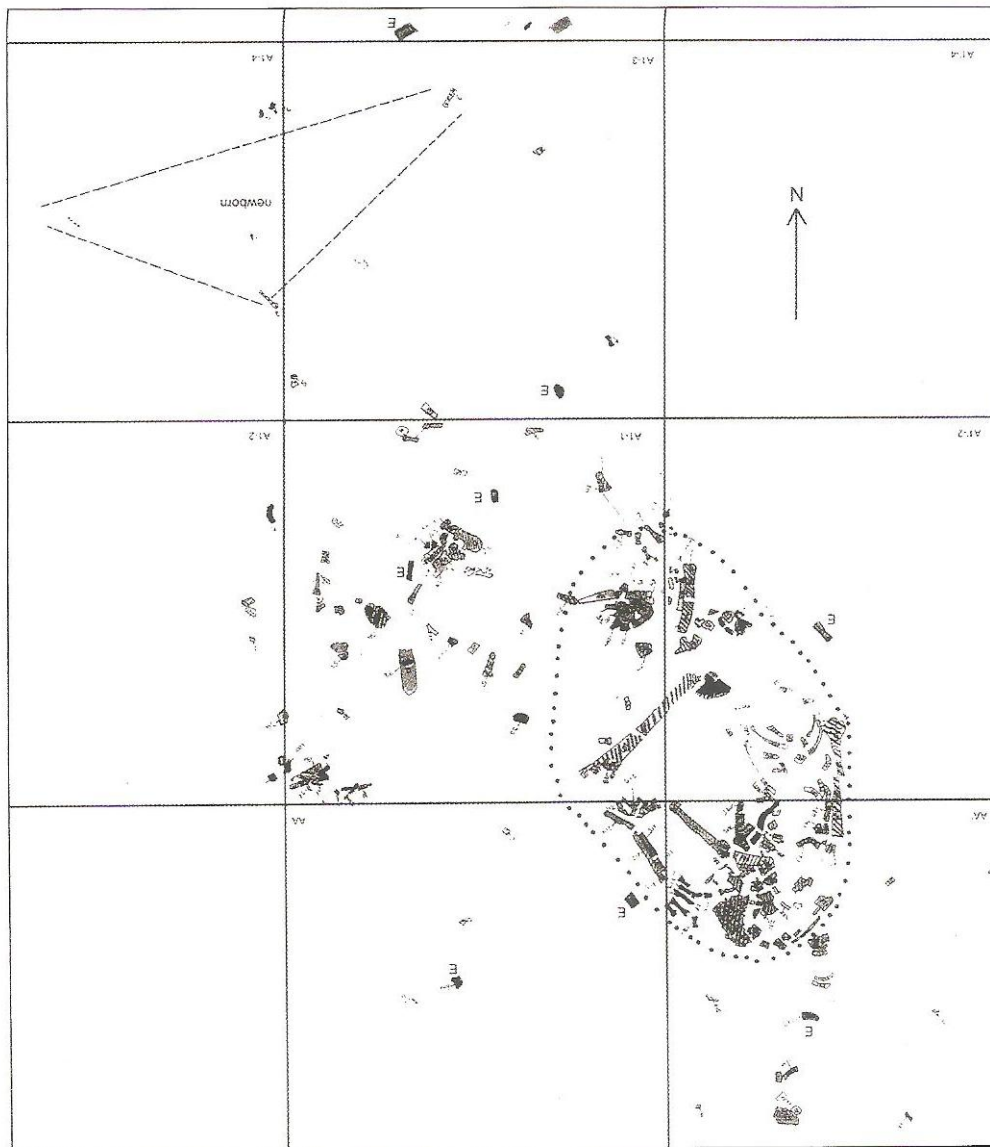


Figura 6 – CAM01-01 (quadrados A1, AA e A1') e CAM01-02. A letra E representa ossos de um adulto e, possivelmente, de um jovem (Roksandic, 2006).

Bicho (2008-actualidade)

Em 2011 e 2012, foram descobertos mais três enterramentos no Cabeço da Amoreira por uma equipa interdisciplinar dirigida por Bicho. A metodologia utilizada tanto em campo como em laboratório permitiu uma precisa reconstituição destes

As práticas funerárias nos concheiros de Muge – O caso dos concheiros de Muge

enterramentos: com o uso de uma estação total, foi possível registar tridimensionalmente a localização exata de cada elemento que compunha o enterramento, nível a nível.

O enterramento 1 corresponde à inumação de uma criança que teria entre um a três anos. O esqueleto encontra-se dividido em vários blocos de ossos que levam a crer que este indivíduo terá sido sepultado numa posição fetal. Foi encontrado na base do concheiro.

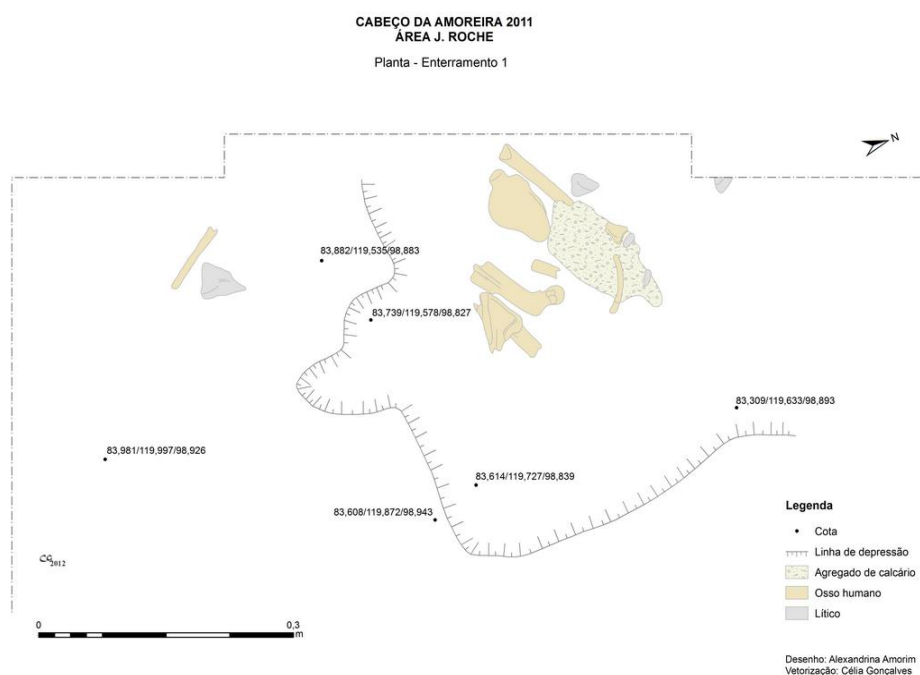


Figura 7 – Planta do enterramento 1, Cabeço da Amoreira.

O segundo enterramento encontrado pertence a um indivíduo de sexo feminino entre os 20 e os 35 anos e estava localizada em níveis intermédios. Encontrava-se em decúbito dorsal, para o lado esquerdo, com as pernas fletidas. A cabeça encontrava-se descaída, o que deverá ter sido causado por processos pós-deposicionais. A mão direita encontrava-se sobre o joelho direito e o braço esquerdo completa fletido, permitindo a mão esquerda ficar colocada sobre o peito. Foram definidos vários níveis de 5

As práticas funerárias nos concheiros de Muge – O caso dos concheiros de Muge

centímetros, onde se encontravam diferentes materiais, tanto líticos como faunístico, considerados como pertencentes ao enterramento. O corpo foi depositado em cima de um nível de *Scrobicularia plana* (lamejinha) que cobria um nível de seixos encontrados na base do enterramento. Por cima do esqueleto, na zona da cabeça e do peito, predominava a presença de *Scrobicularia plana*, enquanto por cima das pernas encontravam-se conchas de *Cerastoderma edule* (berbigão) em maior quantidade. Foram também identificadas dezenas de pinças de caranguejo, carvões e algumas conchas perfuradas. O enterramento em si era constituído maioritariamente por conchas de berbigão, fator muito importante, tendo em conta que o tipo de bivalve que predomina na restante área do concheiro é a lamejinha. Não existem grandes dúvidas que este complexo enterramento foi resultado de um enterramento intencional e cuidadoso.

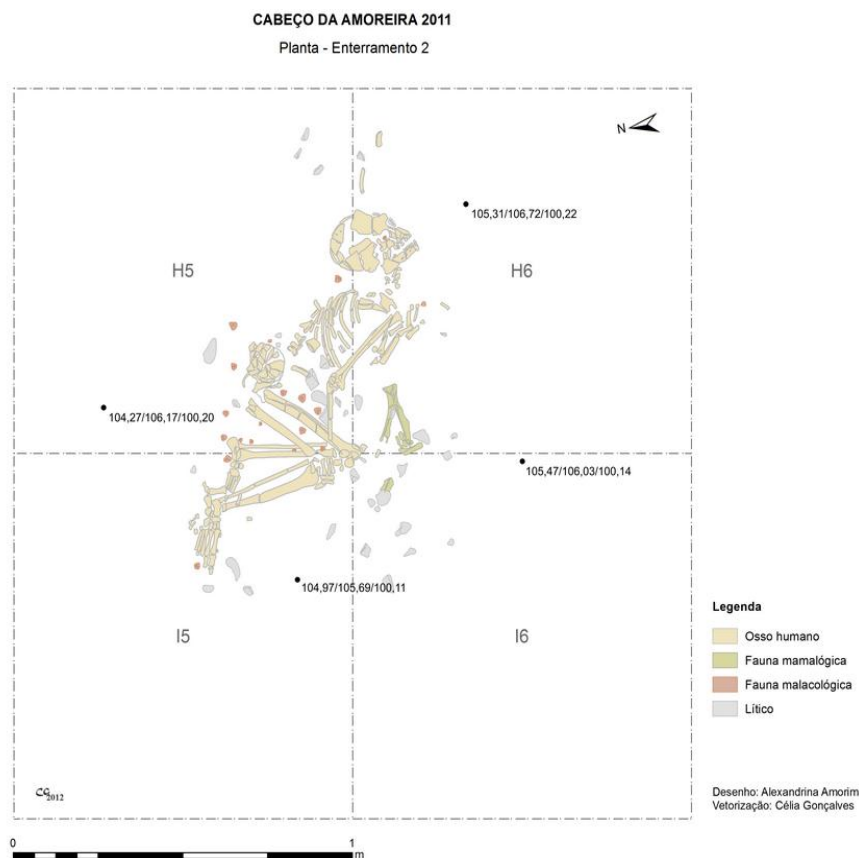


Figura 8 – Planta do enterramento 2, Cabeço da Amoreira.

As práticas funerárias nos concheiros de Muge – O caso dos concheiros de Muge

Em 2012 foi descoberto na base do concheiro, perto de um dos limites do mesmo. Este indivíduo adulto do sexo masculino encontrava-se inumado numa posição fetal, posicionado sobre o seu lado direito. Como se pode ver no desenho, encontrava-se bastante fletido, com os joelhos contra o queixo. A cabeça encontrava-se sobre a sua mão esquerda, que estava, por sua vez, sobre a sua mão direita. Embora em menores quantidade, também foram recolhidos alguns materiais líticos, carvões e conchas perfuradas.

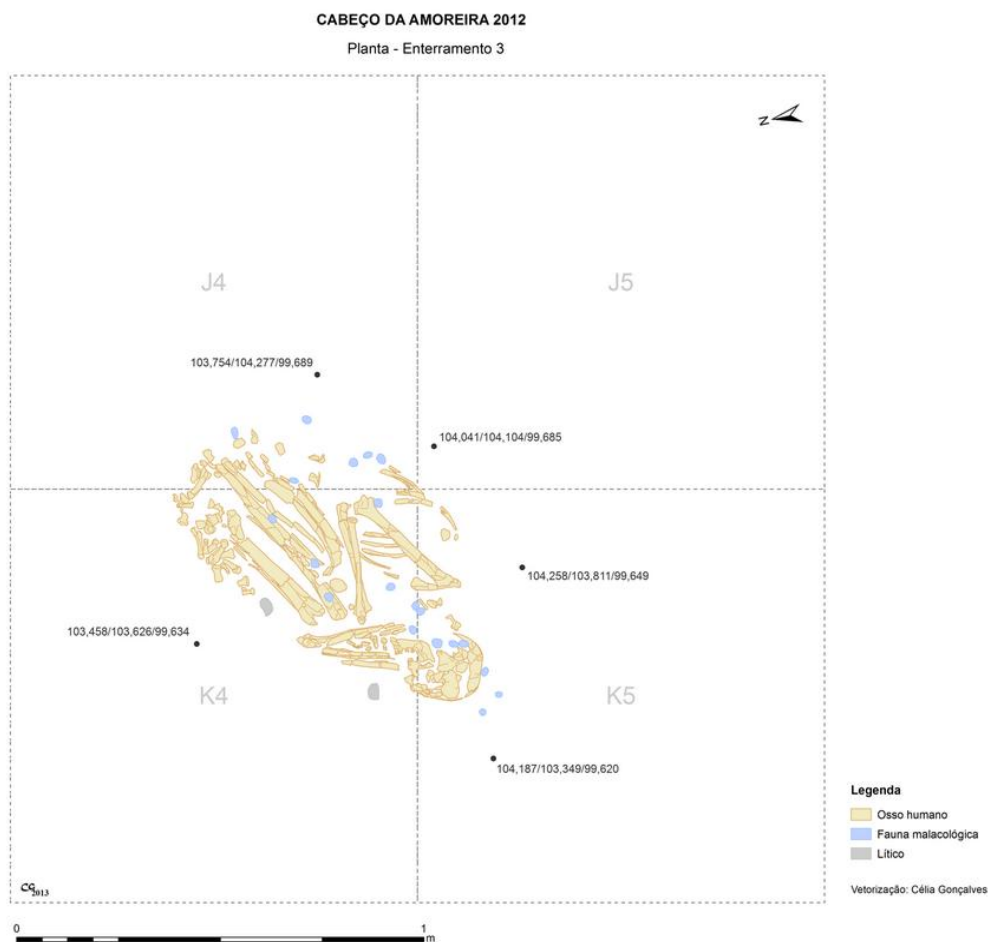


Figura 9 – Planta do enterramento 3, Cabeço da Amoreira.

3.2.2.8 - Arneiro do Roquete

Este concheiro é referido na literatura segundo diferentes topónimos: Quinta da Sardinha, Cabeço dos Ossos. Foi descoberto por Ribeiro em 1863, tendo sido o primeiro concheiro de Muge localizado. Encontra-se localizado sobre os baixos terraços quaternários do vale do Tejo, sendo o concheiro que se encontra mais perto da confluência da ribeira de Muge (Gonçalves, 2006; Ribeiro, 1867; Rolão, 1999).

Durante a descoberta deste sítio Ribeiro (1867) terá recolhido uma porção de crânio humano e vários ossos partidos, também humano, tais como costelas e ossos longos. O sítio parecia promissor mas cuja investigação estagnou pela recusa do proprietário em autorizar trabalhos de campo. Já no século XX, em 1984-1985, Ana Maria Flores e Vítor Gonçalves realizaram escavações no Arneiro do Roquete durante as quais identificaram uma estrutura de combustão e uma fossa. Recolheram fauna mamalógica que cobria abundantemente todo o concheiro, material lítico, cerâmica (camada de remeximento) e conchas perfuradas (Gonçalves, 2009).

Não são assim conhecidos nenhuns contextos funerários específicos. Estes dados, aos quais não estão associados nenhuma análise antropológica, podem apenas ser utilizados para a contabilização do NMI que seria de 1 para este concheiro.

No Museu Geológico de Lisboa existe um conjunto de seis esqueletos, supostamente provenientes da Cova da Onça (*i.e.* Arneiro do Roquete) (Rolão, 1999:133). No entanto, não existe qualquer referência na literatura disponível de tais achados neste concheiro. Deverão ser, muito provavelmente, provenientes da Fonte do Padre Pedro, onde Paula e Oliveira descobriu 6 esqueletos quase à superfície (Paula e Oliveira, 1888). Estes seis indivíduos são considerados para o número total de esqueletos exumados na Fonte do Padre Pedro mas pela escassez de informação, não são considerados para uma análise de variabilidade funerária.

3.2.2.9 - Magos de Cima

Pouco se sabe acerca deste concheiro que também foi localizado por Hipólito Cabaço. Rolão terá tentado localizá-lo mas sem sucesso. Terá muito provavelmente sido destruído, juntamente com outros dos cinco concheiros da ribeira de Magos.

Embora não existam datas para a sua descoberta, supõe-se que terá sido na primeira metade do século XX. De algumas recolhas de superfície sabe-se que foi identificada fauna dita mesolítica, escórias de fundição e cerâmica romana (Gonçalves, 2009; Rolão 1999).

3.2.2.10 - Cabeço da Barragem

Este concheiro foi descoberto por Afonso do Paço (1938) que dá conta da sua destruição devido à construção da barragem da ribeira de Magos. Apenas se sabe que era de reduzidas dimensões.

3.2.2.11 - Cabeço dos Mórros

O Cabeço do Mórros foi um dos concheiros descobertos por Hipólito Cabaço, no início do século XX. Está situado nos baixos terraços quaternários, a uma cota de 2-3 metros e com uma situação geográfica idêntica ao Arneiro do Roquete (Rolão, 1999).

Embora Breuil e Zbyszewski (1947) o apresentassem como totalmente destruído, terá sido o único concheiro a escapar aos danos causados por obras hidráulicas e de regularização do Paúl de Magos (Cardoso & Rolão, 2002/2003). Rolão realizou trabalhos de campo neste concheiro entre 1997 e 2001 com o objetivo de obter mais dados acerca dos concheiros da ribeira de Magos e da sua crono-estratigrafia. Foi identificado um nível de ocupação com cerca de 1 metro de potência e áreas de combustão, tendo sido também recolhido material lítico, fauna mamalógica e uma grande coleção de fauna malacológica. Um dos principais achados neste concheiro foram os vestígios de estruturas de habitat, semelhantes às identificadas na Moita do Sebastião.

Sabe-se que Hipólito Cabaço recolheu alguns materiais de superfície: fauna malacológica e mamalógica variada, material lítico em sílex e quartzito, entre eles vários micrólitos trapezoidais, e alguns ossos humanos (Gonçalves, 2009; Rolão, 1999).

Não existe, neste concheiro, referência a contextos funerários ou materiais antropológicos descobertos durante as escavações dirigidas por Rolão, entre 1997 e 2001. No entanto, Hipólito Cabaço, que localizou vários concheiros no vale do Tejo, descobriu, nas suas recolhas superficiais, um crânio e alguns ossos humanos (Cardoso

& Rolão, 2002/2003; Paço, 1936), crânio esse que nos permite identificar um NMI de 1 para o Cabeço do Mórros, mas não existem dados suficientes para realizar uma análise de variabilidade funerária.

3.2.2.12 - Magos de Baixo

Magos de Baixo foi descoberto por Hipólito Cabaço e encontra-se presentemente destruído. Apenas existem duas referências acerca deste sítio, ambas de Paço (1937, 1938), que menciona uma abundância de conchas, especialmente ostras, assim como a existência de cerâmica dita romana e escória de fundição. Paço considerou por isso que este concheiro seria de cronologia mais recente (Gonçalves, 2009; Rolão, 1999).

4. O comportamento funerário nos concheiros de Muge

A problemática do comportamento funerário nos concheiros de Muge constitui um dos mais importantes tópicos para a caracterização das sociedades mesolíticas do vale do Tejo. Com a presente dissertação pretende-se colmatar a falta de conhecimento acerca desse comportamento mortuário, começando pela compilação dos dados que se encontram documentados na literatura disponível, desde o século XIX até à actualidade, para depois analisar sistematicamente os enterramentos descobertos neste complexo mesolítico até à data. São aqui primeiramente introduzidas algumas noções teóricas, assim como a metodologia aplicada. A análise e resultados são apresentados por concheiro, sendo depois apresentada uma análise inter-sítio.

Uma das principais premissas da Arqueologia da Morte sustenta que o corpo e o enterramento são um resto cultural, produto de uma sociedade (Berggren & Nilsson Stutz, 2010; Nilsson Stutz, 2008). De facto, para além de ajudar a responder a outras questões, tais como sobre demografia, patologias ou mudanças culturais, os contextos mortuários ajudam principalmente a entender as práticas funerárias aplicadas e caracterizá-las, essencialmente a partir das variações mortuárias. A leitura dessas variações deve ser feita a partir de todos e quaisquer elementos que constituam os enterramentos de uma dada amostra, mas tendo sempre em conta os processos pós-deposicionais. Para a identificação da posição do indivíduo, é extremamente importante ter em conta a decomposição do corpo pois é propícia à desarticulação e movimento dos ossos e criação de espaços vazios que são depois preenchidos por sedimento e, por vezes, até por elementos ósseos mais móveis como é o caso das falanges, dos carpos e dos tarsos. Esta perspectiva da decomposição é levada mais ao pormenor por alguns investigadores que pretendem identificar todos e quaisquer processos que ajudaram a produzir a realidade arqueologicamente visível, isto é, procuram entender razões mais ideológicas que possam estar por detrás de cada gesto funerário que compõe a prática funerária num todo (*e.g.*, Berggren & Nilsson Stutz, 2010; Nilsson Stutz, 2008).

Mesmo que as práticas funerárias estejam bem organizadas e determinadas, apenas são arqueologicamente visíveis os aspetos que produzem mudanças físicas no

depósito funerário e o que resiste às forças da deposição, da preservação e da sua recuperação (O'Shea, 1984). Não querendo menosprezar o trabalho metodológico de outrem, destas duas inferências se deduz que mesmo que o trabalho de campo seja metodologicamente bem executado e auxiliado por novas tecnologias, o resultado será, no entanto, uma incompleta representação das práticas funerárias passadas. Ainda assim, o contexto funerário que sobrevive continua a refletir um importante comportamento passado. O impacto desta ambiguidade e a incerteza que advém de todo o conjunto de informações arqueológicas impõem a necessidade de princípios a partir dos quais a análise mortuária pode ser baseada e controlada (Clarke, 1972). O'Shea (1984) fornece quatro princípios fundamentais pelos quais se podem reger os estudos de variabilidade mortuária:

- Princípio 1 - Todas as sociedades aplicam um procedimento regular ou conjunto de procedimentos para a deposição do morto.

Este princípio pode ser apenas aplicável a indivíduos sepultados por elementos da sua própria sociedade pois a forma como um indivíduo originário de outra sociedade é tratado em morte, pode mudar radicalmente.

- Princípio 2 - A população mortuária reflete a demografia e as características físicas da sociedade em que se inseria.

Este princípio é válido sobre o pressuposto de uma completa preservação e exumação dos esqueletos, o que muitas vezes não acontece. Mas apresenta falhas que, como veremos mais à frente com a análise mortuária dos contextos funerários de Muge, são de certa forma informativas. A importância deste princípio está no facto das anomalias produzidas cultural ou socialmente poderem ser reconhecidas a partir dos parâmetros demográficos.

- Princípio 3 – A sociedade irá circunscrever e criar padrões de práticas funerárias diretamente ligados ao tipo de sociedade que é (Binford, 1971).

As características de uma sociedade serão refletidas na forma de tratamento do morto. Este princípio faz uma ligação direta entre aspetos organizacionais da sociedade ao das práticas funerárias.

- Princípio 4 - Os elementos que compõem um enterramento terão sido contemporâneos na sociedade em que se inseriam.

Este princípio é válido para contextos bem preservados, em que não se deram remeximentos ou intrusões.

Este estudo não tem como objetivo focar crenças e ideologias, mas sim interpretar os enterramentos predominantemente em termos de sexo, idade e possível diferenciação social. O ato de enterrar um indivíduo morto fornece uma vasta informação com grande potencial, não só para o conhecimento das práticas funerárias aplicadas, mas também para investigar o contexto social em que estas se realizam. Existe, muitas vezes, uma relação entre o estatuto social e a forma como o indivíduo é disposto e acompanhado de artefactos. Através de uma análise mortuária podemos encontrar diferenças entre homens e mulheres, adultos e crianças, que podem estar associadas ao seu papel em vida. A sistemática ligação que existe entre a diferenciação mortuária e a posição social tem como pressuposto que os aspetos sociais do indivíduo são transmitidos através de uma diferenciação na inumação.

4.1 - Considerações metodológicas

Este estudo mortuário pretende apresentar uma nova abordagem aos enterramentos do complexo mesolítico já apresentado, sendo desenvolvido em várias fases e seguindo a linha de objetivos referida anteriormente.

Tal como exposto anteriormente, a história das investigações destes concheiros é longa, sendo que foram descobertos mais de três centenas de esqueletos durante as várias escavações realizadas. Para além de auxiliarem na resposta de outras questões, as práticas funerárias devem ser vistas primeiramente por si só, enquanto características de

uma sociedade e é nesse sentido que surge o primeiro objetivo deste estudo: uma análise sistemática, com informações retiradas de cadernos de campo, monografias, teses, artigos e outra documentação disponível e acessível.

Para uma reconstituição mais fidedigna destes contextos funerários foram considerados três grupos principais de elementos, a partir dos quais a análise se baseia e é aqui apresentada: o indivíduo (proveniência, perfil biológico, posição), o enterramento (estrutura, orientação e localização) e os materiais votivos (tipo, variedade e quantidade). Em suma, procurou-se fazer o levantamento de dados relativos ao perfil biológico do(s) indivíduo(s) (sexo, idade, etc.), posição em que o(s) indivíduo(s) foi sepultado(s), materiais associados, distribuição espacial de todos os elementos constituintes do enterramento e crono-estratigrafia. Estas são as variáveis, que visam representar todo o contexto funerário e a partir das quais é feita a análise quantitativa e formal. Cada enterramento é analisado criticamente, tendo em conta processos pós-deposicionais (*e.g.*, atividade humana, decomposição do corpo, etc.), que poderão ter provocado a movimentação do esqueleto e dos materiais associados ao mesmo. Com esta abordagem pretende-se unir, o quanto possível, os dados do contexto arqueológico ao do antropológico.

Usando as variáveis recolhidas são feitas comparações intra e inter sítio, de forma a estudar a variabilidade mortuária, usada para o objetivo final deste estudo: averiguar a existência de padrões na realização das práticas funerárias e entender de que forma estas variam, podendo estes serem padrões sociais. Isto é, perceber se jovens e adultos, homens e mulheres, seriam sepultados de formas diferentes e em que outros aspetos mortuários essa diferenciação se reflete (*e.g.*, posição do corpo, materiais associados, localização intra-sítio).

Foram também contabilizados os enterramentos e/ou ossos soltos de forma a chegar a número mínimo de indivíduos (MNI) exumados em cada concheiro e, logo, em todo o complexo.

A recolha dos dados foi feita o mais fidedignamente possível tentando usar as citações originais, o que nem sempre foi exequível. O registo dos dados foi feito numa extensa base de dados (*vide* Anexo 1, 2 e 3), construída propositadamente para o

âmbito desta análise e preenchida por dados directamente transcritos das várias bibliografias. Assim, os termos apresentados na mesma são os mesmos utilizados pelos autores consultados. É também sempre apresentada a fonte da informação. Convém ainda referir que apesar deste estudo se inserir no âmbito do Mesolítico, foram considerados todos os enterramento/esqueletos registados na literatura disponível e discriminando, sempre que possível, a proveniência estratigráfica e/ou cronologia indicada.

Ressalve-se ainda que a base de dados fornecida em anexo contém apenas termos originais, retirados da bibliografia. A análise levou a uma adaptação desses termos, de forma a que os dados finais fossem mais regrados e uniformes, facilitando a análise. A falta de rigor e uniformidade das informações disponíveis, não permite, para todos os concheiros, uma especificidade de termos, tendo sido necessário encontrar um equilíbrio. Este passo tornou-se essencial, especialmente para a divisão das faixas etárias. Empregue recorrentemente em estudos antropológicos, Buikstra e Ubelaker (1994) foi utilizado como base para essa adaptação:

- 1) infante - do nascimento aos 3 anos;
- 2) criança - dos 3 anos aos 12 anos;
- 3) jovem adulto- dos 20 anos aos 35 anos. Neste grupo foram também adicionados indivíduos adolescentes (dos 12 anos aos 20 anos);
- 4) adulto - dos 35 anos aos 50 anos;
- 5) idoso - com mais de 50 anos.

4.2 - Os contextos funerários: variabilidade intra-sítio

São aqui referidos todos os concheiros cuja informação presente na literatura se mostrou suficiente para um estudo de variabilidade mortuária. São eles o Cabeço da Arruda, a Moita do Sebastião e o Cabeço da Amoreira. A recolha de dados sobre os enterramentos do Cabeço da Arruda e do Cabeço da Amoreira tiveram como base os dados disponibilizados por Rolão (1999), que teve acesso a vários cadernos de campo referentes a intervenções nos concheiros de Muge. Esses dados foram completados por

informações retiradas de outras publicações (Cardoso & Rolão, 1999/2000; Pereira da Costa, 1865; Roche, 1974). O mesmo se deu com a Moita do Sebastião, embora os dados iniciais tenham sido retirados de publicações de Roche (1972) e Ferembach, (1974), cujas descrições dos enterramentos e dos esqueletos se encontram bastante completa. As posições de alguns esqueletos, orientação dos mesmos e materiais associados aos enterramentos foram também completadas através da análise de fotografias e desenhos disponíveis.

Esses dados são aqui apresentados exaustivamente e respeitando os três grupos principais de elementos aqui considerados: o indivíduo (proveniência, perfil biológico, posição), o enterramento (estrutura, orientação e localização) e os materiais votivos (tipo, variedade e quantidade).

4.2.1 - Cabeço da Arruda

Do Cabeço da Arruda foi possível recuperar informação acerca de 28 indivíduos, todos exumados de enterramentos individuais, durante os trabalhos de campo dirigidos por Carlos Ribeiro, Mendes Corrêa e Jean Roche, nos anos de 1880, 1930 e 1960, respetivamente. Infelizmente, os 52 esqueletos descobertos por Paula e Oliveira e os mais de 120 descobertos por Carlos Ribeiro, parte descobertos na Moita do Sebastião, não estão aqui contabilizados por falta de contextualização total dos mesmos.

4.2.1.1 - O indivíduo: proveniência, perfil biológico, posição

a) Proveniência estratigráfica

Dos 28 indivíduos exumados no Cabeço da Arruda, 20 provém da camada profunda, 3 da camada intermédia e 5 da camada superficial. Estes números indicam que foram exumados mais indivíduos na camada profunda do que nas restantes duas, números bastante significativos, mesmo tendo em conta problemas metodológicos e teóricos, resultantes da antiguidade da descoberta destes contextos mortuários, e uma possível fraca conservação dos ossos. Ressalve-se principalmente os mais de 120 esqueletos sem proveniência ou qualquer outro tipo de informação, já supracitados.

b) Perfil biológico

A informação referente ao sexo destes 28 indivíduos é muito fraca. Apenas se conhece o sexo de um indivíduo: um jovem de sexo feminino, sobre o qual apenas se sabe a posição das pernas (fletidas) (CA-27, *vide* Anexo 1). A amostra proveniente do Cabeço da Arruda é constituída por 2 crianças, 2 jovens adultos, 13 adultos e 11 indivíduos de idade e sexo indeterminado.

Foram exumados da camada profunda 2 crianças, 1 jovem adulto, 8 adultos e 9 indivíduos de idade indeterminada. A nenhum destes indivíduos foi atribuído o sexo. Os enterramentos das crianças não apresentam particularidades diferentes dos enterramentos de outras classes etárias. Ressalve-se que a informação disponível para o Cabeço da Arruda é escassa e pouco precisa, fator que influencia incontornavelmente esta análise. Da camada média está confirmada a proveniência de 3 outros indivíduos: 1 jovem adulto, 1 adulto e 1 indivíduo de idade indeterminada. Apenas se conhece o sexo do jovem adulto (feminino). Da camada superficial foram exumados 4 adultos de sexo indeterminado e 1 indivíduo de sexo e idade desconhecidos.

A discrepância destes números e a falta de informação pouco permite observar. Indivíduos de idade adulta encontram-se em maioria embora na camada profunda existam 9 indivíduos sem informação relativamente ao sexo e à idade. O sexo é um fator pouco considerável nesta análise intra-sítio, tendo em conta que apenas é referido para apenas um dos indivíduos.

c) Posição

Foram contabilizados 19 indivíduos em decúbito dorsal, não existindo informação quanto aos restantes 9, embora se saiba que 3 deles se encontravam em posição de decúbito, isto é, deitados. De alguns esqueletos apenas foram recuperados o crânio, membros inferior ou alguns ossos da parte superior do corpo, não permitindo reter informações quanto à sua deposição em morte. Os dados disponíveis permitem-nos retirar as seguintes ilações:

- Encontra-se um padrão na posição decúbito dorsal, registada em 19 casos: 14 na camada profunda, 2 na camada intermédia e 3 na camada superficial. Estes números

são proporcionais ao número total de indivíduos exumados em cada camada, isto é, por exemplo, existe um maior número de indivíduos em decúbito dorsal na camada profunda, da mesma forma que o número total de indivíduos exumados é maior na camada profunda.

Não existe nenhuma referência à posição em decúbito lateral embora existam 14 esqueletos com posição ou decúbito indeterminado, espalhados pelas várias camadas principais. Nalguns casos, a descrição do posicionamento das mãos parece indicar uma posição dorsal.

- Dos 13 adultos identificados, existem apenas 3 casos em que não foi possível determinar a posição dos seus membros superiores e inferiores. É claramente padrão posicionar o braço, tanto direito como esquerdo, estendido ao longo do corpo. Quanto ao antebraço, é igualmente observável um padrão: em 9 casos, 5 indivíduos apresentavam ambos os antebraços estendidos ao longo do corpo (apenas num caso se sabe a posição das mãos – junto ao corpo). Nos restantes 4 casos, as posições dos membros superiores são assimétricas, não havendo nenhum padrão visível. O mesmo quanto às mãos. Foi ainda verificado se poderia haver uma relação entre estas posições e as camadas em que os esqueletos se encontravam, mas sem sucesso.
- No caso dos 2 jovens adultos exumados, não foram encontrados nenhuns padrões. Ambos foram depositados em decúbito dorsal, sendo que no caso do jovem adulto de sexo feminino, não foi possível determinar mais aprofundadamente a posição do corpo. O outro jovem adulto, cujo sexo não foi determinado, encontrava-se com os braços estendidos ao longo do corpo, ambos os antebraços fletidos sobre os braços e mãos junto à cabeça (CA-4, *vide* Anexo 1). Até hoje e tendo em conta as informações disponíveis, este caso parece ser único no Cabeço da Arruda.
- Quanto aos indivíduos cujo sexo e idade estão indeterminados: na grande maioria dos casos, o posicionamento dos braços é assimétrico e não tendo sido verificado nenhum padrão.

- É visível nesta amostra uma preferência pelo posicionamento fletido das pernas, não tendo sido registado um único caso com as pernas estendidas. A maioria apresentava as pernas fletidas sobre o tronco (1 jovem, 1 adulto e 3 indivíduos de sexo e idade indeterminada), existindo outros 5 casos com as pernas apenas fletidas, sendo que 2 indivíduos de sexo e idade indeterminada apresentavam as pernas inclinadas para a direita e 1 adulto para a esquerda. Não foi encontrada qualquer relação entre a posição das pernas e as camadas estratigráficas. Não existem informações relativamente à posição dos pés.
- É mais comum, em qualquer uma das três camadas, encontrar indivíduos depositados em decúbito dorsal, com as pernas fletidas sobre o tronco, braços estendidos ao longo do corpo, variando a posição dos antebraços e das mãos entre a parte superior e inferior do tronco.

Tabela 1 – Tabela de síntese com dados relativos ao tipo de enterramento, camada, posição do corpo, sexo e idade das inumações analisadas provenientes do Cabeço da Arruda.

		Feminino			Masculino			Infante	Criança	Jovem adulto	Adulto	Idoso	Ind.	Total
		Jovem adulto	Adulto	Idoso	Jovem adulto	Adulto	Idoso							
Tipo de enterramento	Individual	1						2	1	13			11	28
	Coletivo													
Camada	Superficial									4			1	5
	Intermédia	1								1			1	3
	Profunda							2	1	8			9	20
Posição do corpo	Decúbito dorsal	1						2	1	9			6	19
	Decúbito lateral													



Figura 10 - Página de um caderno de campo do Cabeço da Arruda (27/8/1937) (Cardoso & Rolão, 1999/2000).

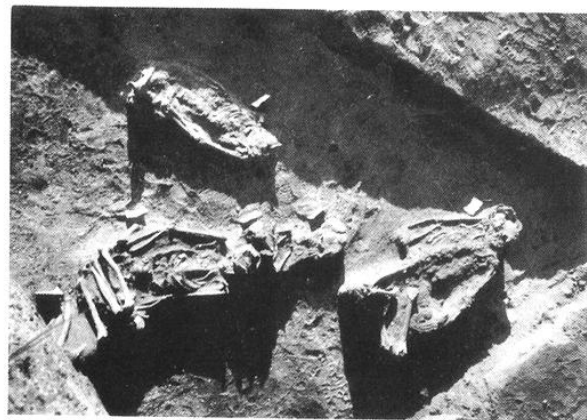
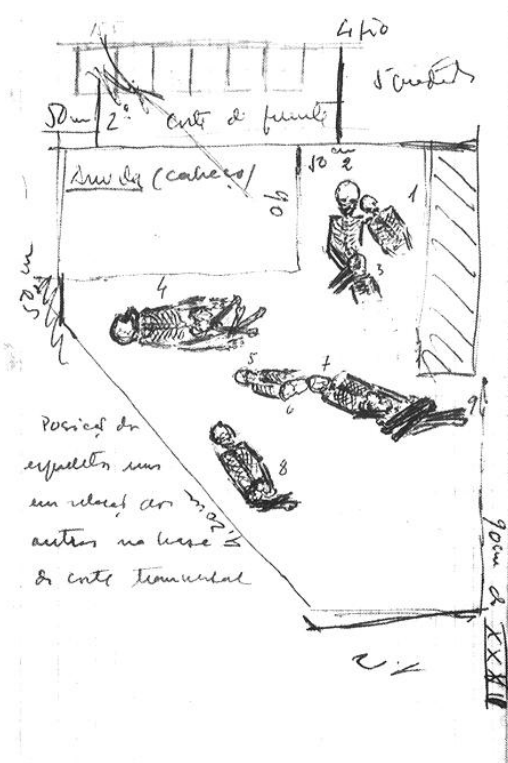


Figura 11 - À esquerda, página de um caderno de campo do Cabeço da Arruda (9/11/1964): planta parcial da área escavada em 1964. À direita, foto correspondente (Cardoso & Rolão, 1999/2000).

4.2.1.2 - O enterramento: estrutura, orientação, localização

a) Estrutura do enterramento

Existe 1 único caso, o de um adulto de sexo desconhecido, em que o corpo foi depositado numa depressão artificial (CA-16, *vide* Anexo 1).

b) Orientação

Relativamente à orientação do corpo (cabeça/pés):

- N/S - 6 casos na camada profunda, 1 na camada média e 1 na camada superficial;
- NE/SO - 1 caso na camada profunda e outro na camada superficial;
- NNE /SSO - 1 caso, camada profunda;
- S/N - 2 casos na camada profunda;
- SO/NE - 1 caso na camada superficial;
- E/O – 1 caso na camada superficial;
- O/E - 1 caso na camada profunda;
- ONO/ESE - 2 casos na camada profunda.

Estas orientações não se repetem em todas as camadas, tendo algumas delas sido identificadas apenas uma vez. Enquanto não é visível nenhuma ligação direta entre a orientação e o tipo de enterramento, idade ou o sexo e a posição do corpo, existe uma predominância da orientação N/S (n = 8) para adultos (n = 4) e crianças (n = 2), pelo menos na fase inicial de ocupação do concheiro, pois esta orientação foi apenas observada uma vez na camada média e outra na camada superficial, o que se pode dever ao próprio número de esqueletos recolhidos em cada uma das camadas, tal como já sugerido acima. Mas observando apenas os esqueletos provenientes de níveis mais antigos, embora as camadas devam ser comparadas cuidadosamente, este fato não invalida o elevado número de indivíduos orientados para norte-sul, comparativamente com outras orientações identificadas, que se repetem entre uma a duas vezes.

Tabela 2 - Destaque dos dados relativos à camada estratigráfica, à idade e ao sexo de 28 esqueletos exumados no Cabeço da Arruda (*vide* Anexo 1 para informação completa)

Nº	Estratigrafia (Camada)	Sexo	Idade	Orientação
CA-1	Profunda			
CA-2	Profunda			O/E
CA-3	Profunda			S/N
CA-4	Profunda		Jovem	S/N
CA-5	Profunda		Criança	N/S
CA-6	Profunda			N/S
CA-7	Profunda			
CA-8	Profunda			NE/SO
CA-9	Profunda			
CA-10	Profunda			
CA-11	Intermédia			N/S
CA-12	Superficial			
CA-13	Profunda		Adulto	N/S
CA-14	Profunda		Adulto	NNE/SSO
CA-15	Profunda		Adulto	N/S
CA-16	Profunda		Adulto	ONO/ESE
CA-17	Profunda		Criança	N/S
CA-18	Profunda		Adulto	
CA-19	Profunda		Adulto	ONO/ESE
CA-20	Profunda		Adulto	N/S
CA-21	Profunda		Adulto	
CA-22	Superficial		Adulto	N/S
CA-23	Superficial		Adulto	NE/SO
CA-24	Superficial		Adulto	SO/NE
CA-25	Superficial		Adulto	E/O

CA-26	Média		Adulto
CA-27	Média	F	Jovem
CA-28	Profunda		

c) Localização (distribuição espacial intra-sítio)

Durante a variada literatura consultada, por diversas vezes, é referido que os enterramentos não estariam dispersos pelo concheiro mas sim agrupados em áreas, por vezes mais pequenas. De facto, observando as localizações dos enterramentos dentro das áreas de escavação, facilmente se pode inferir que os enterramentos se encontravam agrupados em 3 zonas principais 1

1) Talhão B19 ao D22: composto por 4 indivíduos adultos de sexo desconhecido e com orientações diferentes. Este grupo é composto por 4 dos 5 indivíduos da camada superficial, tendo o quinto indivíduo uma localização desconhecida (*vide* CA-12, Anexo 1). Os dois indivíduos inumados em BC19 apresentam a mesma orientação, mas invertida.

2) Talhão H23 ao J26: composto por 8 adultos e 1 criança, todos da camada profunda e de inumações individuais. Apresentam orientações diferentes e sem nenhuma ligação aparente. Neste grupo estão incluídos os únicos três enterramentos com materiais associados (CA-14, CA-16 e CA-19).

3) Talhão N5 ao Q7: composto por 11 indivíduos da camada profunda e 1 da camada intermédia. Sabemos que um deles seria jovem e outro uma criança, ambos localizados em MN7 e com a mesma orientação mas invertidas. Apresentam orientações diferentes, embora a maioria dentro do eixo norte e sul.

Tabela 3 – Enterramentos exumados do Cabeço da Arruda agrupados por localização (*vide* Anexo 1 para informação completa).

Nº	Localização	Campanha arqueológica	Camada	Tipo de enterramento	Sexo	Idade	Orientação (C/P)
CA-22	B20	Anos 60	Superficial	Individual	-	Adulto	-
CA-23	BC19	Anos 60	Superficial	Individual	-	Adulto	SO/NE
CA-24	BC19	Anos 60	Superficial	Individual	-	Adulto	NE/SO
CA-25	CD21-22	Anos 60	Superficial	Individual	-	Adulto	E/O
CA-13	J23	Anos 60	Profunda	Individual	-	Adulto	N/S
CA-14	J23-24	Anos 60	Profunda	Individual	-	Adulto	NNE/SSO
CA-15	J24	Anos 60	Profunda	Individual	-	Adulto	N/S
CA-16	HI24	Anos 60	Profunda	Individual	-	Adulto	ONO/ENE
CA-17	I25	Anos 60	Profunda	Individual	-	Criança	N/S
CA-18	IJ25	Anos 60	Profunda	Individual	-	Adulto	-
CA-19	IJ25	Anos 60	Profunda	Individual	-	Adulto	ONO/ESE
CA-20	IJ25-26	Anos 60	Profunda	Individual	-	Adulto	N/S
CA-21	J25	Anos 60	Profunda	Individual	-	Adulto	-
CA-1	NO5º	1937	Profunda	Individual	-	-	-
CA-2	MN6º	1937	Profunda	individual	-	-	O/E
CA-3	NO7º	1937	Profunda	Individual	-	-	S/N
CA-4	MN7º	1937	Profunda	Individual	-	Jovem	S/N

CA-5	MN7°	1937	Profunda	Individual	-	Criança	N/S
CA-6	NO7°	1937	Profunda	Individual	-	-	N/S
CA-7	PQ7°	1937	Profunda	Individual	-	-	-
CA-8	PQ7°	1937	Profunda	Individual	-	-	NE/SO
CA-9	PQ7°	1937	Profunda	Individual	-	-	-
CA-10	PQ7° pernas em QR7°	1937	Profunda	Individual	-	-	-
CA-11	MN7°	1937	Intermédia	Individual	-	-	N/S
CA-28	OP 6	1937	Profunda	-	-	-	-

Ressalve-se ainda o facto de existirem vários enterramentos que apresentam perturbações provocadas por enterramentos realizados na mesma camada: são exemplos, na camada profunda, os enterramentos CA-17, CA-18, CA-19 e CA-21 e na camada superficial, os enterramentos CA-23 e CA-24 (*e.g.*, *vide* Anexo 1 e Figura 11). Estes enterramentos reforçam a ideia de que em determinadas alturas estas populações terão escolhido determinadas áreas para depositar, não sendo depositados aleatoriamente pelo concheiro, provocando, por vezes, perturbações em outros enterramentos. É notório que no talhão H23 ao J26 todos os indivíduos sejam adultos, à exceção de 1 criança. Os restantes não adultos que fazem parte desta amostra, 1 jovem e outra criança, encontram-se ambos no talhão N5 ao Q7. Acrescenta-se ainda que ambas as crianças partilham da mesma orientação, incluindo o jovem, embora de forma invertida.

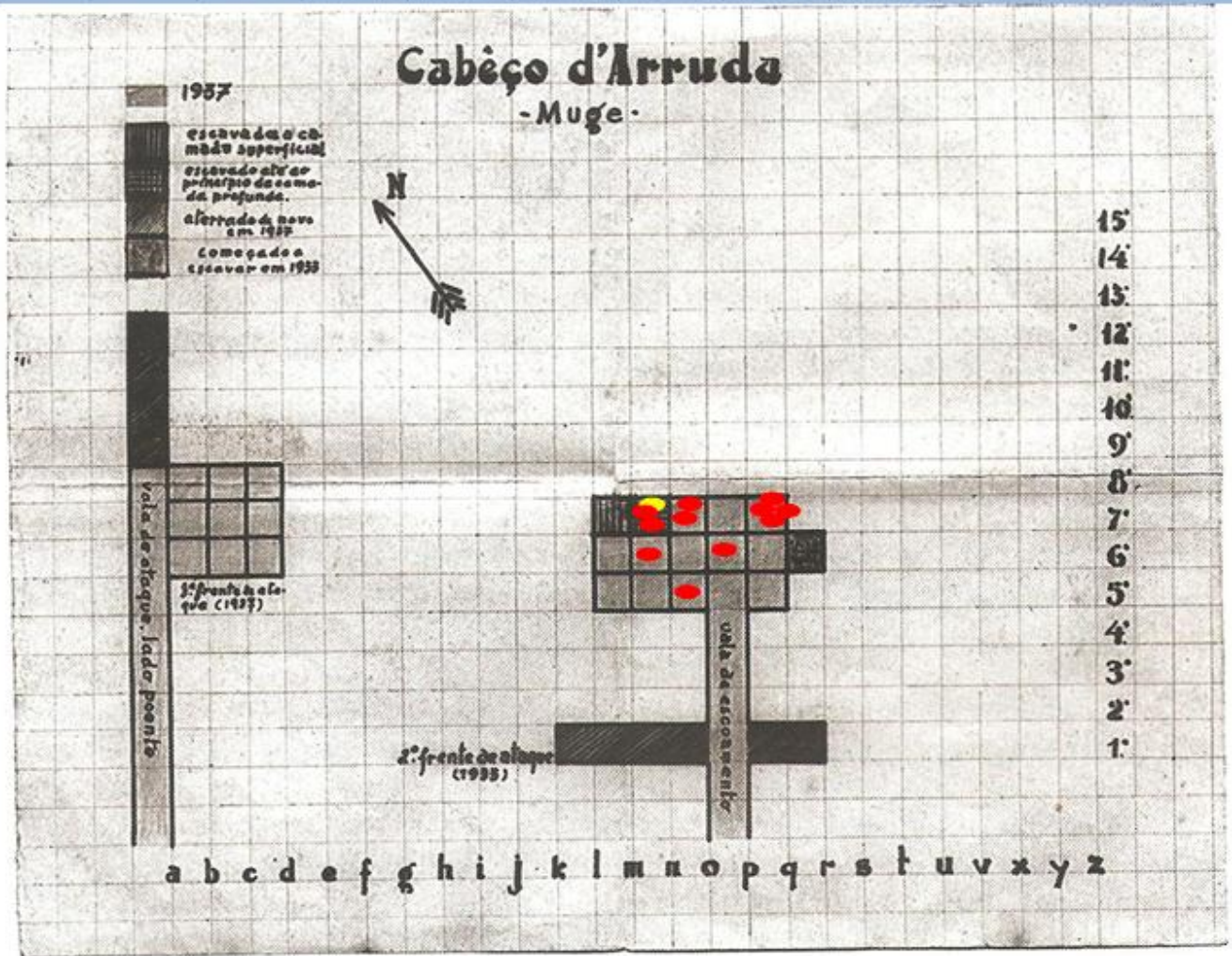


Figura 12 – Folha solta do caderno de campo de Mendes Corrêa. Planta das zonas intervencionadas durante os trabalhos de campo realizados em 1937 no Cabeço da Arruda. A vermelho estão aproximadamente marcados os enterramentos encontrados na camada profunda e a amarelo o único enterramento da camada superficial (adaptado de Cardoso & Rolão, 1999/2000).

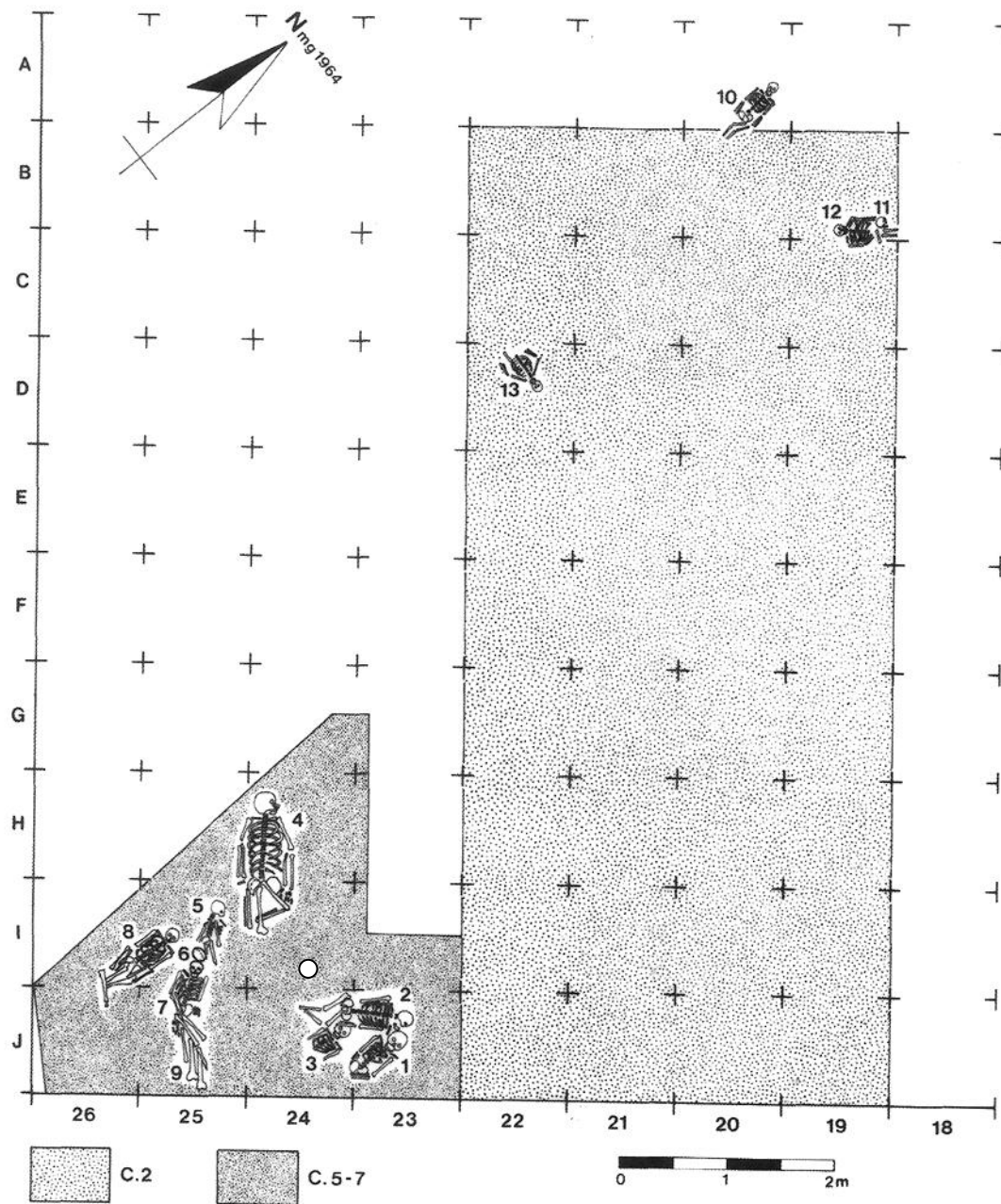


Figura 13 – Planta das zonas intervencionadas durante os trabalhos de campo realizados na década de 1960 no Cabeço da Arruda. Desenho de Veiga Ferreira. Os enterramento nº 5, 6, 7 e 9 foram perturbados e/ou perturbaram outros enterramento (Cardoso & Rolão, 1999/2000).

4.2.1.3 - Os materiais votivos: tipo, variedade e quantidade

Os materiais associados aos enterramentos são, geralmente, um dos parâmetros que mais variabilidade apresenta num estudo mortuário. No caso do Cabeço da Arruda, apenas existem três enterramentos a que foram associadas materiais: CA-14, CA-16 e CA-19.

Tabela 4 - Destaque dos dados relativos à idade, ao sexo e à posição dos esqueletos exumados no Cabeço da Arruda, aos quais foram associados materiais (*vide* Anexo 1 para informação completa).

Nº	Sexo	Idade	Posição								Materiais Votivos	
			Decúbito	Superior						Inferior	Materiais	Localização
				Direito			Esquerdo					
				Braço	Antebraço	Mão	Braço	Antebraço	Mão	Pernas e pés		
CA-14	-	Adulto	Dorsal	Estendido ao longo do corpo	Estendido ao longo do corpo	-	Estendido ao longo do corpo	Estendido ao longo do corpo	-	Pernas fletidas e inclinadas para a esquerda	a) 1 Raspadeira em quartzito b) 19 lascas residuais em quartzito	a) Sob o antebraço esquerdo
CA-16	-	Adulto	Dorsal	Estendido ao longo do corpo	Estendido ao longo do corpo	Junto ao corpo	Estendido ao longo do corpo	Estendido ao longo do corpo	Junto ao corpo	-	a) 65 Lascas residuais de quartzito b) 1 fragmento de argila "cozida"	-
CA-19	-	Adulto	Dorsal	Estendido ao longo do corpo	Fletido sobre o tronco	Sobre a bacia	Estendido ao longo do corpo	Fletido e afastado do corpo	Sobre a anca	-	a) 1 Ponta em osso b) 1 lasca de sílex grande	a) Sobre a mão esquerda b) Junto ao antebraço esquerdo

Estes esqueletos foram todos recuperados na camada profunda durante os trabalhos realizados na década de 1960. Encontram-se os 3 depositados em decúbito dorsal, com quantidades de materiais únicas nos contextos funerários de Muge e um

tipo de material comum: material lítico. Sabendo que em dois casos o mesmo tipo de material se localiza na mesma zona, é padrão os materiais associados ao esqueleto se encontrarem junto aos membros superiores esquerdos, especialmente junto ao antebraço esquerdo no que toca aos materiais líticos. A ponta em osso associada ao enterramento CA-19 é um caso, aparentemente, único. Os dois enterramentos que apresentavam outros materiais para além de materiais líticos, foram orientados para ONO/ESE.

4.2.2 - Moita do Sebastião

Moita do Sebastião é o concheiro mais detalhadamente estudado e conhecido. Jean Roche, que escavou este depósito artificial nos meados do século XIX, publicou amplamente os dados recolhidos acerca dos contextos funerários, contendo no total 44 indivíduos, descobertos nessa intervenção. Para além de já ter sido alvo de algumas análises mortuárias, os dados então recolhidos apresentam-se mais sistemáticos, completos e uniformes, transparecendo um maior cuidado e consciencialização da importância de todo o contexto arqueológico para o estudo do comportamento mortuário e caracterização de uma sociedade. Esses dados são os únicos aqui apresentados, não havendo informações acerca de outros enterramentos cuja existência se conhece mas sobre os quais não existem quaisquer dados.

4.2.2.1 - O indivíduo: proveniência, perfil biológico, posição

a) Proveniência estratigráfica

Tal como referido anteriormente, as escavações do século XIX apenas abrangeram a camada profunda, sendo que os dados aqui apresentados reportam-se à mesma. Esses 44 indivíduos não provieram apenas de enterramentos individuais, como se deu no Cabeço da Arruda, sendo que dos 34 enterramentos descobertos, 28 eram individuais.

Tabela 5 – Tabela de síntese com dados relativos ao tipo de enterramento, camada, sexo e idade das inumações analisadas provenientes da Moita do Sebastião.

Tipo de enterramento		Feminino				Masculino				Infante	Criança	Jovem adulto	Ind .	Total
		Jovem adulto	Adulto	Idoso	Ind .	Jovem adulto	Adulto	Idoso	Ind.					
Tipo de enterramento	Individual		7	1			9			7			4	28
	Coletivo		2	1	3	1	2		1	2	1	1	2	16
Camada	Superficial													
	Intermédia													
	Profunda		9	2	3	1	11		1	9	1	1	6	44

b) Perfil biológico

Destes 44 indivíduos exumados na Moita do Sebastião, apenas 4 permanecem sem idade e sexo determinados. O resto da amostra é composto por:

- enterramentos individuais: 1 idoso de sexo feminino, 9 adultos de sexo masculino, 7 adultos de sexo feminino e 7 infantes;
- enterramentos coletivos: 1 idoso de sexo feminino, 2 adultos de sexo masculino, 2 adultos de sexo feminino, 1 jovem adulto de sexo masculino, 1 jovem adulto de sexo indeterminado, 1 criança, 2 infantes, 1 indivíduo de sexo masculino e 3 de sexo feminino.

No estudo antropológico publicado por Ferembach em 1974 estão representados os esqueletos exumados na Moita do Sebastião, tendo sido analisados pela própria um total de 136 esqueletos: 40 de sexo masculino, 34 de sexo feminino, 22 adultos, 6 adolescentes e 34 crianças, os últimos três grupos sem sexo atribuível. O grupo de 44 indivíduos aqui tratados e dos quais existe informação relativamente aos seus contextos funerários formam uma ampla amostra, com todas as faixas etárias (idoso, adulto, jovem adulto, criança e infante) e ambos os sexos.

Nalguns parâmetros, a variabilidade é bastante alta, permitindo observar alguns padrões. Relacionando o tipo de enterramento com o sexo e idade, observa-se que a diferença entre o número de adultos femininos (n=9) e adultos masculinos (n=11) é mínima, tanto para enterramentos individuais como coletivos. Na faixa etária dos idosos, existem 2 casos, ambos indivíduos femininos, um caracterizado por uma deposição individual, outro coletiva. É ainda visível um maior número de infantes em enterramentos individuais (n=7), contra apenas 2 casos em enterramentos coletivos.

c) Posição

A posição padrão visível na Moita do Sebastião é a de decúbito dorsal. O próprio Jean Roche, ao longo de várias publicações, foi referindo que todos os esqueletos se encontravam deitados de costas, variando a posição dos restantes membros, isto embora existam 29 casos em que não foi possível determinar o tipo de deposição do indivíduo, maioritariamente devido ao fraco estado de preservação ou perturbações do contexto. Isto acontece principalmente em enterramentos coletivos, em que os ossos se podem misturar, e, no caso de enterramentos individuais, em deposições de infantes. Por vezes, os ossos encontrados eram mínimos, não permitindo registar nenhuma posição. Apesar destes 29 casos, e tendo em conta que não foi registado nenhum indivíduo em decúbito lateral ou noutra posição, é de considerar a hipótese de um hábito em inumar os mortos em decúbito dorsal na Moita do Sebastião.

No caso dos dois indivíduos idosos, que partilham o mesmo sexo, não foi possível fazer nenhuma comparação direta pois para um dele não existe informação quanto à sua posição e a informação disponível sobre o outro é mínima. No caso dos adultos, a informação encontra-se menos fragmentada:

- Dos 9 adultos de sexo feminino, apenas 3 se encontram indeterminados quanto à posição dos membros superiores e inferiores, havendo ainda um quarto caso em que a informação é mínima. Dos restantes casos apenas 1 apresenta uma posição simétrica (MS-42, *vide* Anexo 2). Existem 2 casos, localizados próximos um do outro, com posições assimétricas invertidas, ambos de cabeça elevada, sendo um proveniente de um enterramento individual (MS-28, *vide* Anexo 2) e outro de um

enterramento coletivo (MS-29, *vide* Anexo 2). Também partilham a mesma orientação e nenhum apresenta materiais associados, como veremos mais à frente. Os restantes indivíduos com posição assimétrica partilham uma interessante característica: os antebraços e as mãos sempre posicionadas na parte superior do corpo, sendo que quando um dos antebraços e mão estava colocado sobre a parte superior do tronco, o outro está sobre a parte inferior do tronco. Relativamente à posição das pernas existem 3 casos em que as pernas estariam fletidas e outros 3 em que estariam também fletidas mas em cima do tronco. Não parece existir nenhuma ligação entre esta posição e outra(s) característica(s) destes contextos funerários. Já os pés apresentam-se cruzados em 4 casos: para um dos enterramentos, apenas é indicado que os pés se encontravam cruzados, enquanto para outros dois se sabe que o esquerdo se encontrava sobre o direito. É ainda interessante ver que o quarto indivíduo que apresentava os pés posicionados desta forma, tinha sim o pé direito sobre o pé esquerdo, tendo sido este exumado de um enterramento coletivo, ao invés dos restantes indivíduos cujos pés se encontravam também cruzados (MS-29, *vide* Anexo 2).

- Quanto aos 11 adultos de sexo masculino, a 2 desses não foi possível registar nenhuma posição e em 3 casos apenas se sabe a posição do braço (estendido ao longo do corpo). Dos restantes 6 casos é interessante ver que 3 deles apresentam posições simétricas (2 deles com as mãos cruzadas no estômago) (MS-9, MS-23 e MS-25, *vide* Anexo 2). Dos restantes casos, 2 apresentam sempre uma das mãos colocadas sobre o lado esquerdo do corpo, um deles sobre o fémur esquerdo (MS-7 e MS-14, *vide* Anexo 2). Todos estes casos são provenientes de enterramentos individuais. Sobre o único adulto de sexo masculino exumado de um enterramento coletivo não existe informação quanto à posição dos seus membros superiores. Quanto aos membros inferiores, no caso dos adultos de sexo masculinos, existe um único indivíduo inumado com as pernas estendidas, sendo também a sua posição única neste concheiro (MS-14, *vide* Anexo 2). Em dois casos foi observada uma flexão das pernas, ambos com os membros superiores posicionados simetricamente (MS-9 e MS-23, *vide* Anexo 2). Os restantes 7 indivíduos terão sido inumados com

as pernas fletidas sobre o tronco. Também alguns adultos de sexo masculino apresentam os pés cruzados. Volta-se a dar destaque ao pé direito sobre o esquerdo: o único caso, desta vez o indivíduo com os membros superiores posicionados simetricamente (MS-9, *vide* Anexo 2). Existe também outro indivíduo com os pés cruzados, mas com o esquerdo sobre o direito e sobre o qual apenas se sabe a posição dos braços (MS-22, *vide* Anexo 2). Para finalizar, existe informação sobre apenas mais 2 indivíduos, ambos de pés juntos e encontrados em enterramentos individuais, não havendo outra ligação aparente (MS-23 e MS-40, *vide* Anexo 2). Relembra-se que, aparentemente, este posicionamento dos pés foi apenas observado em indivíduos adultos de sexo masculino.

Quanto aos jovens adultos, ambos de enterramentos coletivos, também não existe nenhuma informação quanto à posição nem dos membros inferiores nem superiores. O mesmo se dá com os infantes e as crianças. Para finalizar, alguns indivíduos apresentavam a cabeça elevada, mais precisamente em 7 casos, havendo até vestígios de um montículo de areia com função de apoio para a cabeça.

Em suma, esta amostra proveniente da Moita do Sebastião indica uma clara preferência em depositar os seus mortos em decúbito dorsal, com os braços ao longo do corpo e os antebraços e mãos maioritariamente na zona inferior do tronco.

18/4/1953 Começou-se a fazer a vista o esqueleto do indivíduo (n.º 5) que foi encontrado com a do a decolagem o ano passado e que levamos a cabo. Foi feita uma caixa de 25 cm de altura e 15 cm de largura e o esqueleto foi colocado dentro dela. O esqueleto foi encontrado em uma cova de 1 m de profundidade e 1 m de largura. O esqueleto foi encontrado em uma cova de 1 m de profundidade e 1 m de largura. O esqueleto foi encontrado em uma cova de 1 m de profundidade e 1 m de largura.



19/4/1953 Os trabalhos nos trabalhos de desmontagem da cova de 1 m de profundidade e 1 m de largura. Foi encontrado um esqueleto humano e um feto. O esqueleto foi encontrado em uma cova de 1 m de profundidade e 1 m de largura. O esqueleto foi encontrado em uma cova de 1 m de profundidade e 1 m de largura.

20/4/1953 Continuam os trabalhos de desmontagem da cova de 1 m de profundidade e 1 m de largura. Foi encontrado um esqueleto humano e um feto. O esqueleto foi encontrado em uma cova de 1 m de profundidade e 1 m de largura. O esqueleto foi encontrado em uma cova de 1 m de profundidade e 1 m de largura.



21/4/1953 Foi encontrado um esqueleto humano e um feto. O esqueleto foi encontrado em uma cova de 1 m de profundidade e 1 m de largura. O esqueleto foi encontrado em uma cova de 1 m de profundidade e 1 m de largura.

Figura 15 - Página do caderno de campo de O. Da Veiga ferreira (21/4/1953). Segunda Campanha de escavações na Moita do Sebastião (Cardoso & Rolão, 1999/2000).

Figura 14 - Página do caderno de campo de O. Da Veiga ferreira (18/4/1953). Segunda campanha de escavações na Moita do Sebastião (Cardoso & Rolão, 1999/2000).

21/4/1953 Foi encontrado um esqueleto humano e um feto. O esqueleto foi encontrado em uma cova de 1 m de profundidade e 1 m de largura. O esqueleto foi encontrado em uma cova de 1 m de profundidade e 1 m de largura.

22/4/1953 Foi encontrado um esqueleto humano e um feto. O esqueleto foi encontrado em uma cova de 1 m de profundidade e 1 m de largura. O esqueleto foi encontrado em uma cova de 1 m de profundidade e 1 m de largura.

23/4/1953 Foi encontrado um esqueleto humano e um feto. O esqueleto foi encontrado em uma cova de 1 m de profundidade e 1 m de largura. O esqueleto foi encontrado em uma cova de 1 m de profundidade e 1 m de largura.

Foi encontrado um esqueleto humano e um feto. O esqueleto foi encontrado em uma cova de 1 m de profundidade e 1 m de largura. O esqueleto foi encontrado em uma cova de 1 m de profundidade e 1 m de largura.





Figura 16 - Esqueleto exumado no concheiro da Moita do Sebastião (Cardoso & Rolão, 1999/2000).

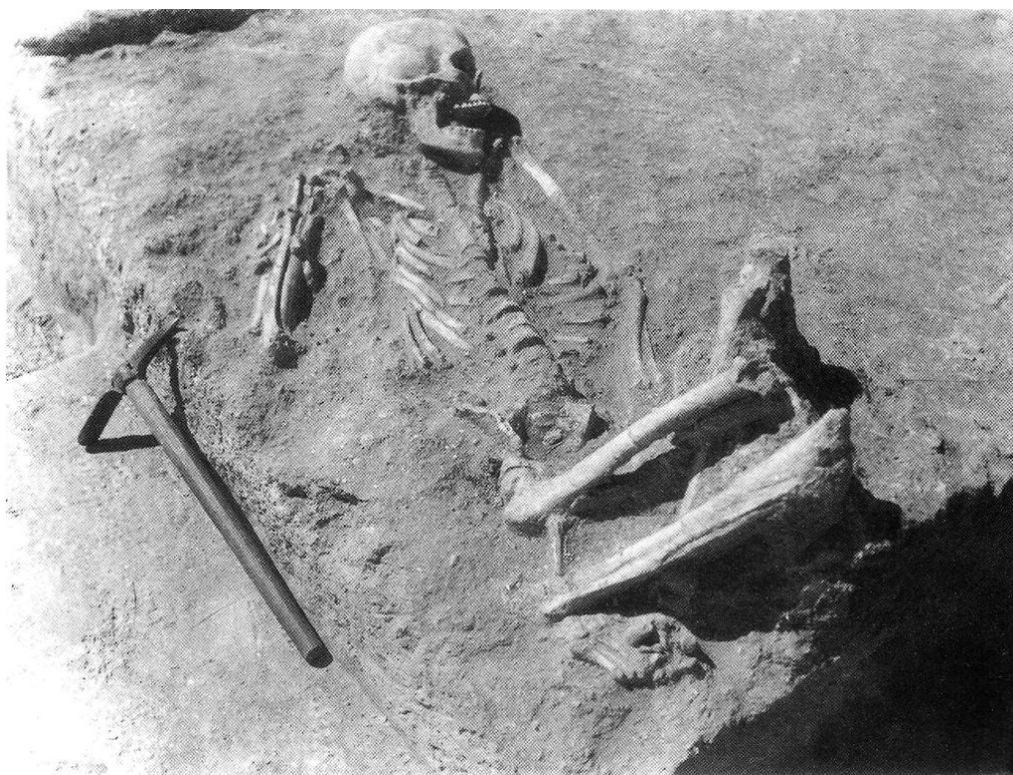


Figura 17- Esqueleto exumado no concheiro da Moita do Sebastião, 1953 (Cardoso & Rolão, 1999/2000).

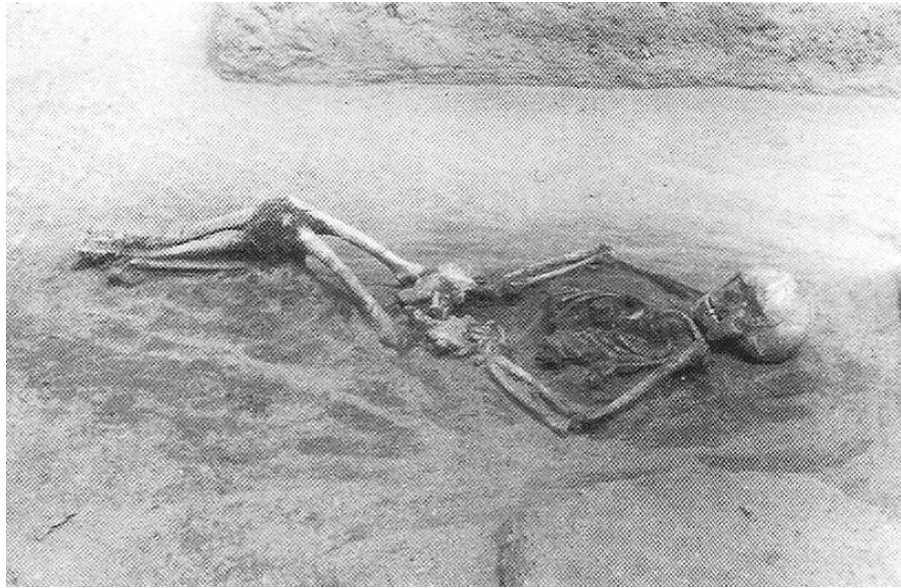
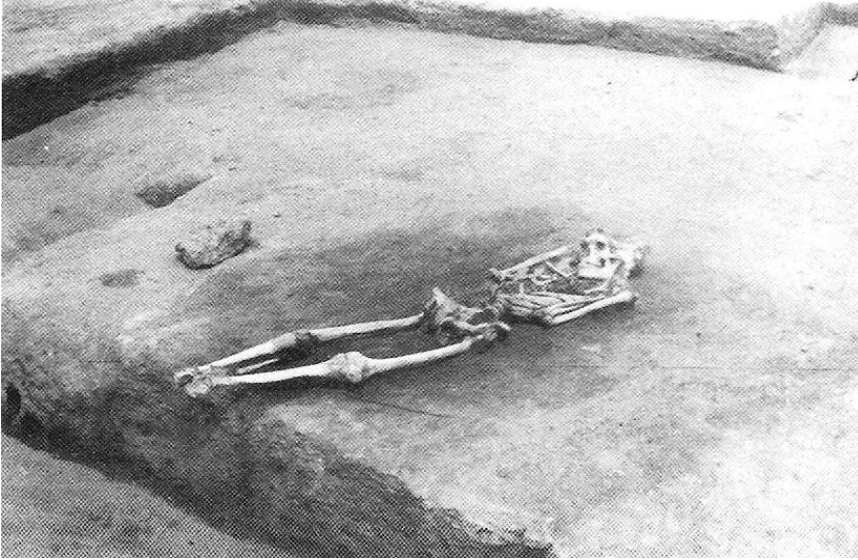


Figura 18- Esqueletos exumados no concheiro da Moita do Sebastião, 1953 (Cardoso & Rolão, 1999/2000).

Tabela 6 - Destaque dos dados relativos à camada à idade, ao sexo, à posição e orientação dos 44 esqueletos exumados na Moita do Sebastião por Jean Roche em 1952.

Nº	Designação	Sexo	Idade	Posição										Cabeça	Orientação (C/P)
				Decúbito	Superior						Inferior				
					Direito			Esquerdo			Pernas	Pés			
Braço	Antebraço	Mão	Braço	Antebraço	Mão										
MS-1	Sépulture I	F	Adulto	Dorsal	-	-	-	-	-	-	Fletidas sobre o tronco	-	-	NO/SE	
MS-2	Sépulture I	M	Adulto	Dorsal		-	-	-	-	-	Fletidas sobre o tronco	-	-	NO/SE	
MS-3	Sépulture II	M	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
MS-4	Sépulture II	F	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
MS-5	Sépulture II	F	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	

MS-6	Sépulture II	F	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
MS-7	Sépulture III	M	Adulto	Dorsal	Estendido ao longo do corpo	Fletido sobre o peito	-	Estendido ao longo do corpo	Ligeiramente fletido	Sobre o fémur esquerdo	Muito fletidas sobre o tronco, uma contra a outra	-	Elevada	NO/SE
MS-8	Sépulture IV	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
MS-9	Sépulture V	M	Adulto	Dorsal	Estendido ao longo do corpo	Fletido sobre a parte inferior do tronco	Sobre o estômago, sob a mão esquerda	Estendido ao longo do corpo	Fletido sobre a parte inferior do tronco	Sobre o estômago, sobre a mão direita	Fletidas	Cruzados, o direito sobre o esquerdo	-	NO/SE
MS-10	Sépulture VI		Infante	Dorsal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	NO/SE
MS-11	Sépulture VII		Infante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
MS-12	Sépulture VII	F	Idoso	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	NO/SE

MS-13	Sépulture VIII	F	Adulto	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
MS-14	Sépulture IX	M	Adulto	Dorsal	Estendido ao longo do corpo	Fletido sobre o tronco	Sobre o lado esquerdo do tronco	Estendido ao longo do corpo	Fletido sobre o braço	Sobre o ombro esquerdo	Estendida	-	'	NNE/SSO
MS-15	Sépulture X	M	Adulto	-	Estendido ao longo do corpo	-	-	Estendido ao longo do corpo	-	-	Muito fletidas sobre o tronco	-	'	NE/SO
MS-16	Sépulture XI	F	Adulto	-	-	-	-	-	-	-	-	-	'	-
MS-17	Sépulture XII	F	Adulto	Dorsal	Estendido ao longo do corpo	Fletido sobre o braço	Sobre o ombro direito	Estendido ao longo do corpo	Fletido e afastado do corpo	Sobre a cintura	Fletidas	Contra o corpo, cruzados com o esquerdo sobre o direito	'	ENO/SSE
MS-18	Sépulture XIII	M	Jovem adulto	-	-	-	-	-	-	-	-	-	'	-
MS-19	Sépulture XIII		Jovem adulto	-	-	-	-	-	-	-	-	-	'	-

MS-20	Sépulture XIII		Criança	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
MS-21	Sépulture XIII		Infante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
MS-22	Sépulture XIV	M	Adulto	-	Estendido ao longo do corpo	-	-	Estendido ao longo do corpo	-	-	Muito fletidas sobre o tronco	Cruzados com o esquerdo sobre o direito	-	O/E
MS-23	Sépulture XV	M	Adulto	Dorsal	Estendido ao longo do corpo	Fletido e afastado do corpo	Sobre a cintura, sem se cruzar com a esquerda	Estendido ao longo do corpo	Fletido e afastado do corpo	Sobre a cintura, sem se cruzar com a direita	Fletidas	Juntos	-	SE/NO
MS-24	Sépulture XVI	F	Idoso	-	-	Fletido sobre o tronco	-	-	-	-	Fletidas sobre o tronco	-	-	E/O
MS-25	Sépulture XVII	M	Adulto	Dorsal	Estendido ao longo do corpo	Fletido sobre a parte inferior do tronco	Mãos cruzadas no estômago	Estendido ao longo do corpo	Fletido sobre a parte inferior do tronco	Mãos cruzadas no estômago	Fletidas sobre o tronco	-	Elevada	SE/NO
MS-26	Sépulture XVIII	M	Adulto	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	N/S

MS-27	Sépulture XVIII	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	N/S
MS-28	Sépulture XIX	F	Adulto	-	Estendido ao longo do corpo	Fletido sobre a parte inferior do tronco	Sobre a bacia	Estendido ao longo do corpo	Fletido sobre o braço	Sobre o ombro esquerdo	Fletidas	-	Elevada	NO/SE
MS-29	Sépulture XX	F	Adulto	Dorsal	Estendido ao longo do corpo	Fletido e sobre o peito	Sobre o ombro esquerdo ou peito	Estendido ao longo do corpo	Fletido sobre a parte inferior do tronco	Sobre a bacia	Fletidas	Cruzados, o direito sobre o esquerdo	Elevada	NO/SE
MS-30	Sépulture XX	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
MS-31	Sépulture XXI	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
MS-32	Sépulture XXII	-	Infante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	SSE/NNO
MS-33	Sépulture XXIII	-	Infante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

MS-34	Sépulture XXIV	-	Infante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
MS-35	Sépulture XXV	-	Infante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
MS-36	Sépulture XXVI	-	Infante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
MS-37	Sépulture XXVII	-	Infante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
MS-38	Sépulture XXVIII	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
MS-39	Sépulture XXIX	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
MS-40	Sépulture XXX	M	Adulto	Dorsal	Estendido ao longo do corpo	-	-	Estendido ao longo do corpo	-	-	Fletidas sobre o tronco	Juntos	Elevada	NO/SE
MS-41	Sépulture XXXI	F	Adulto	Dorsal	Estendido ao longo do corpo	Fletido sobre o estômago	Sobre o antebraço esquerdo	Estendido ao longo do corpo	Fletido sobre o ventre	Sobre a zona púbica	Fletidas sobre o tronco	Cruzados	'	NO/SE

MS-42	Sépulture XXXII	F	Adulto	Dorsal	Estendido ao longo do corpo	Fletido obliquamente	Sobre a zona púbica	Estendido ao longo do corpo	Fletido obliquamente	Sobre a zona púbica	Fletidas sobre o tronco	-	Elevada	N/S
MS-43	Sépulture XXXIII	F	Adulto	Dorsal	Estendido ao longo do corpo	-	-	Estendido ao longo do corpo	Fletido sobre a bacia	-	Fletidas sobre o tronco	Cruzados com o esquerdo sobre o direito	Elevada	N/S
MS-44	Sépulture XXXIV	M	Adulto	Dorsal	Estendido ao longo do corpo	Fletido sobre o tronco	-	-	-	-	Muito fletidas sobre o tronco	-	-	N/S

4.2.2.2 - O enterramento: estrutura, orientação, localização

a) Estrutura do enterramento

Jean Roche (1972) especifica a estrutura do enterramento de 12 esqueletos. Foram descobertos 5 esqueletos adultos em “*covas na areia*”, todos eles exumados de enterramentos individuais, sendo esta a única característica aparentemente comum a todos. Desses 5 indivíduos, 4 apresentavam os pés cruzados. O quinto indivíduo não apresentava os pés cruzados mas para além de estar depositado numa depressão, a mesma tinha no seu fundo uma grande quantidade de amêijoas fechadas (*Tapes decussatus*). Foi também exumado um indivíduo adulto do sexo feminino sob uma “*cama de Scrobicularia plana* (“0,35 m de comprimento e 0, 05 m de espessura)”. Já os infantes, em 9 foram 5 inumados em fossas individuais e localizadas perto umas das outras, como veremos mais à frente.

Jean Roche (1972) confirma que os adultos terão sido depositados em depressões naturais no solo, dificultando a delimitação do mesmo. Já os infantes encontravam-se em cavidades traçadas na areia, lado a lado umas das outras e segundo uma disposição em semi-círculo. O diâmetro médio dessas fossas seria de 0,85 metros e, em média, com 0,23 metros de profundidade, podendo ser algumas um pouco maiores.

Tabela 7 – Tabela de síntese com dados relativos ao tipo de enterramento, sexo e idade das inumações analisadas da Moita do Sebastião.

	Feminino				Masculino				Infante	Criança	Jovem adulto	Ind.	Total
	Jovem adulto	Adulto	Idoso	Ind.	Jovem adulto	Adulto	Idoso	Ind.					
Estrutura do enterramento	Depressão				3								5
	Fossa								5				5
	<i>Tapes decussatus</i>				1								1
	<i>Scrobicularia plana</i>												1
	Conchas												
	Seixos												
	Outro				1 8 1				4	1	1	6	33

b) Orientação

A orientação dos esqueletos sempre foi uma das características mais debatidas dos contextos funerários do complexo de Muge. Foram registadas na Moita do Sebastião 9 orientações diferentes, havendo, no entanto, uma clara tendência para a posição NO/SE. Esta foi aplicada tanto ao sexo feminino como ao masculino e a idosos, adultos e infantes. Os jovens adultos permanecem uma incógnita pois a nenhum dos dois foi associada uma orientação.

Sobre a orientação NO/SE:

- As informações acerca do infante e do indivíduo idoso com orientação NO/SE não permitem fazer relações com outras características dos enterramentos. Os restantes 8 indivíduos são todos adultos, 4 do sexo masculino (MS-1, MS-2, MS-7 e MS-9, *vide* Anexo XX) e 4 do sexo feminino (MS-40, MS-28, MS-29 e MS-41, *vide* Anexo XX).
- Desses 8 adultos, 3 foram inumados em depressões.
- Dos 4 adultos de sexo feminino, apenas se sabe a posição completa de 3 deles, apresentando-se todos eles com posições assimétricas e, como referido anteriormente, sempre com um dos antebraços e mãos sobre a parte inferior do tronco e o outro sobre a parte superior. Em 3 casos as pernas encontravam-se fletidas sobre o tronco e em 2 casos, os pés estavam cruzados.
- Dos 4 adultos de sexo masculino, apenas se sabe a posição completa de apenas 1, sendo a informação dos restantes incompleta ou quase nula. Esse indivíduo encontra-se numa posição simétrica e com as pernas fletidas (MS-9, *vide* Anexo XX), ao contrário dos outros indivíduos cujas pernas se encontravam fletidas sobre o tronco.
- Esta orientação aparece maioritariamente associada a indivíduos depositados com os membros superiores posicionados assimetricamente, tendo todos eles uma das mãos sobre o membro superior ou inferior esquerdo.

Os indivíduos com orientação para N/S (n = 5) são, na sua maioria adultos (n = 4), não havendo informações acerca do sexo, idade e posição do quinto indivíduo. Existe também um padrão relativamente à posição das pernas: 3 casos em 5 com as pernas fletidas sobre o tronco, sendo estes enterramentos os únicos com informação quanto à posição das pernas. Não se registaram mais nenhuma associações.

A orientação SE/NO apresenta um padrão claro: embora se repita apenas duas vezes, ocorre com enterramentos individuais de adultos de sexo masculino com os membros superiores posicionados simetricamente e pernas fletidas, embora um deles tivesse as pernas fletidas sobre o tronco (MS-23 e MS-25, *vide* Anexo XX).

As restantes orientações apenas se dão uma vez e em enterramentos individuais, não havendo nenhuma particularidade acerca dos mesmos.

Tabela 8 – Tabela de síntese com dados relativos à orientação, sexo e idade das inumações analisadas da Moita do Sebastião.

Orientação	Feminino				Masculino				Infante	Criança	Jovem adulto	Ind.	Total
	Jovem adulto	Adulto	Idoso	Ind.	Jovem adulto	Adulto	Idoso	Ind.					
N/S		2				2						1	5
NE/SO						1							1
NO/SE		4	1			4			1				10
NNE/SSO						1							1
SE/NO						2							2
SSE/NNO									1				1
E/O				1									1
ENO/SSE		1											1
O/E						1							1

c) Localização (distribuição espacial intra-sítio)

As deposições parecem ter sido feitas em espaços limitados, estando os esqueletos muito perto uns dos outros (*vide* figura xx e figura xx). Tal como Roche refere (1972), 20 enterramentos estão distribuídos por uma superfície de 75 m² (quadrados KL.14-15 e OP.11-12), 4 enterramentos encontram-se em K.19 com 6,23 m² e 8 enterramentos, entre os quais 6 são de infantes, estão organizados numa superfície de 19 m² (EF.9-10 e IJ.11-12). Os adultos terão sido depositados em depressões naturais e os infantes em cavidades feitas na areia (fossas), lado a lado umas das outras e segundo uma disposição em semi-círculo, com um diâmetro médio de 0,85 metros e, em média, com 0,23 metros de profundidade, podendo ser algumas um pouco maiores.

Existe uma clara organização intra-sítio neste concheiro, tendo este aspeto sido logo defendido por Jean Roche: duas áreas com funcionalidades diferentes, uma habitacional com silos, fossas e buracos de poste, e outra sepulcral, sendo que os infantes encontravam-se sepultados separadamente dos adultos. Existe ainda uma organização relativamente aos próprios enterramentos (Bicho & Gonçalves, no prelo-a). A reanálise desses autores dos dados publicados por Jean Roche permitiu identificar a existência de dois grupos principais através dos materiais votivos:

- O grupo noroeste - composto por 22 enterramentos, com conchas (ornamentais ou não) associado a 8 e líticos a 2 desses.
- O grupo sudoeste - composto por 12 enterramentos, sendo um de uma criança e o único com materiais votivos (conchas perfuradas).

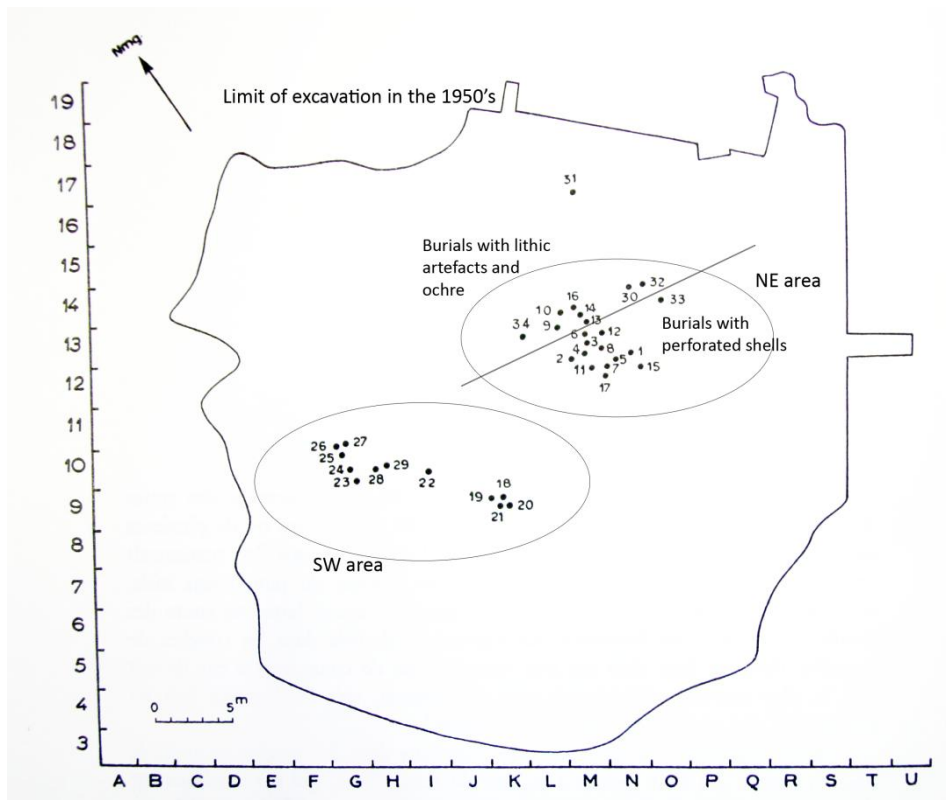


Imagem 20 – Planta com os enterramentos descobertos entre 1952 e 1953, com as diferentes áreas de enterramentos e de materiais associados delimitadas (Bicho & Gonçalves, no prelo-a).

Estando esta avaliação feita por autores prévios, foi ainda averiguado se dentro desses grupos haveria alguma organização própria ligada ao sexo, mas sem sucesso.

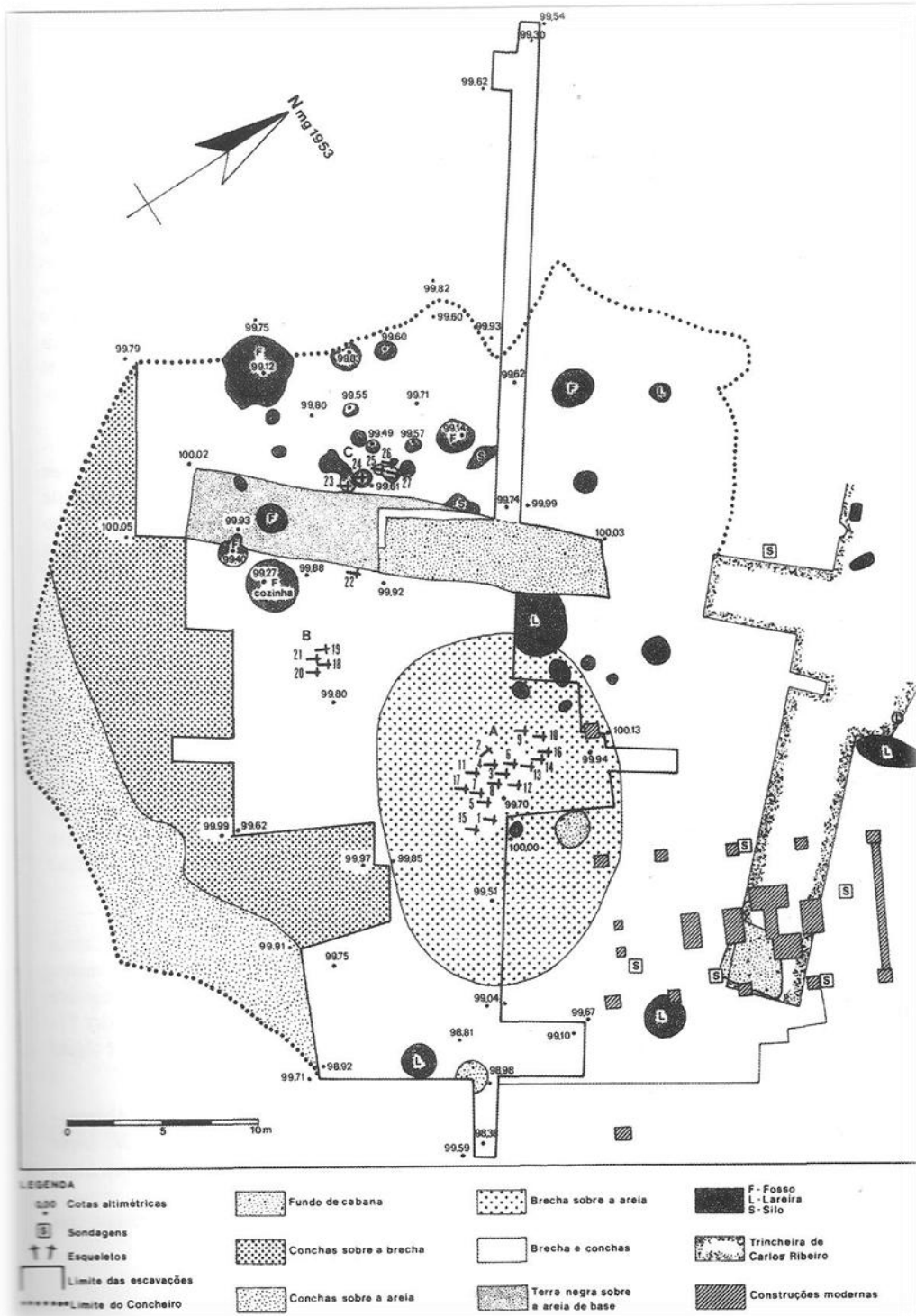


Imagem 21 – Planta da área escavada na Moita do Sebastião. Desenho pertencente ao arquivo de O. Da Veiga Ferreira (Cardoso & Rolão, 1999/2000).



Figura 23 – Vista parcial das escavações de 1953 na Moita do Sebastião. Primeira Campanha de escavações na Moita do Sebastião. Fotos de C. Teixeira (14/5/1953) (Cardoso & Rolão, 1999/2000).

4.2.2.3 - Os materiais votivos: tipo, variedade e quantidade

Uma das grandes características dos contextos funerários descobertos na Moita do Sebastião são os materiais associados aos mesmos. São no total 13 esqueletos, dois deles pertencentes ao mesmo enterramento (enterramento coletivo):

- Adornos (7 enterramentos): estão sempre localizadas sobre ou bastante próximo do esqueleto, levando a acreditar na existência de colares, pulseiras, bandoletes ou cintos feitos com estas conchas perfuradas (Roche, 1972a). Está apenas associado a dois infantes de idades próximas (± 1 ano e ± 2 anos) e localizações diferentes. Os restantes 5 indivíduos são adultos do sexo feminino (n=4) e masculino (n=2). É interessante verificar que estes materiais aparecem maioritariamente associados a esqueletos com orientação NO/SE, sendo que os restantes três esqueletos apenas não apresentam informação acerca da sua orientação. Estes adornos aparecem nos enterramentos em quantidades posições diferentes, num caso acompanhado de carvões, noutra de materiais corantes ou então sozinhos. No caso dos enterramentos coletivo, foram encontrados 7 sob os esqueletos. Quanto aos enterramentos

individuais, num dos casos a localização dos adornos indicou a possível existência de um colar, enquanto nos 2 restantes, foram encontrados perto das membros inferiores.

- Materiais corantes (4 enterramentos): apenas indivíduos do sexo masculino e inumados em contextos funerários individuais é que apresentaram vestígios de materiais corantes. Em 3 casos, orientação era NO/SE, sendo a do quarto caso O/E. Embora sem relação aparente à orientação do esqueleto, apresentavam todos as pernas fletidas, sendo que em 3 casos estavam sobre o tronco.
- Materiais líticos (geral) (1 enterramento): um seixo de quartzito cilíndrico, junto da cabeça de um indivíduo idoso de sexo feminino, depositado numa inumação individual. Este indivíduo foi também o único exumado orientado para E/O.
- Geométricos (1 enterramento): trapézio encontrado sobre o peito de um indivíduo adulto de sexo feminino, exumado de uma inumação individual.
- Carvões (3 enterramentos): associados a 3 esqueletos, dois deles pertencendo ao mesmo enterramento (coletivo). Os três esqueletos tinham as pernas fletidas sobre o tronco e orientados para NO/SE. Os carvões foram encontrados à volta dos esqueletos.
- *Helix pisana* (1 enterramento): o enterramento de um indivíduo adulto de sexo feminino apresentava uma grande quantidade de *Helix pisana*, levando Jean Roche a pensar numa possível oferenda de comida (1972a). Este enterramento é o único desta amostra com orientação ENO/SSE.

Tabela 9 – Tabela de síntese com dados relativos aos materiais associados aos enterramentos e a sua localização, sexo e idade das inumações analisadas da Moita do Sebastião.

		Feminino				Masculino				Infante	Criança	Jovem adulto	Ind.	Total
		Jovem adulto	Adulto	Idoso	Ind.	Jovem adulto	Adulto	Idoso	Ind.					
Materiais	Adornos		3				2			2				7
	Materiais corantes						3			1				4
	Materiais líticos (geral)				1									1
	Geométricos		1											1
	Carvão		1				2							3
	Pinças de caranguejo													
	<i>Helix pisana</i>		1											1
	<i>Scrobicularia plana</i>													
	Outros													
	Localização de materiais	Sob o esqueleto		1				1						
À volta do esqueleto			2				3							5
Sobre o corpo										1				1
Zona da cabeça					1					1				2
Zona dos membros superiores														
Zona do tronco			1				1			1				3
Zona dos membros inferiores			1				2							3

4.2.3 – Cabeço da Amoreira

Ressalve-se, antes de mais, que a informação relativa aos enterramentos do Cabeço da Amoreira encontra-se bastante fragmentada e incompleta, sendo que, muitas vezes, apenas existe informação sobre a posição do corpo (no caso dos concheiros de Muge, decúbito dorsal ou lateral) e a orientação do mesmo. A maioria dos enterramentos aqui apresentados foram descobertos durante o século XX, sendo que as informações provenientes da maioria desses contextos funerários não se encontram propriamente publicadas. Os dados dos enterramentos descobertos nos anos 30 foram retirados da tese de doutoramento de José Rolão (1999) que teve acesso direto a cadernos de campo, tendo o próprio dirigido escavações neste concheiro. As mesmas foram complementadas, sempre que possível, através da análise de fotografias e desenhos presentes em cadernos de campo publicados.

Quanto aos enterramentos exumados nos anos 60, os dados aqui apresentados foram retirados de uma planta, não havendo indicação da camada e de possíveis materiais associados. Nalguns casos estava indicada a profundidade a que foram encontrados, não sendo por vezes essa informação suficiente. Também não foi possível perceber em que decúbito se encontravam todos estes indivíduos, nem a posição dos seus membros superiores e inferiores. Embora no desenho da planta pareçam todos estar em decúbito dorsal, alguns desenhos e fotografias apresentam esqueletos em decúbito lateral.

4.2.3.1 - O indivíduo: proveniência, perfil biológico, posição

a) Proveniência estratigráfica

Esta amostra do Cabeço da Amoreira é composta por 47 indivíduos, o número de esqueletos sobre os quais se conseguiu reunir informação para este estudo. Da camada profunda foram exumados 22 indivíduos: 16 provenientes de enterramentos individuais e 6 de enterramentos coletivos. A camada intermédia está aqui representada por 6 indivíduos, todos provenientes de enterramentos individuais. O mesmo se dá na camada superficial mas com um total de 9 indivíduos. Existem, no entanto, vários indivíduos sem camada associada: 4 provenientes de enterramentos individuais e 6 provenientes de enterramentos coletivos. Em cada enterramento coletivo referido para o Cabeço da Amoreira foram exumados 2 indivíduos.

Tabela 10 – Tabela de síntese com dados relativos ao tipo de enterramento, camada, posição do corpo, sexo e idade das inumações analisadas do Cabeço da Amoreira.

		Feminino			Masculino			Criança	Jovem adulto	Adulto	Idoso	Ind	Total
		Adulto	Idoso	Ind.	Adulto	Idoso	Ind.						
Tipo de enterramento	Individual	1			1			4	1	1	2	25	35
	Coletivo			2			2					8	12
Camada	Superficial										2	7	9
	Intermédia	1			1			1				3	6
	Profunda			2			2	3	1	1		13	16
Posição do corpo	Decúbito dorsal			1				1	1	1		6	10
	Decúbito lateral	1		1	1		2	1			1	3	10

b) Perfil biológico

A informação acerca do sexo e da idade destes indivíduos apresenta-se bastante escassa. O número de indivíduos de sexo e idade indeterminada continua relativamente alto, tal como acontece no Cabeço da Arruda, já anteriormente abordados:

- Camada profunda: 3 crianças, 1 jovem adulto (sexo indeterminado), 1 adulto (sexo indeterminado), 2 indivíduos de sexo masculino (idade indeterminada), 2 indivíduos de sexo feminino (idade indeterminada) e 7 indivíduos de sexo e idade indeterminada. Os indivíduos cujo sexo foi identificado foram exumados de enterramentos coletivos (CAM-5, CAM-6, CAM-8 e CAM-9, *vide* Anexo 3).
- Camada intermédia: 1 criança, 1 indivíduo adulto de sexo masculino, 1 indivíduo adulto de sexo feminino e 3 indivíduos de sexo e idade indeterminada. Todos provenientes de enterramentos individuais.
- Camada superficial: 2 idosos e 6 indivíduos de sexo e idade indeterminada.

Foram exumadas crianças da camada profunda e da camada intermédia, embora em maior número da mais antiga. Poderá certamente estar relacionado com o maior número de esqueletos exumados na camada profunda, quase o dobro do que na intermédia. Este pormenor já não é aplicável à exumação de idosos, presente apenas na camada superficial. Ressalve-se ainda que todos os esqueletos provenientes das escavações dos anos 60 permanecem com o perfil biológico indeterminados.

c) Posição

É referido com clareza na literatura disponível, a existência de esqueletos depositados em decúbito dorsal e em decúbito lateral no Cabeço da Amoreira.

Na camada profunda, os dados indicam que foram inumados em decúbito dorsal 1 criança, 1 jovem adulto, 1 adulto de sexo indeterminado, 1 indivíduo feminino de idade indeterminada e 6 outros indivíduos cujo perfil biológico permanece uma incógnita. Em decúbito lateral foi inumada outra criança, 2

indivíduos de sexo masculino de idade indeterminada, 1 indivíduo de sexo feminino e idade indeterminada e dois indivíduos sem informações.

Da camada intermédia, apenas se sabe a posição de 4 indivíduos. Dois deles, com idade e sexo indeterminado, foram inumados em decúbito dorsal. Os restantes, 1 adulto de sexo masculino e 1 adulto de sexo feminino, encontravam-se em decúbito lateral.

A camada superficial encontra-se muito fraca de informações: sabe-se apenas que dos 9 indivíduos exumados, dois se encontravam em decúbito lateral.

Sabe-se ainda na existência de mais 2 indivíduos em decúbito dorsal mas sem proveniência estratigráfica associada (CAM-46 e CAM-47, *vide* Anexo 3).

Relativamente à posição dos membros inferiores e superiores, a partir dos dados recolhidos:

- Uma das crianças, a única sobre a qual existe informação, encontrava-se inumada numa posição até agora única no Cabeço da Amoreira: pernas fletidas sobre o tronco e o membro superior esquerdo em torno das mesmas. Não há indicações do posicionamento do membro superior direito
- O único jovem adulto foi descoberto com as pernas fletidas sobre o tronco, não se sabendo a posição dos membros superiores, tirando os braços que se encontravam estendidos ao longo corpo.
- Os dados acerca dos idosos são igualmente muito fracos. Apenas se sabe a posição das pernas de um: fletidas sobre o tronco.
- No caso dos adultos, os 3 apresentam posições assimétricas e com os braços maioritariamente sobre a parte superior do tronco, havendo um único indivíduo com uma das mãos sobre os membros inferiores. Indivíduo esse o único a apresentar as pernas fletidas. Os outros dois indivíduos foram ambos encontrados com as pernas fletidas sobre o tronco, pelo menos uma das mãos perto da cabeça, ambos exumados de inumações individuais.

- Existem ainda outros 18 indivíduos, de idades e sexos indeterminados, todos com os braços estendidos ao longo do corpo, variando a posição dos antebraços e mãos. Desses 18, 10 apresentam informações apenas acerca da posição dos braços. Sempre que a posição das mãos foi observada, as mesmas encontravam-se sobre a parte inferior do tronco. O único caso para o qual esta observação não é válida é o de um indivíduo inumado coletivamente e cuja posição das pernas é idêntica a outro indivíduo inumado individualmente: ambos os braços estendidos ao longo do corpo, antebraços fletidos sobre o tronco com a mão direita sobre o ombro esquerdo, a mão esquerda sobre o peito e as pernas fletidas sobre o tronco e afastadas uma da outra (CAM-1 e CAM-46, *vide* Anexo 3).
- Existem, no total, 8 indivíduos com as pernas fletidas sobre o tronco, 5 encontravam-se em decúbito dorsal e os outros 3 em decúbito lateral. Este posicionamento das pernas é comum a crianças (n = 1), jovens adultos (n = 1), adultos (n = 2) e idosos (n = 1).
- Existem 10 indivíduos registados com as pernas fletidas., 5 deles na camada profunda e 1 na camada intermédia. Em 3 casos, o indivíduo foi inumado em decúbito lateral. O único esqueleto descoberto em decúbito dorsal é, aparentemente, o único com as mãos cruzadas (CAM-47, *vide* Anexo 3).
- Como já referido, existem 2 esqueletos com as pernas fletidas sobre o peito e afastadas uma da outra. Também um posicionamento similar dos membros superiores, variando a posição do antebraço e mão direita, embora ambos sobre a parte superior do tronco: enquanto o indivíduo proveniente de um enterramento coletivo apresenta o antebraço direito fletido sobre o peito e mão sobre o ombro direito, o segundo indivíduo, exumado de um enterramento individual, apresenta o antebraço direito fletido sobre o braço e mão junto da cabeça/perto do ombro direito (CAM-1 e CAM-46, *vide* Anexo 3).

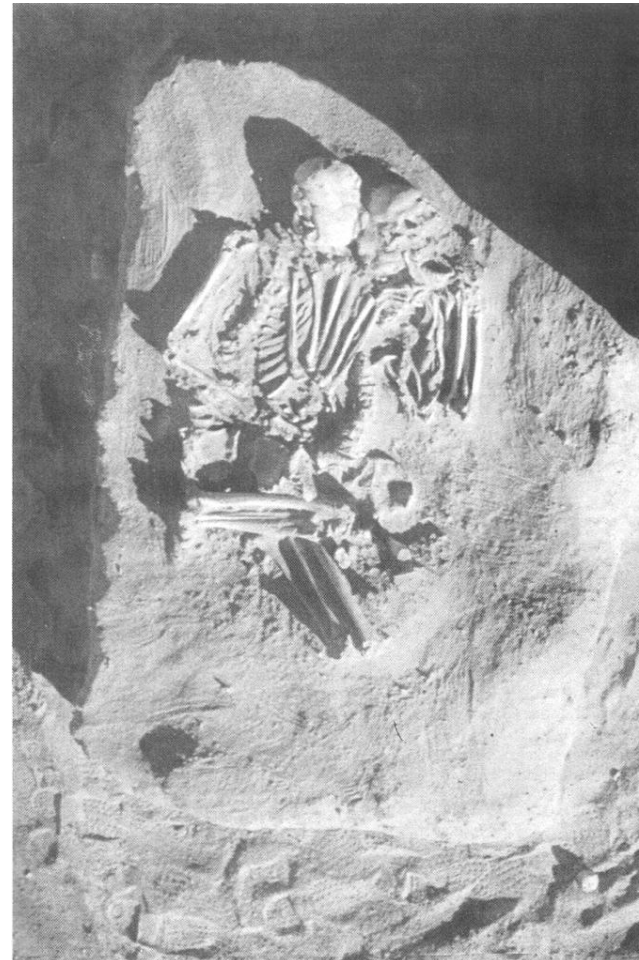
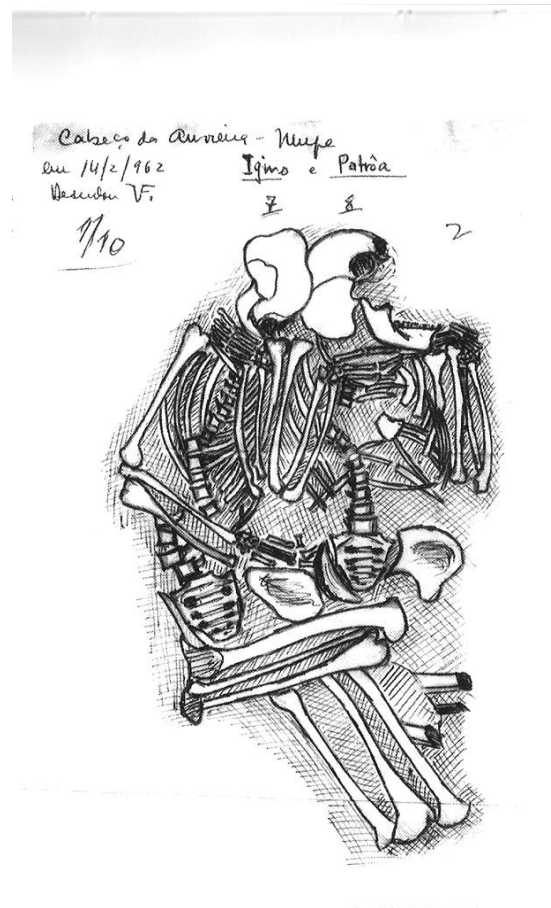


Figura 24 – “Ignio e Patrôa”. Enterramento coletivo descoberto no Cabeço da Amoreira (Cardoso & Rolão, 1999/2000).

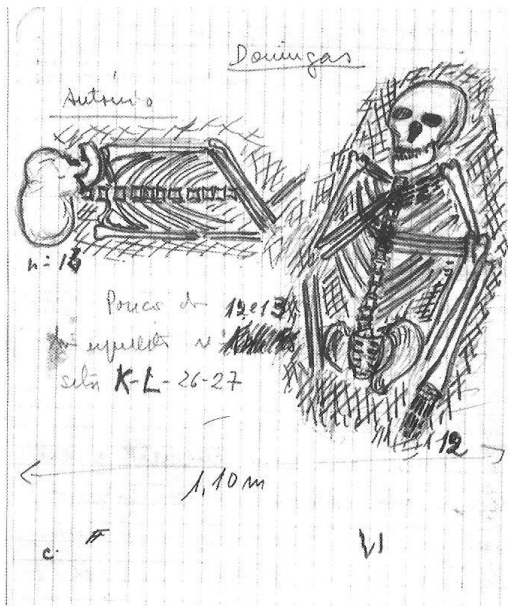


Figura 25 – “Domingos e Antônio”. Página do caderno de campo de O. Da Veiga Ferreira (4/11/1963). Segunda campanha de escavações no Cabeço da Amoreira e respetiva fotografia do enterramento (Cardoso & Rolão, 1999/2000).

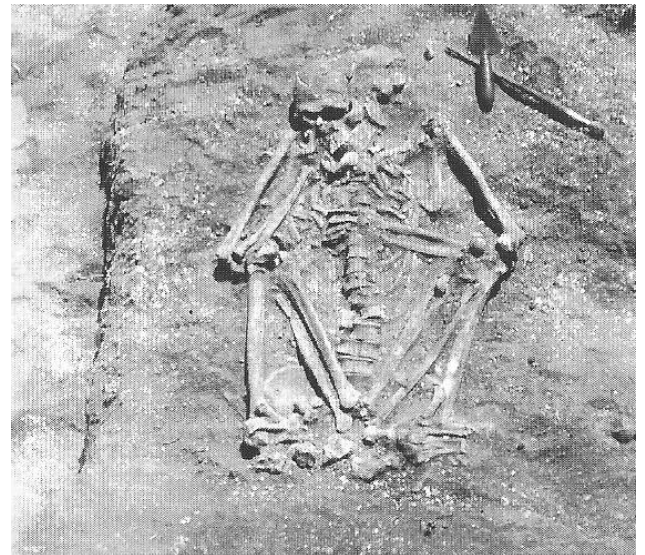


Figura 26 - Esqueleto CAM-1, Cabeço da Amoreira (1933) e respetiva fotografia do enterramento (Cardoso & Rolão, 1999/2000; Jackes & Lubell, 2012).

4.2.3.2 - O enterramento: estrutura, orientação, localização

a) Estrutura do enterramento

Os enterramentos descobertos no Cabeço da Amoreira apresentam vários tipos de estrutura. Existem registo de 3 esqueletos, 2 deles provenientes do mesmo enterramento, cuja deposição foi feita numa depressão e dois outros, provenientes de inumações individuais, depositados sobre uma grande quantidade de *Scrobicularia plana*. Estes dois últimos, embora ambos indivíduos adultos, nada partilham características em comum. O primeiro indivíduo foi exumado da camada profunda, encontrando-se posicionado em decúbito dorsal sobre uma base de terras negras e lamejinha. O segundo foi descoberto na camada intermédia e inumado em decúbito lateral sobre um nível de seixos, seguido de outro de lamejinha.

b) Orientação

A orientação do esqueleto é provavelmente a informação mais abundante para os casos do Cabeço da Amoreira Apresenta-se bastante variável, havendo, no entanto, alguns destaques:

- A orientação para SE/NO repete-se 15 vezes nesta amostra: 1 criança, 1 adultos de sexo feminino e 13 indivíduos de sexo e idade desconhecido. A fraca informação relativamente ao perfil biológico não nos permite discernir diferenciações. Esta orientação é escolhida 5 vezes na camada profunda, um dos indivíduos estando posicionado em decúbito dorsal. Já na camada intermédia, repete-se 2 vezes, um deles sendo uma criança e o outro um adulto de sexo feminino depositado em decúbito lateral. E, por fim, na camada intermédia, esta orientação é registada 3 vezes em indivíduos sem qualquer tipo de informação.
- À orientação NE/SO estão associados 6 indivíduos: 3 da camada profunda, 1 da intermédia e 2 da superficial. Não foi obtido nenhuma informação relativamente aos esqueletos da camada profunda. Está registado que um estaria em decúbito dorsal e restantes dois são provenientes da mesma inumação. Do esqueleto exumado da camada intermédia, apenas se sabe que era um indivíduo idoso inumado individualmente. É interessante observar que estes indivíduos foram depositados com as pernas fletidas sobre o tronco, havendo um único caso, proveniente do enterramento coletivo, com as pernas apenas fletidas.

- A orientação para NO/SE repete-se 6 vezes nesta amostra: uma delas na camada superficial e as restantes na camada profunda, indivíduos sobre os quais existem mais informações. Estes 4 indivíduos correspondem, na realidade, a 3 enterramentos pois deles foram exumados de um enterramento coletivo comum (CAM-5 e CAM-6, *vide* Anexo 3). Os indivíduos inumados juntos encontravam-se em decúbito lateral e as pernas fletidas. Dos restantes 2 indivíduos, sabe-se que 1 encontrava-se em decúbito lateral e o outro, um jovem adulto, em decúbito dorsal e com as pernas fletidas sobre o tronco.
- São 5 os esqueletos orientados para SO/NE, 3 destes provenientes de enterramentos coletivos, sendo dois do mesmo. Apenas se sabe que o indivíduo de sexo masculino exumado da camada profunda se encontrava inumado num enterramento coletivo, em decúbito lateral. Os outros 2 indivíduos descobertos na mesma inumação apresentam posições bastante diferentes: um com as mãos sobre a parte inferior do tronco e pernas fletidas, o outro com as mãos sobre a parte superior do tronco e pernas fletidas sobre o tronco. Dos restantes 2 indivíduos, apenas se sabe que foram inumados individualmente, um na camada profunda e outro na intermédia.
- A informação relativa aos enterramentos orientados para E/O é tão fraca que apenas sabemos que está 4 enterramento individuais, 3 deles descobertos na camada profunda.
- Também da camada superficial foram inumados dois indivíduos, um deles idoso, ambos em decúbito lateral, com as pernas fletidas sobre o tronco e orientados para S/N.
- As restantes orientações, N/S e NO/SO, apenas se dão uma vez. O indivíduo orientado para N/S foi exumado da camada intermédia e encontrava-se em decúbito dorsal numa inumação individual. A segunda orientação, um tanto estranha, está associada a um indivíduo de sexo feminino descoberto em decúbito dorsal, num dos enterramentos coletivos da camada profunda.

Tabela 11 – Tabela de síntese com dados relativos à orientação, sexo e idade das inumações analisadas do Cabeço da Amoreira.

	Feminino			Masculino			Infante	Criança	Jovem adulto	Idoso	Ind.	Total
	Adulto	Idoso	Ind.	Adulto	Idoso	Ind.						
Orientação	N/S										1	1
	NE/SO			1						1	4	6
	NO/SE								1		2	6
	NO/SO											1
	S/N									1	1	2
	SE/NO			1				1			13	15
	SO/NE										4	5
	E/O										4	4

c) Localização (distribuição espacial intra-sítio)

Tal como acontece para o Cabeço da Arruda e Moita do Sebastião, é feita referência várias vezes na literatura, de que os enterramentos, no geral, não estariam dispersos pelo concheiro mas sim agrupados, por vezes em pequenas áreas. Observando a localização dos vários enterramentos, de facto, aparentam localizar-se relativamente perto um dos outros mas não como no Cabeço da Arruda ou na Moita do Sebastião. Não são, por exemplo, referidas perturbações provocadas pela inumação de outros indivíduos. Relembra-se que essas várias zonas representam também as áreas escavadas durante as várias intervenções realizadas no Cabeço da Arruda, podendo a informação estar de certa forma truncada. Assim, existem sim pequenos grupos de indivíduos espalhados pelas várias áreas escavadas até então, havendo uma especial concentração entre o talhão HI8 e KL-12, mas nenhuma ligação entre esses enterramentos foi encontrada, a não ser o facto da maioria ter sido exumado da camada profunda.

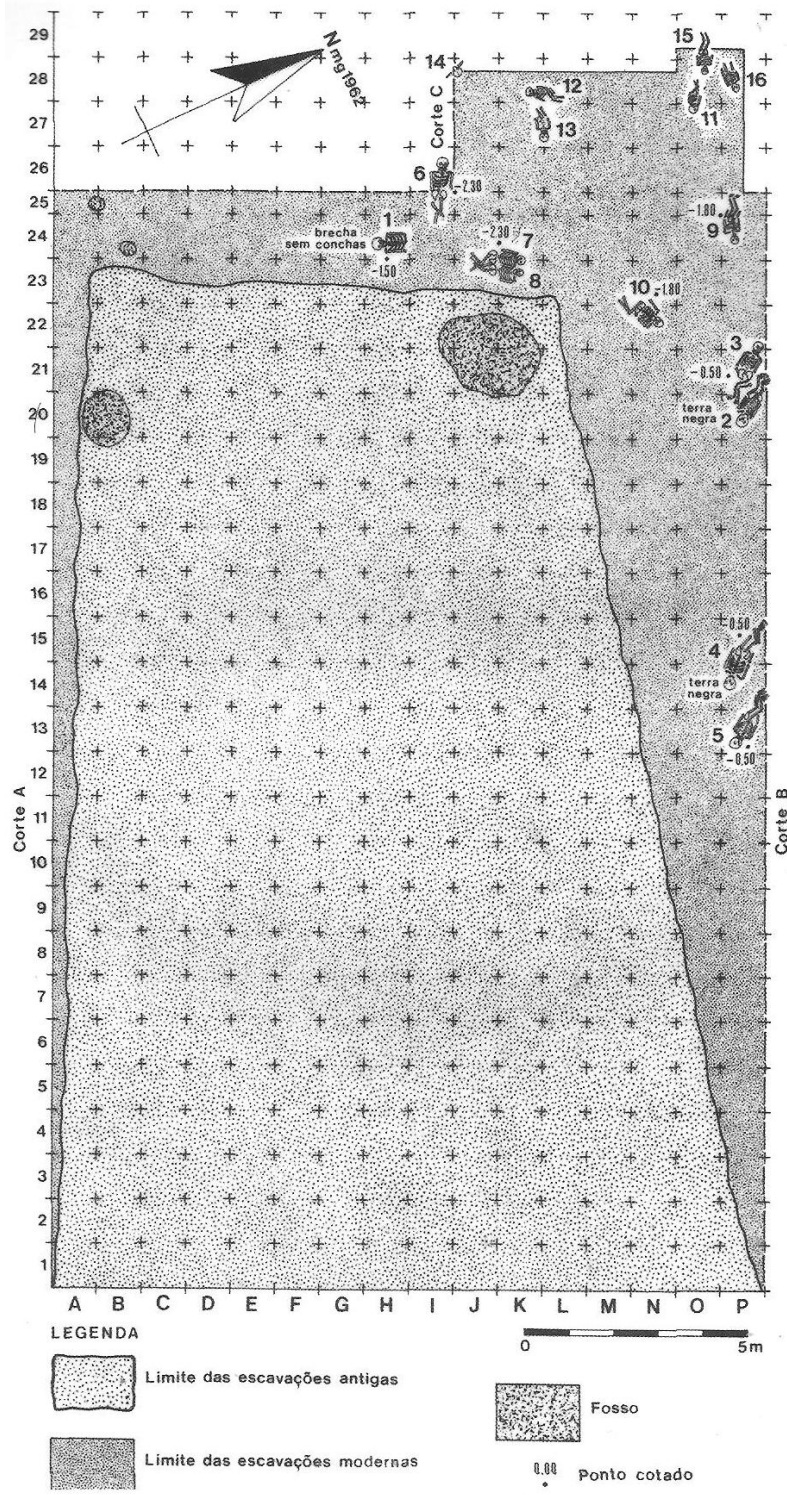


Figura 27 – Planta das áreas escavadas no Cabeço da Amoreira com alguns dos esqueletos encontrados (Cardoso & Rolão, 1999/2000).

4.2.3.3 - Os materiais votivos: tipo, variedade e quantidade

Relativamente aos materiais associados, ocorrem em apenas 9 enterramentos, todos individuais:

- Adornos: estão associados a 2 enterramentos individuais. Ambos adultos mas de sexos diferentes, depositados em decúbito lateral, mas com posições e orientações diferentes. O adulto de sexo masculino, orientados para NE/SO, foi inumado com os antebraços fletidos sobre os braços, as mãos unidas junto da cabeça e as pernas muito fletidas sobre o tronco (*vide* Figura 9). Já o adulto de sexo feminino, com orientação de SE/NO e as pernas menos fletidas, tinha a mão esquerda sobre o peito e a direita sobre o joelho direito (*vide* Figura 8). Ambos os enterramentos apresentavam mais materiais associados, sendo que as conchas perfuradas encontravam-se sobre o esqueleto.
- Materiais corantes: associado a apenas um enterramento, foram descobertos sobre o tronco do esqueleto. Este indivíduo terá sido inumado em decúbito dorsal, com os antebraços fletidos sobre o tronco e as mãos sobre o ventre. Este é o único esqueleto com materiais associados orientados para E/O.
- Materiais líticos (gerais): foram associados a 6 enterramentos individuais. Três indivíduos foram recuperados da camada superficial, sendo que 2 deles se encontravam depositados em decúbito dorsal, as pernas fletidas sobre o tronco, orientados para N/S e com os materiais junto e sobre o corpo (não existe nenhuma localização mais específica). O terceiro indivíduo, cujas informações são praticamente nulas, teria os materiais líticos junto ao crânio. Os restantes 3 indivíduos, exumados da camada intermédia, apresentavam posições e orientações diferentes. Os materiais estavam localizados, num dos casos perto dos membros superiores e inferiores (*vide* figura 9), estando nos restantes enterramentos à volta e sobre o corpo (*vide* CAM-17, Anexo 3 e figura 8).
- Geométricos: foram encontrados sobre o tronco de 2 indivíduos, 1 da camada superficial, outro da camada intermédia. Foram ambos inumados com as pernas fletidas sobre o tronco, mas em decúbitos e orientações diferentes: o indivíduo exumado na camada superficial (CAM-17, *vide* anexo 3) encontrava-se em

decúbito lateral e orientado para S/N, enquanto o indivíduo exumado na camada intermédia (CAM-17, *vide* Anexo 3) foi inumado em decúbito dorsal e orientado para N/S.

- Fauna mamalógica: alguns exemplares de osso de animais foram encontrado no enterramento de um adulto de sexo feminino, juntamente com outros tipos de materiais (*vide* figura 8).
- Carvão: aparecem maioritariamente em enterramentos de adultos exumados da camada intermediária (CAM-29 e CAM-30, *vide* anexo 3). No entanto, foi observado no enterramento de uma criança, esta exumada, no entanto, na camada profunda.
- Pinças de caranguejo: alguns exemplares encontravam associados ao enterramento de um adulto de sexo feminino, juntamente com outros tipos de materiais (CAM-29, *vide* anexo 3). Este é, aparentemente, um caso único.
- *Cerastoderma edule*: o berbigão aparece em grande quantidade num enterramento bastante rico em materiais (CAM-29, *vide* anexo 3), mais precisamente sobre a zona inferior do corpo. Existe ainda um segundo enterramento, também individual, localizado na camada superficial, em que é registada a presença deste tipo de bivalve mas sem referência à sua localização.
- *Scrobicularia plana*: observado sobre a parte superior do corpo de um indivíduo adulto de sexo feminino, depositado em decúbito lateral e com orientação para SE/NO.
- Para finalizar, é na camada superficial que existem mais evidências de materiais líticos. Em dois desses contextos não existe informação acerca do perfil biológico dos indivíduos. Num dos enterramentos foi detetada presença de lascas em quartzito, um geométrico e exemplares de *Cerastoderma edule*, todos aparentemente localizados sobre o tronco do indivíduo. No segundo enterramento foram identificados um vaso e um machado, sem informação quanto à localização desses materiais. O último caso, um idoso em decúbito

lateral, apresenta três peças líticas, todas em sílex e localizadas sobre o tronco do indivíduo cujo sexo não se encontra determinado. Ressalve-se ainda que dois destes três esqueletos encontravam-se orientados para N/S, podendo haver uma ligação direta entre a presença de materiais lítico e essa orientação, observável apenas na camada superficial do Cabeço da Amoreira.

Observando as camadas separadamente, ressalta que o número de enterramentos com materiais associados aumenta da camada profunda para a camada a camada superficial, sendo que os enterramentos daquela que representa a ocupação mais antiga não apresenta quaisquer materiais líticos associados aos mesmos, mas sim apenas materiais corantes e carvões. Da camada intermédia foram exumados 3 enterramentos com grande variedade de materiais associados, menos um do que na camada superficial. Relativamente à localização destes materiais, no geral, a maioria encontrava-se na zona do tronco.

4.3 - Os contextos funerários: variabilidade inter-sítio

Nesta secção são comentados os três sítios acima estudados, de forma a perceber agora a variabilidade mortuária entre estes concheiros que são parte integrante do mesmo complexo mesolítico. A análise inter-sítio foi, sem dúvida, influenciada pela qualidade e quantidade de dados disponíveis para cada um destes depósitos artificiais.

4.3.1 - O indivíduo: proveniência, perfil biológico, posição

a) Proveniência crono-estratigráfica

A informação que existe acerca de Moita do Sebastião remete os enterramentos todos para a base do concheiro mas por razões já aqui referidas. Ainda assim, existe um maior número de indivíduos exumados em camadas profundas (Cabeço da Arruda ± 20 , Cabeço da Amoreira ± 2) e um aumento nos enterramentos da camada intermédia para a camada superficial. Esta diferença nos números poderá estar ligada à funcionalidade do próprio sítio e à população que ali esteve, podendo estar também relacionada com a preservação dos próprios contextos funerários ou até mesmo com as próprias áreas de escavação que poderão não ter abrangido todas as áreas de inumação. Há que ter também em conta que a grande maioria dos esqueletos exumados no Cabeço da

Amoreira e no Cabeço da Arruda ainda não tem contextualização, sem informação relativamente a camada, posições e outros elementos essenciais para conhecer estes contextos funerários.

b) Perfil biológico

As informações relativas à idade e ao sexo dos indivíduos provenientes dos contextos funerários de Muge são tão escassas que não permitem retirar ilações.

Sabemos que em ambos os concheiros os adultos são a faixa etária mais representativa ($CA+MS+CAM = 36$), seguindo-se os infantes ($MS = 9$ e $CAM = 2$), as crianças ($CA+MS+CAM = 5$), os jovens adultos ($CA+MS+CAM = 5$) e os idosos ($MS+CAM = 3$). Estas faixas etárias não aparecem em todos os concheiros nem em todas as camadas:

- 1) Infantes (9): exumados da camada profunda, tanto na Moita do Sebastião, como no Cabeço da Amoreira.
- 2) Crianças (5): exumados da camada profunda dos três concheiros, exceto um caso do Cabeço da Amoreira (camada intermédia)
- 3) Jovens adultos (5): exumados da camada profunda dos três concheiros, exceto um caso do Cabeço da Arruda (camada intermédia).
- 4) Adultos (37): exumados maioritariamente da camada profunda ($n = 30$), sendo que na camada intermédia foram descobertos 3 e na camada superficial 4. Ressalve-se que esta discrepância de número está bastante influenciada pela falta de informação acerca dos esqueletos do Cabeço da Arruda e do Cabeço da Amoreira.
- 5) Idosos (3): exumados dois idosos de sexo feminino da camada profunda da Moita do Sebastião e um idoso sem sexo atribuído da camada superficial do Cabeço da Amoreira.

Quanto a alguma diferenciação relativamente ao tipo de enterramento (individual ou coletivo), por falta de dados sobre o sexo dos indivíduos, não foi possível perceber que diferenças/semelhanças haveria entre estes concheiros. Quanto aos sexos, e comparando aqui apenas a Moita do Sebastião com o Cabeço da Amoreira (não foram

registados enterramentos coletivos no Cabeço da Arruda), em ambos o sexo feminino encontra-se em maioria e sempre que a orientação foi observada, estes indivíduos encontravam-se orientados para NO/SE. No caso dos indivíduos de sexo masculino, esta orientação foi apenas aplicada uma vez em cada concheiro. O mesmo não acontece com os enterramentos individuais, que aparecem em maior número nestes três concheiros.

c) Posição

Os enterramentos do complexo de Muge são caracterizados pela deposição do corpo em decúbito, isto é, deitado mas maioritariamente de costas ($n = 38$), principalmente na camada profunda. Foram também exumados 10 indivíduos em decúbito lateral: 5 exumados da camada profunda, 2 da camada intermédia e outros 2 da camada superficial, todos provenientes do Cabeço da Amoreira. Existem no entanto 42 indivíduos cuja posição não foi possível determinar.

Em qualquer um destes três concheiros os concheiros, o padrão é que os indivíduos serem inumados com os braços estendidos ao longo do corpo, variando a posição dos antebraços e das mãos. Os enterramentos de Muge são também caracterizados principalmente por posições assimétricas pois são poucos os casos em que os membros superior direito e esquerdo se encontrem na mesma posição. No caso das posições simétricas, surgem em igual frequência nas três camadas. No entanto, surgem apenas nas duas camadas mais recentes com o indivíduo depositado em decúbito lateral, ao contrário dos restantes. Não parece, no entanto, haver mais nenhuma relação com as restantes características que compõem estes contextos funerários tais como posição das pernas/pés, orientação do corpo ou materiais associados.

Existem apenas 3 enterramentos em que os indivíduos tinham uma das mãos sobre os membros inferiores. Um deles, uma criança, teria o membro superior esquerdo à volta das pernas que estavam em flexão forçada sobre o tronco. Os restantes 2 casos, ambos provenientes de enterramentos individuais, estão invertidos (*vide* tabela 12).

Tabela 12 – Enterramentos de adultos com uma das mãos sobre os membros inferiores.

S Nº	Camada estratigráfica	Sexo	Idade	Posição										Materiais Votivos	
				Decúbito	Superior						Inferior		Orientação (C/P)	Materiais Votivos	Localização
					Direito			Esquerdo							
					Braço	Antebraço	Mão	Braço	Antebraço	Mão	Pernas	pés			
MS-7	Profunda	M	A	Dorsal	Estendido ao longo do corpo	Fletido sobre o peito	-	Estendido ao longo do corpo	Fletido	Sobre o fêmur esq.	Muito fletidas sobre o tronco, uma contra a outra	-	NO/SE	Carvão e ocre	À volta do esqueleto
CAM-29	Intermédia	F	A	Lateral	Estendidos ao longo do corpo	Fletido ao longo do corpo	Sobre o joelho direito	Estendidos ao longo do corpo	Fletido sobre o tronco	Sobre o peito	Semi-flectidas	-	SE/NO	<i>Scrobicularia plana</i> <i>Cerastoderma edule</i> Pinças de caranguejo, carvões e conchas perfuradas	Zona superior do corpo Zona inferior do corpo Por cima do corpo

Ambos adultos, mas em decúbitos diferentes e provenientes de camadas diferentes, foram inumados com uma das mãos sobre a perna correspondente ao mesmo lado e as pernas fletidas embora de forma diferente. As suas orientações também são inversas e ambos foram inumados com materiais, embora apenas partilhem um tipo (carvão). Estes dois casos, para além da criança acima referida, são aparentemente únicos relativamente às suas posições.

Quanto à posição das pernas, também é bastante variável mas as únicas posições comuns ao Cabeço da Arruda, Moita do Sebastião e Cabeço da Amoreira são fletidas ou fletidas sobre o tronco. Conjugando esta variável com as restantes, não foi encontrado nenhum padrão que associa-se este posicionamento das pernas a outras características dos enterramentos. Os casos de pernas dobradas com uma menor flexão, aqui referidas como “fletidas”, na sua maioria, são indivíduos adultos, havendo um único jovem nesta amostra, que, embora maioritariamente da camada profunda, provêm das três camadas identificadas nestes depósitos artificiais. Essa discrepância de número poderá ter a ver, como já referido anteriormente, com o próprio número de esqueletos exumados da

camada profunda, que acaba por ser bastante superior aos da camada intermédia e superficial. Nos casos de pernas fletidas sobre o tronco, a posição mais frequente, os indivíduos são maioritariamente adultos, havendo no entanto 1 criança, 3 jovens e 2 idosos. Conjugando esta variável com as restantes características dos enterramentos, foi apenas encontrado um padrão: dos 4 jovens adultos presentes nesta amostra, 3 foram inumados com as pernas fletidas sobre o tronco, sendo que não existem indicações da posição das pernas do quarto indivíduo.

Finalmente, o posicionamento dos pés: apenas existem informações para a Moita do Sebastião, já apresentados. Dos restantes enterramentos não foi possível encontrar nenhuns dados, não permitindo assim incluí-los na análise inter-sítio. O mesmo se aplica à colocação da cabeça.

Tabela 13 - Tabela de síntese com dados relativos ao tipo de enterramento, camada, posição do corpo, sexo e idade das inumações analisadas provenientes do Cabeço da Arruda, Moita do Sebastião e Cabeço da Amoreira.

		Feminino				Masculino				Infante	Criança	Jovem adulto	Adulto	Idoso	Ind.	Total
		Jovem adulto	Adulto	Idoso	Ind.	Jovem adulto	Adulto	Idoso	Ind.							
Tipo de enterramento	Individual	1	8	1		10				9	3	1	14	2	40	91
	Coletivo		2	1	5	1	2		3	2	1	1			10	28
Camada	Superficial												4	2	8	14
	Intermédia	1	1			1					1		1		4	9
	Profunda		9	2	5	1	11		3	11	4	3	9		28	86
Posição do corpo	Decúbito dorsal	1	6		1		8			1	2	2	10		12	43
	Decúbito lateral		1		1		1		2	1	1			1	2	10
Posição cabeça	Elevada		4				3						1			8
	Outra		6	2	5	1	9		3	11	4	2	1	2	23	69

4.3.2 - O enterramento: estrutura, orientação, localização

a) Estrutura do enterramento

Não são muitos os enterramentos em que foi registado uma estrutura para depositar o corpo.

Apenas encontradas na Moita do Sebastião, as 5 fossas foram apenas utilizadas para inumar infantes e perto uns dos outros. Existem ainda outras estruturas apenas observadas num enterramento, não permitindo uma comparação muito aprofundada. Também na Moita do Sebastião foram descobertos 6 indivíduos depositados em depressões, muitas descritas como “*covas na areia*”, e mais 3 no Cabeço da Amoreira. Não foram detetados padrões que explicassem, de certa forma, a escolha deste tipo de estrutura. Por fim, foram também descobertos esqueletos depositados sobre grandes quantidades de conchas. As *Tapes decussatus* encontram-se associadas a um indivíduo adulto de sexo masculino, ao contrário da *Scrobicularia plana* associada a 2 mulheres e a um outro adulto de idade e sexo desconhecido. Não foi encontrada mais nenhuma ligação entre estes casos.

Tabela 14 - Tabela de síntese com dados relativos à estrutura do enterramento, sexo e idade das inumações analisadas provenientes do Cabeço da Arruda, Moita do Sebastião e Cabeço da Amoreira.

Estrutura do enterramento	Feminino				Masculino				Infante	Criança	Jovem adulto	Adulto	Idoso	Ind.	Total
	Jovem adulto	Adulto	Idoso	Ind.	Jovem adulto	Adulto	Idoso	Ind.							
Depressão		2		1		3						1		1	9
Fossa									5						5
<i>Tapes decussatus</i>						1									1
<i>Scrobicularia plana</i>		2										1			3
Seixos		1													1

b) Orientação

Algumas das orientações observadas vão apenas registadas uma vez ou apenas num destes concheiros. No entanto existem determinadas orientações que se repetem várias vezes e nos vários depósitos artificiais:

- N/S (13 indivíduos): registada tanto no Cabeço da Arruda, como na Moita do Sebastião e Cabeço da Amoreira, esta orientação foi observada na camada profunda, intermédia e superficial, em adultos e crianças. Os indivíduos cujo decúbito foi possível determinar, encontravam-se todos em decúbito dorsal.
- NE/SO (9 indivíduos): orientação associada a enterramentos provenientes dos três concheiros e das três camadas principais determinadas. Sem nenhuma relação visível entre os mesmos.
- NO/SE (16 indivíduos): orientação mais utilizada no complexo de Muge para inumar os mortos, mas aparece apenas nos registos da Moita do Sebastião e do Cabeço da Amoreira. Está associada a enterramentos exumados da camada profunda, à exceção de um único caso em que o indivíduo estava inumado na camada superficial (*vide* CAM-23, Anexo 3), que incluem tanto inumações coletivas como individuais de 1 criança, 1 jovem adulto e 1 idoso, sendo os restantes adultos ou indivíduos de sexo e/ou idade indeterminada. Os dados destes enterramentos variam tanto, não apresentando nenhum padrão ou ligação óbvia com outras características destes contextos funerários, relevantes para uma análise inter-sítio.
- S/N (4 indivíduos): observada apenas no Cabeço da Arruda e no Cabeço da Amoreira, esta orientação está associada a 2 enterramentos individuais provenientes de cada um destes sítios. No caso do Cabeço da Arruda, os dois enterramentos foram descobertos na camada profunda, um deles de um jovem, e ambos os indivíduos depositados em decúbito dorsal. Os outros 2 esqueletos, exumados da camada superficial do Cabeço da Amoreira, encontravam-se ambos em decúbito lateral, com as pernas fletidas sobre o tronco e com materiais líticos associados aos seus enterramentos. Embora a orientação do

esqueleto seja a única coisa que ligue estes 4 enterramentos, estes destacam-se precisamente pelas suas diferenças e não semelhanças.

- SE/NO (17 indivíduos): são provenientes da Moita do Sebastião apenas 2 destes enterramentos, tendo sido os restantes descobertos no Cabeço da Amoreira. Sabemos que 3 destes indivíduos estava depositado em decúbito dorsal, havendo apenas um único caso em que o indivíduo se encontrava em decúbito lateral, enterramento esse o único deste grupo ao qual estavam associados materiais. No caso dos indivíduos exumados da Moita do Sebastião, ambos apresentavam posições em que a posição dos seus membros superiores era simétrica, o que não acontece nos restantes casos. A maioria destes 17 indivíduos tinha as pernas fletidas, havendo um único esqueleto com as pernas fletidas sobre o tronco.

Tabela 14 - Tabela de síntese com dados relativos à orientação, sexo e idade das inumações analisadas provenientes do complexo de Muge.

Orientação	Feminino				Masculino				Infante	Criança	Jovem adulto	Adulto	Idoso	Ind.	Total
	Jovem adulto	Adulto	Idoso	Ind.	Jovem adulto	Adulto	Idoso	Ind.							
N/S		2			2					1		3		5	13
NE/SO					2							3	1	2	8
NO/SE		2		2	4		1	1		1				2	13
NNE/SSO				1	1							1			3
S/N													1	3	4
SE/NO		1			1					1				7	10
SO/NE							1					1		1	3
SSE/NNO								1							1
E/O				1								1		2	4
ENO/SSE		1													1
O/E					1									1	2
ONO/ESSE												2			2

c) Localização (distribuição espacial inter-sítio)

A literatura indica que em todos estes concheiros os enterramentos tendem a não estar dispersos pelos concheiros, estando assim, normalmente, em áreas aproximadas. Tal como referido atrás e visto através de plantas e desenhos, de facto parece haver uma certa

tendência para sepultarem os seus mortos em grupos, mesmo que reduzidos. Este facto é, no entanto, muito mais visível na Moita do Sebastião e no Cabeço da Arruda, tendo já sido demonstrado anteriormente. Ainda assim, mais nenhum destes concheiro evidência uma organização espacial como é visível na Moita do Sebastião.

4.3.3 - Os materiais votivos: tipo, variedade e quantidade

O Cabeço da Arruda distancia-se aqui dos restantes concheiros pelo facto de apenas três enterramentos apresentarem materiais associados, todos na camada profunda. Estes enterramentos destacam-se pelo tipo e quantidade de materiais, em especial líticos, tal como já referido. É interessante ver que na Moita do Sebastião, existem apenas 2 enterramentos com materiais líticos associados, ao contrário das inumações no Cabeço da Amoreira, onde os materiais líticos são também mais frequentes.

Os materiais líticos e os adornos são o tipo de material que se encontra mais vezes associado aos enterramentos dos concheiros de Muge. Revisitando dados acima descritos, podemos ver que tanto no Cabeço da Amoreira como na Moita do Sebastião, foram associados materiais corantes (ocre, apenas na camada profunda), carvões e conchas perfuradas.

É ainda interessante ver que os líticos, tanto no Cabeço da Amoreira como no Cabeço da Arruda, não aparecem nos enterramentos nas camadas profundas. Concheiros estes, onde os materiais votivos apenas estão associados a indivíduos adultos, ao contrário do que é visto na Moita do Sebastião.

Tabela 15 - Tabela de síntese com dados relativos aos materiais associados, à sua localização, sexo e idade das inumações analisadas provenientes do complexo de Muge

	Feminino				Masculino				Infante	Criança	Jovem adulto	Adulto	Idoso	Ind.	Total
	Jovem adulto	Adulto	Idoso	Ind.	Jovem adulto	Adulto	Idoso	Ind.							
Materiais															
	Adornos	4			3			1							8
	Materiais corantes				4			1						1	6
	Materiais líticos (geral)	1			1						3	1	3		9
	Geométricos	1											2		3
	Fauna mamalógica	1			1						1				3
	Carvão	2			3				1						6
	Pinças de caranguejo	1													1

5. Discussão

O estudo das práticas funerárias dos concheiros de Muge sofrerá sempre, tal como se viu aqui, de falta de informação ou até mesmo corroboração dos dados antigos existentes. Os dados foram-se revelando insuficientes ou pouco coesos, especialmente para um estudo de variabilidade mortuária, que deve ser sistemático e o mais direto possível.

5.1 - A problemática da metodologia

A amostragem aqui apresentada é composta por um total de 119 indivíduos: 28 provenientes do Cabeço da Arruda, 44 da Moita do Sebastião e 47 do Cabeço da Amoreira. Este número total representa apenas parte do conjunto real de indivíduos inumados no complexo de Muge, que seria superior a 360. Os dados aqui reunidos resultaram de uma leitura exaustiva da literatura disponível mas continua a encontrar-se bastante fragmentada, especialmente para o Cabeço da Amoreira e para o Cabeço da Arruda, em que, para muitos enterramentos, apenas sabemos a orientação, o número de indivíduos presentes no enterramento ou, por vezes, a idade ou o tipo de decúbito. Moita do Sebastião não apresenta tantos problemas relativamente aos enterramentos sobretudo por apenas ter sido maioritariamente intervencionado na década de 1950 e 1960 por Jean Roche, cuja preocupação se focava bastante nos enterramentos e na interpretação dos mesmos. Também há que referir que seria uma época e uma realidade arqueológica bem diferente da de Carlos Ribeiro e Paula e Oliveira, sendo que os métodos arqueológicos e pensamento arqueológico aplicados coincidiriam com a Arqueologia praticada no século XIX e XX. Uma das problemáticas ligada aos contextos de Muge e que, de certa forma, está intrinsecamente ligada à metodologia aplicada em trabalhos de campo antigos, é a questão da cronologia e das datações absolutas. Em 1957, Jean Roche e O. da Veiga Ferreira proporcionaram a primeira datação direta pelo método do radiocarbono. O *Laboratoire d'Electronique Physique du Centre d'Études Nucléaires* (Saclay, França) tratou uma amostra de carvão (Sa-16), proveniente de um nível de base de Moita do Sebastião escavado em 1954, e cuja datação final foi 7350 ± 350 BP (Roche, 1972; Roche e Veiga Ferreira, 1972-1973; Lubell *et al.*, 1986; Umbelino, 2006). Em 1971, o Laboratório de ^{14}C da Universidade

de Heidelberg datou carvões da mesma proveniência, *i.e.* lote, obtendo uma datação de 7080 ± 130 BP (H2119/1546), validando a primeira obtida (Umbelino, 2006). A partir de então, várias datações foram realizadas por Jean Roche, tanto para o Cabeço da Arruda como para o Cabeço da Amoreira, na tentativa de perceber a ocupação e funcionalidade destes depósitos artificiais. Das datações absolutas realizadas para a determinação da ocupação mesolítica nos concheiros do vale do Tejo, a esmagadora maioria provêm então dos concheiros considerados como “principais”, isto é, Moita do Sebastião, Cabeço da Amoreira e Cabeço da Arruda, sendo que apenas quatro datações provêm de outros concheiros (Cova da Onça, Vale da Fonte da Moça I e Ribeira de Magos) (Martins *et al.*, 2008; Carvalho 2009; Bicho *et al.*, 2013). Quase todas as datações foram obtidas a partir de amostras que provieram de escavações realizadas no século XX, mais precisamente dos anos de 1930 (Mendes Corrêa e Serpa Pinto) e 1950 (Jean Roche e O. Da Veiga Ferreira). A metodologia de escavação aplicada por Mendes Corrêa e Serpa Pinto nos anos de 1930 era baseada em níveis artificiais horizontais de diferentes espessuras, com quadrados de 2x2 metros e uma estratigrafia dividida verticalmente em três camadas artificiais principais: camada superficial, média e profunda (Cardoso & Rolão, 1999/2000). Esta metodologia não terá sido a mais adequada para os concheiros de Muge, principalmente pelas distintas características que cada concheiro apresenta (Bicho *et al.*, 2013). No geral, estes depósitos artificiais podem ser descritos como sítios de considerável tamanho (entre 40 a 80 metros de diâmetro e 2,5 a 4 metros de espessura, dependendo do concheiro). Contêm uma vasta quantidade de fauna mamalógica, materiais líticos, de decoração corporal e moluscos marinhos e estuarinos (Arnaud, 1987; Roche 1972a; Rolão, 1999), dispostos em forma de monte e apresentando uma complexa estratigrafia (Bicho *et al.*, no prelo-c). A esta lista de características juntam-se ainda os vários níveis arqueológicos visíveis, os quais apresentam evidências de estruturas de habitação (lareiras, buracos de poste, fossas) (Roche 1972a, 1972b, 1989) e de uma área de enterramentos, não muito longe. O Cabeço da Amoreira, e possivelmente também o Cabeço da Arruda, está coberto por um *cairn*, isto é um horizonte antrópico de seixos e termoclastos, podendo ser uma forma de proteção e preservação do concheiro (Bicho *et al.*, 2010), quiçá mais especificamente dos enterramentos. Embora a metodologia aplicada por Mendes Corrêa proporcionasse um razoável controlo horizontal (Cardoso, 2011; Bicho *et al.*, no prelo-c), existem problemas relativamente às sequências estratigráficas seguidas durante os trabalhos de campo. Os níveis de ocupação residencial na base do concheiro foram agrupados com

os níveis de grande concentração de conchas mais inferiores, sendo que muitos desses níveis de conchas foram associados num único grupo, nem tendo sido feita uma separação seguindo as camadas definidas logo à partida (camada profunda, intermédia e superficial). A recente datação de um osso de *Herpestes ichneumon*, isto é de um sacarrabos, recuperado durante as escavações de Mendes Corrêa em 1930, veio confirmar estes problemas: encontrado num nível inferior do Cabeço da Amoreira (Detry *et al.*, 2011), este osso obteve uma datação de 780-970 cal AD (2 σ) (referência de laboratório, WK-26799) (Bicho *et al.*, 2013).

Nos anos de 1950 desenvolveram-se mais trabalhos de campo dirigidos por Jean Roche e O. da Veiga Ferreira, cujos dados recolhidos também sofreram com problemas semelhantes de controlo vertical. Embora tenha havido um particular cuidado relativamente aos perfis das áreas de escavação, existindo até desenhos de grande qualidade de alguns (Roche, 1972, 1981, 1989), são poucas as exceções em que os artefactos, fauna e esqueletos não foram pobremente etiquetados, não havendo grande informação relativamente à sua proveniência (Detry, 2007; Bicho *et al.*, 2013). Moita do Sebastião destaca-se quanto a estas problemáticas pois não aparentam ser tão marcadas como nos outros concheiros, principalmente devido à destruição parcial do sítio para a construção de um complexo agrícola: as camadas superiores do concheiro foram retiradas com recurso a máquinas, tendo as escavações apenas abrangido a camada mais profunda do mesmo. Assim, praticamente todos os materiais e esqueletos provenientes da Moita do Sebastião provêm de níveis mais inferiores. Tal como se verificou nas escavações dos anos de 1930 acima referidas, continuou a não haver a separação dos diferentes níveis estratigráficos.

Tabela 16 - Datações por radiocarbono dos esqueletos do complexo de Muge, calibrado com o OxCal 4.1, baseado no IntCal09 (DR de 140±40) (adaptado de Bicho *et al.*, 2013).

Sítio	Proveniência	Código	Material	Data (BP)	cal BP 2σ
Cabeço da Arruda	Skeleton 6	Beta-127451	Homo, bones	7550±100	8410-8030
Cabeço da Amoreira	Burial CAM-00-01	TO-11819-R	Homo, bones	7300±80	8015-7695
Moita do Sebastião	Skeleton 22	TO-131	Homo, bones	7240±70	7950-7675
Moita do Sebastião	Skeleton 29	TO-133	Homo, bones	7200±70	7945-7675
Moita do Sebastião	Skeleton 24	TO-132	Homo, bones	7180±70	7935-7660
Cova da Onça	Unknown	Beta-127448	Homo, bones	7140±40	7860-7675
Moita do Sebastião	Skeleton 16	Beta-127449	Homo, bones	7120±40	7833-6745
Moita do Sebastião	Skeleton 41	TO-134	Homo, bones	7160±80	7930-7620
Cabeço da Arruda	Base	TO-10216	Homo, bones	7040±60	7835-7595
Cabeço da Arruda	Skeleton A	TO-354	Homo, bones	6970±70	7835-7575
Cabeço da Arruda	Skeleton III	TO-360	Homo, bones	6990±110	7915-7470
Cabeço da Amoreira	Skeleton 7	Beta-127450	Homo, bones	6850±40	7565-7430
Moita do Sebastião	Skeleton CT	TO-135	Homo, bones	6810±70	7555-7270
Cabeço da Arruda	Skeleton D	TO-355	Homo, bones	6780±80	7660-7425
Cabeço da Amoreira	Multiple burial CAM-01-01 (Base)	TO-10218	Homo, bones	6630±60	7435-7185
Cabeço da Amoreira	Multiple burial CAM-01-01 (Level 2 e 3 - top)	TO-10225	Homo, bones	6550±70	7570-7325
Cabeço da Amoreira	Multiple burial CAM-01-01	Wk-26796	Homo, bones	6329±40	7145-6860
Cabeço da Arruda	Top	TO-10217	Homo, bones	6620±60	7465-7260
Cabeço da Arruda	Skeleton N	TO-356	Homo, bones	6360±80	7155-6735
Cabeço da Arruda	Skeleton 42	TO-359a	Homo, bones	6960±60	7720-7505
Cabeço da Amoreira	Burial 2011.2 (layer 2b)	Wk-32142	Homo, bones	6910±40	7565-7430
Cabeço da Amoreira	Burial 2011.1	Wk-32143	Homo, bones	7132±41	7785-7595

Para além da falta de correlação quanto à proveniência das amostras, as datações absolutas obtidas apresentam também erros: da calibração das mesmas surgem intervalos muito longos, impossibilitando a distinção rigorosa das diferentes fases de ocupação, assim como limites cronológicos (Bicho *et al.*, 2013; Martins *et al.*, 2008).

Revendo os registos do século XIX e da primeira metade do século XX, estes encontram-se desaparecidos ou de pobre conteúdo. Aliando isto aos problemas metodológicos acima descritos, a contextualização dos enterramentos e de qualquer outro material, assim como a correlação entre amostras de datação, materiais, esqueletos e estratigrafia torna-se difícil, podendo afetar negativamente a análise destes concheiros. Vendo o exemplo das escavações realizadas por Mendes Corrêa, níveis de ocupação residencial foram agrupados com outros níveis de características diferentes, tendo sido tudo associado à mesma camada, sem haver um controlo horizontal total. Esses agrupamentos afetam os enterramentos que poderão ter sido encontrados em níveis artificiais diferentes, com características específicas importantes no estudo do comportamento mortuário destas populações. As três camadas então definidas não correspondem necessariamente a três ocupações únicas, o que é perfeitamente visível hoje no caso do Cabeço da Amoreira como veremos mais à frente, isto embora os dados disponíveis sobre os enterramentos o façam parecer dessa forma. Obviamente, um dos aspetos tido em conta nesta análise é a proveniência estratigráfica dos enterramentos, que, de certa forma, pode estar truncada pelos problemas metodológicos de escavações anteriores. Na realidade, esta análise não indicou grandes diferenças entre os enterramentos destas três camadas artificiais, sendo que as discrepâncias que existem poderão estar relacionadas com o próprio número total de indivíduos exumados de cada camada. No entanto, e tendo em conta que estas camadas artificiais podem não corresponder a três ocupações únicas, os enterramentos aqui analisados, mesmo tendo sido descobertos na mesma camada, poderão pertencer a diferentes momentos de ocupação. É possível que a grande variabilidade notada esteja a dissimular alguns comportamentos mortuários ou práticas específicas de cada ou de alguma ocupação, não entendidos por estar agrupados numa mesma camada. Outro claro problema, também relacionado com a metodologia empregue e o fraco controlo vertical que da mesma adveio, é a contextualização destes achados ou até mesmo de qualquer material. Visto que as camadas definidas não foram subdivididas em níveis artificiais, nem foi seguida a topografia natural destes vários depósitos artificiais, é possível que achados recolhidos nos limites do concheiro possam ser de diferentes fases de ocupação do sítio. Assim, por

exemplo, alguns enterramentos cuja proveniência se reporta à camada profunda podem, na realidade, ser provenientes da camada superficial ou intermédia, mas tendo sido descobertos nos limites dos concheiros e, provavelmente, sobre areias, foram associados à camada profunda. Mais uma vês, a variabilidade notada ao longo desta análise pode ser reflexo destas escolhas metodológicas, mascarando alguns comportamentos mortuários específicos de determinada ocupação.

Contrariando esta tendência, os trabalhos de campo dirigidos por José Rolão entre 1999 e 2004 apresentam um bom controlo estratigráfico e confiáveis datações absolutas (*e.g.* Roksandic, 2006). Desde 2008 até à atualidade, Nuno Bicho tem dirigido trabalhos de campo no Cabeço da Amoreira, proporcionando igualmente várias datações absolutas e um melhor entendimento da utilização deste concheiro. Inicialmente visto enquanto um sítio residencial de uso contínuo, sabe-se agora que o Cabeço da Amoreira apresenta, na base, uma ocupação residencial, com evidências de estruturas tais como buracos de poste, lareiras ou fossas, e uma área de enterramentos, que se encontra espacialmente separada das estruturas habitacionais. Seguem-se vários níveis resultantes de mais de 2 metros de deposição de conchas, não se destacando importantes estruturas habitacionais. Cobrindo esses níveis de conchas encontra-se o já referido *cairn* (Bicho *et al.*, 2013).

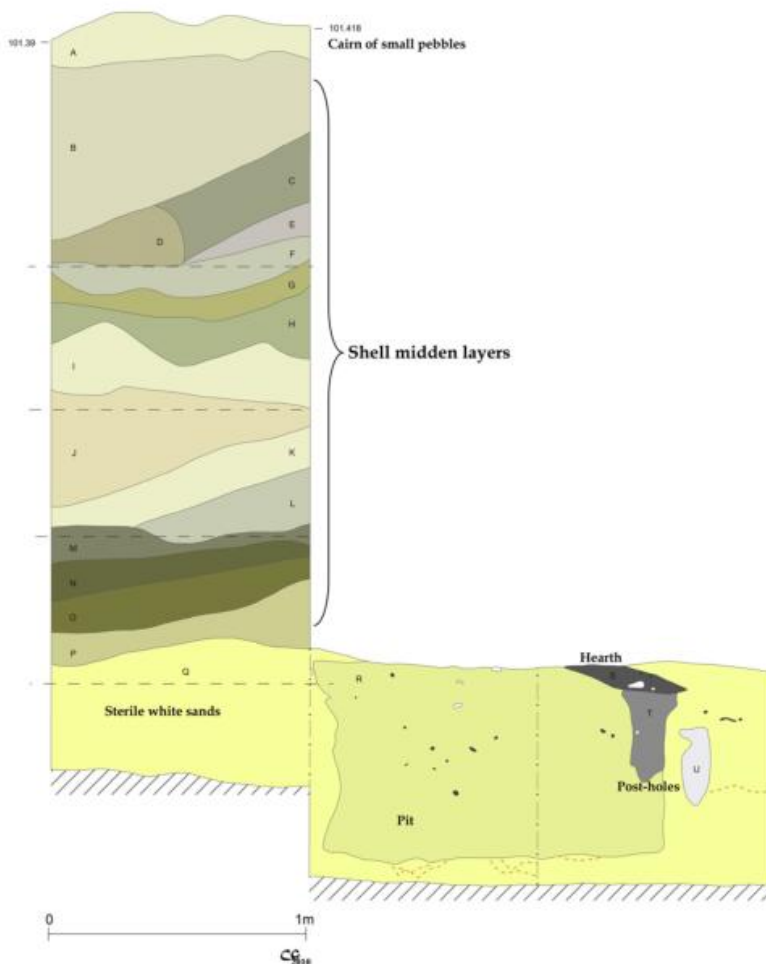


Figura 28 Exemplo estratigráfico atual. Seção do corte oeste da nova área de intervenção no Cabeço da Amoreira (Bicho *et al.*, 2012).

Embora a tendência fosse apresentar o *cairn* como momento final da utilização deste sítio, sendo o mesmo uma forma de fechar o sítio, sabe-se que, tal como Bicho (*Bicho et al.*, no prelo-a, no prelo-b, no prelo-c) afirma, o *cairn* representa sim o momento final da ocupação mesolítica, havendo evidências do uso deste concheiro por parte de populações neolíticas. Existem cerâmicas, embora poucas, na camada superior, sugerindo uma possível ocupação neolítica, já numa fase tardia. Essa ocupação poderá ter sido no concheiro ou numa área perto, fato esse comprovado por alguns achados registados a cerca de 50 metros dos limites do concheiro. Tal como já referido, entre 2011 e 2012 foram descobertos três enterramentos neste concheiro (*vide* Figura 7, Figura 8 e Figura 9), permitindo novas datações absolutas. Também se dataram amostras provenientes de perfis das escavações de Corrêa e Roche.



Figura 29 - Plano do Cabeço da Amoreira com as diferentes áreas intervencionadas (Bicho *et al.*, 2012).

Do corte oeste foram datados carvões provenientes de uma lareira e de uma fossa, assim como 18 conchas de lamejinha (*Scrobicularia plana*) provenientes de 23 níveis artificiais diferentes, permitindo a datação de toda a sequência estratigráfica desse mesmo corte. Sendo este similar ao corte oeste 2 e ao corte norte, destes apenas foram datadas amostras das camadas com conchas, tanto do topo com da base. Esta serie de 29

datações remete-nos para uma sequência completa para o Cabeço da Amoreira que varia entre os c. 8000 e 6800 cal BP. (Bicho *et al.*, no prelo-c). A partir da calibração destas datações e utilizando um novo modelo para tal, Bicho (no prelo-c) apresenta cinco fases principais de deposição antrópica, separadas pelo menos por dois longos hiatos:

1) 1ª fase - c. 7900 e 7700 cal BP (2σ).

Ocupação na base, com uma utilização residencial de longo termo (acampamento), comprovada pela presença de estruturas habitacionais na seção sudeste do concheiro. Os registos mais a norte indicam a presença de uma área de enterramentos.

2) Curto hiato, provavelmente de cerca de duas décadas.

3) 2ª fase - c. 7700 e 7600 cal BP (2σ).

Esta fase corresponde a deposições antrópicas de vários níveis de conchas, intercalando berbigão (*Cerastoderma edule*) e lamejinha (*Scrobicularia plana*), e contendo também uma vasta variedade de fauna mamalógica e malacológica e indústria lítica. Existem poucas evidências de estruturas habitacionais nesta fase.

4) Hiato de cerca de 200 anos.

5) 3ª fase - início a c. de 7500 cal BP.

Nova fase de enterramentos, colocados mais acima dos níveis de conchas, coberto pelo *cairn*.

6) 4ª fase (*cairn*)- Duração de cerca de 100 anos.

7) 5ª fase - Neolítico.

Embora existam incertezas quanto à utilização neolítica deste concheiro, sabe-se que foi pelo menos utilizado por razões funerárias, tendo o *cairn* sido aberto várias vezes para deposições funerárias.

Falta, num futuro próximo, confirmar se a cronologia de ocupação dos restantes concheiros se assemelha à cronologia considerada para o Cabeço da Amoreira. Observando as datações calibradas dos esqueletos provenientes dos níveis da base de Moita do Sebastião, estes parecem idênticos às datações dos mesmos níveis do Cabeço da Amoreira, indicando que o início da ocupação destes concheiros poderá ter sido a mesma. Já no Cabeço da Arruda, as datações indicam que a fase de enterramentos foi mais tardia, correspondendo à fase de deposição antrópica de conchas no Cabeço da Amoreira (fase 2). Moita de Sebastião, Cabeço da Amoreira e Cabeço da Arruda partilham ainda uma fase de enterramentos que coincide com a ocupação neolítica do Vale do Tejo, existindo esqueletos com datações inferiores a 7400 cal BP (Bicho *et al.*, 2013). Assim, e tal como referido anteriormente, a divisão estratigráfica em três camadas artificiais principais, não corresponde a três ocupações únicas, fato este aplicável tanto para o Cabeço da Arruda, como para o Cabeço da Amoreira e Moita do Sebastião. E sendo que estes três concheiros não apresentem fases ocupacionais completamente iguais em termos cronológicos, a contextualização estratigráfica de práticas funerárias torna-se ainda mais delicada, no que toca a uma comparação inter-sítio.

5.2 - Os resultados: padrões e práticas funerárias

Embora os dados acerca do Cabeço da Amoreira tenham vindo a crescer consideravelmente, proporcionando um melhor entendimento desse depósito, Moita do Sebastião continua a destacar-se dos restantes sítios, sendo, muito provavelmente, o concheiro melhor conhecido e mais publicado até hoje. Os investigadores que se dedicam a contextos cuja descoberta é tão antiga ou mais, arriscam a se deparar com problemas de corroboração de dados e de, antes de mais, conseguir encontrá-los. Os dados provenientes de Muge encontram-se dispersos por uma vasta bibliografia, muitas vezes demasiado repetitiva, excetuando os dados mortuários cujas informações são curtas.

No Cabeço da Arruda, a escassez de dados é demasiada para nos debruçarmos acerca da idade e do sexo dos indivíduos e possíveis correlações com os outros parâmetros utilizados para este estudo de variabilidade mortuária. No entanto, Paula e Oliveira, numa das suas primeiras publicações sobre Muge (1884), debateu as idades e o

sexo dos indivíduos até então descobertos em Muge. Segundo o antropólogo, na primeira metade da década de 1880 já se somavam mais de 200 esqueletos descobertos, coleção esta onde predominavam as mulheres e as crianças (quase o dobro), ao contrário dos indivíduos de sexo masculino, que estavam pobremente representados. Propõe ainda que estes dados eram reflexo de uma tarefa particular do homem: seriam eles a deslocar-se para a caça e recuperação de matérias-primas, tendo que se deslocar para tal, aumentando assim a possibilidade de sofrerem qualquer tipo de acidentes, não sobrevivendo e não podendo ser sepultado junto da sua população. Na amostra aqui abordada, no entanto, não foi visível essa discrepância, maioritariamente devido à falta de dados existentes quanto ao sexo e à idade dos indivíduos exumados tanto no Cabeço da Amoreira, como no Cabeço da Arruda. Tal como já referido, apenas se sabe o sexo de um indivíduo, um jovem de sexo feminino. Embora existam 11 indivíduos sem perfil biológico determinado, sabe-se que amostra proveniente do Cabeço da Arruda é composta por crianças, jovens adultos e adultos, não havendo registo de um único idoso. Os enterramentos deste concheiro, principalmente provenientes da camada profunda, são caracterizados maioritariamente por deposições individuais e em decúbito dorsal, com um posicionamento assimétrico dos membros superiores sobre o tronco ou junto à cabeça, flexão das pernas e uma orientação dos indivíduos tendencialmente para N/S (embora maioritariamente na camada profunda). São também caracterizados por se encontrarem agrupados em áreas não muito grandes, embora essa organização não seja comparável com a organização intra-sítio conhecida para Moita do Sebastião, e isto principalmente pela escassez de dados. As inumações provenientes da camada superficial encontram-se maioritariamente reunidas numa mesma área, excetuando um indivíduo cuja localização é desconhecida, sendo que dois desses indivíduos, um jovem e uma criança, ambos inumados no talhão BC19, apresentam a mesma orientação mas invertida. Existe ainda um segundo grupo composto por 8 adultos e 1 crianças provenientes da camada profunda, grupo esse onde estão incluídos os únicos enterramentos com materiais associados. Esses três enterramentos, todos de adultos, dois deles localizados um perto do outro e orientados segundo o mesmo eixo, apresentavam quantidades de materiais únicas nos contextos funerários de Muge, maioritariamente líticos, que indicam um claro padrão: a camada profunda é caracterizada por ser a única com enterramentos com materiais votivos associados, localizados junto do membro superior esquerdo. Para finalizar, um terceiro grupo que também é composto por indivíduos inumados na camada profunda, excetuando um,

localizado na camada intermédia. Também neste grupo existem dois indivíduos adultos inumados no mesmo talhão, MN7, com orientações invertidas. Estes agrupamentos de inumações parecem refletir uma escolha conscienciosa das zonas de enterramentos. É interessante ver que sendo um dos grupos o único com enterramentos registados com materiais associados, os outros dois grupos, com inumações aparentemente mais simples, partilham da mesma característica (dois enterramentos individuais localizados no mesmo talhão com orientações invertidas).

Moita do Sebastião é muitas vezes referido como um caso único no complexo de Muge e dado como um claro exemplo de organização espacial. De facto, os enterramentos deste concheiro apresentam-se particularmente organizados e cuidados. Isto deve-se principalmente ao trabalho realizado por Jean Roche que dirigiu as várias campanhas que lá se realizaram a partir da década de 1950. Os dados recolhidos apresentam-se mais sistemáticos e completos, refletindo a devida importância que os contextos funerários têm e suscitando igualmente o interesse de alguns autores. Os contextos funerários da Moita do Sebastião caracterizam-se principalmente por inumações individuais, embora também apresente algumas coletivas, ao contrário do Cabeço da Arruda. Também neste concheiro, as práticas funerárias são caracterizadas pela deposição do indivíduo em decúbito dorsal, sendo que os padrões variam conforme o sexo do indivíduo:

1) Adultos de sexo feminino: existe apenas um único caso em que o indivíduo foi depositado com os braços simetricamente posicionados, estando os restantes em posições assimétricas e sempre com uma mão sobre a parte superior do tronco e a outra sobre a parte inferior. São também caracterizados por um padrão relativamente à posição dos pés: em enterramentos individuais encontravam-se predominantemente cruzados com o esquerdo sobre o direito, enquanto nos enterramentos coletivos, os pés direito encontrava-se cruzado sobre o esquerdo.

2) Adultos de sexo masculino: existe um único caso em que o indivíduo foi depositado com uma das mãos sobre os membros inferiores e outro caso com as mãos depositadas sobre o tronco mas assimetricamente. É então prática os indivíduos de sexo masculino serem inumados em posições simétricas, com os antebraços e as mãos sobre o estômago ou sobre a cintura. As pernas encontram-se predominantemente fletidas sobre o tronco.

Sabe-se ainda que para além de existir uma tendência em orientar os indivíduos para NO/SE, era tendência os adultos serem inumados em depressões no solo e os infantes em fossas, lado a lado e segundo uma disposição em semi-círculo (Roche, 1972b). Nesta amostra é ainda de destacar a prática de incluir materiais nos enterramentos. Os adornos encontram-se em maioria associados a enterramentos com orientação para NO/SE, tal como os carvões. Materiais líticos de tipologia diferente foram associados apenas a indivíduos de sexo feminino, um adulto e outro idoso.

Cabeço da Amoreira partilha do mesmo problema que o Cabeço da Arruda, a falta de dados. Este concheiro encontrava-se pouco publicado e fracamente conhecido, tendência essa que tem vindo a ser contrariada, tal como já referido. Também neste concheiro, a maioria dos indivíduos foram exumados da camada profunda mas nem sempre em decúbito dorsal, sendo que foram registados 10 indivíduos nesse decúbito e outros 10 em decúbito lateral. O posicionamento dos membros superiores assimetricamente é padrão, sendo que existe um único enterramento cujo indivíduo apresentava uma posição simétrica. A orientação para NE/SO parece estar associada ao posicionamento de pelo menos uma das mãos perto/junto da cabeça. Isto, embora a orientação mais comum seja para SE/NO mas existam outras orientações com um número considerável de indivíduos. Ressalta o facto de que estão apenas orientados para S/N indivíduos depositados em decúbito lateral. Existem ainda dois casos particulares em que ambos os indivíduos foram inumados com as pernas fletidas sobre o tronco mas afastadas uma da outra e com posições similares: enquanto o indivíduo proveniente de um enterramento coletivo apresenta o antebraço direito fletido sobre o peito e a mão sobre o ombro direito, o segundo indivíduo, exumado de um enterramento individual, apresenta o antebraço direito fletido sobre o braço e a mão junto da cabeça/perto do ombro direito. As informações sobre o primeiro não permitiram fazer comparações com o segundo indivíduo pois foram obtidas através de plantas e desenhos. Existem ainda mais particularidades: a vários enterramentos foi atribuída uma estrutura, sendo que existem dois indivíduos foram depositados sobre uma grande quantidade de *Scrobicularia plana*. Um dos indivíduos, proveniente da camada profunda, foi encontrando-se posicionado em decúbito dorsal sobre uma base de terras negras e lamejinha. O segundo foi descoberto na camada intermédia e inumado em decúbito lateral sobre um nível de seixos, seguido de outro de lamejinha.

As práticas funerárias visíveis nos concheiros de Muge partilham de características comuns tais como a deposição em decúbito, com o decúbito dorsal mais frequente, embora o Cabeço da Amoreira apresente igual número de deposições em decúbito lateral. Em todos os casos, sempre que existem registos das posições dos membros, sabe-se que os braços estavam estendidos ao longo do corpo. A posição dos antebraços e mãos é mais variável, embora maioritariamente sobre o tronco e geralmente numa posição assimétrica relativamente ao outro membro. Apresentar a(s) mão(s) sobre os membros superiores são particularidades, sendo que existem dois casos no Cabeço da Amoreira, um deles uma criança e outro um adulto de sexo feminino (cujo enterramento se destaca), e um caso na Moita do Sebastião, cujo enterramento parece ser o inverso do enterramento do adulto do Cabeço da Amoreira. Os diferentes tipos de materiais associados aos enterramentos parecem claramente ter um diferente peso em cada concheiro. Enquanto na Moita do Sebastião apenas dois enterramentos apresentavam uma peça lítica cada, sendo uma dela de certa forma duvidosamente classificada como tal (seixo de quartzito cilíndrico), já no Cabeço do Arruda, embora apenas três enterramentos apresentem materiais, todos eles estão associados a materiais líticos. Ressalva-se no entanto que Paula e Oliveira (1884) referiu uma constante presença de líticos em sílex perto dos esqueletos, notada também pelos próprios trabalhadores. No entanto, e tal como outras informações, a correlação da mesma com os dados possíveis de recuperar não é verificável. Enquanto Moita do Sebastião se destaca pelos numerosos adornos, não sendo este o único tipo de material presente, o Cabeço da Amoreira apresenta uma maior variabilidade mas sem grandes indicações de padrões. As populações mesolíticas que inumaram estes indivíduos, partilham alguns padrões mas a variabilidade mortuária entre cada um destes depósitos é significativa. A análise dessa variabilidade mortuária não indica uma homogeneidade, levando a crer que, provavelmente, estas populações não fariam necessariamente parte do mesmo grupo, o que já tem vindo a ser debatido e sugerido por vários autores através de diferentes análises e foco (*e.g.*, Bicho & Gonçalves, no prelo-a; Umbelino, 2006; Umbelino *et al.*, 2007).

5.3 - A variabilidade mortuária, padrões e as suas implicações sociais

Importa primeiramente referir que os padrões apresentados na análise intra e inter-sítio não são tidos como absolutos, nem necessariamente como padrões sociais,

mas sim primeiramente enquanto prova de uma variabilidade mortuária que é refletida por práticas funerárias pouco homogêneas. Combinando os vários aspetos destes hábitos mortuários (*e.g.*, sexo vs orientação, idade vs posição, etc.) chegamos a um conjunto de variações em que as diferentes combinações podem representar diferentes *personae* sociais. Ainda assim, as possíveis implicações sociais desses padrões devem ser discutidas com cautela, pois o significado de tais padrões pode variar de sociedade para sociedade ou pode até nem existir. A ideia de que é possível perceber a organização social e diferenciação através dos enterramentos é bastante apelativa mas após algumas décadas de investigação, continua a apresentar alguns problemas.

Tal como é visível ao longo da análise, as variações nas práticas funerárias contrapõem-se aos padrões, embora alguns sejam bastante afirmativos. No entanto, entre tantas variações, existem alguns poucos casos semelhantes mas principalmente casos que se apresentam como únicos, revelando uma certa especificidade, principalmente quanto à posição dos membros superiores e/ou inferiores, podendo indicar alguma diferenciação vertical (i.e. estatuto, posição social, rank) ou horizontal (i.e. homem e mulher, adulto e criança). Temos o exemplo do enterramento CA-4 (*vide* Anexo 1) em que este indivíduo é o único registado com uma posição simétrica. Outro exemplo refere-se a um dos grupos inumados no Cabeço da Arruda em que todos os indivíduos são adultos, excetuando a presença de uma criança (*vide* CA-17, Anexo 1). Temos também um único caso no Cabeço da Amoreira de um indivíduo com uma das mãos sobre um membro inferior (*vide* CAM-29, Anexo 3), sendo que o mesmo é visível na Moita do Sebastião (*vide* MS-7, Anexo 2). Parece assim legítimo propor a hipótese de algum tipo de diferenciação à inumação destes indivíduos, que poderá estar relacionado com alguma diferenciação em vida, não necessariamente em estatuto.

Passando agora para os padrões, também alguns desses merecem ser mencionados pela sua possível ligação com uma diferenciação social em vida, ou até só mesmo na altura do enterramento. Tal com referido várias vezes, temos os casos dos indivíduos inumados no mesmo talhão, fazendo parte do mesmo grupo, mas orientados inversamente. Num dos grupos, os indivíduos são ambos adultos (Cabeço da Arruda, camada profunda), sendo que essa diferenciação poderá estar relacionada com idade e/ou estatuto. Já no segundo caso, um dos indivíduos é uma criança e o outro um jovem adulto (Cabeço da Arruda, camada superficial), indicando uma possível diferenciação

relacionada com a idade e/ou estatuto. Mesmo que estas implicações sociais não sejam verdadeiras, estas particularidades refletem, pelo menos uma diferenciação na morte.

No caso do Cabeço da Amoreira, os dados apresentam-se de forma diferente, sendo que se destacam mais as particularidades do que os padrões. As únicas crianças descobertas neste concheiro provêm da camada profunda, assim como um dos jovens. As crianças encontram-se orientadas para N/S, tendo o jovem uma orientação invertida. Poder-se-ia propor que esta seria uma das características das inumações de crianças mas com ainda maior cautela, visto que estas orientações não são específicas apenas de crianças. Regra geral, os enterramentos, embora não completamente homogêneos, apresentam alguma variedade mas cuja escassez de dados não permite aprofundar muito mais. Destaca-se no entanto, o enterramento de um adulto de sexo feminino (*vide* figura 8 e Anexo 3), cuja inumação se revela única pela forma como o enterramento foi organizado, distribuição de materiais e posição do corpo. Descoberto em 2011, poder-se-ia argumentar que toda a informação existente é apenas reflexo da metodologia e tecnologia aplicada, o que de certa forma, é verdade. No entanto, basta observarmos o esqueleto descoberto em 2012 e escavado sob as mesmas condições, para vermos, de facto, o destaque do primeiro em termos funerários. Ambos adultos mas de sexo diferente e exumados da mesma camada, a complexidade do enterramento do indivíduo do sexo feminino poderá estar de alguma forma relacionado com uma diferenciação vertical ou horizontal, refletida num tratamento preferencial visível no conteúdo do enterramento, assim como no tempo despendido para a realização do mesmo.

Moita do Sebastião é o concheiro com dados mais interessantes, provavelmente porque a informação acerca dos enterramentos está mais completo e uniforme. Os enterramentos coletivos são maioritariamente compostos por indivíduos de sexo feminino orientados para NO/SE. O sexo feminino e masculino apresentam padrões que os diferenciam nos hábitos funerários. As mulheres eram maioritariamente depositadas com os braços colocados assimetricamente mas sempre sobre o tronco, sendo que os indivíduos de sexo masculino apresentam maioritariamente posições simétricas. As mulheres são também as únicas com materiais líticos associados aos seus enterramentos, da mesma forma que apenas os homens apresentam as mãos cruzadas sobre o estômago. Poderão estas evidências estarem ligadas a uma diferenciação horizontal? Mas também são visíveis claras variações dentro do conjunto de indivíduos de sexo masculino, indicando não só uma possível diferenciação em sexo mas também em estatuto. Existe apenas um único caso de um indivíduo com uma das mãos sobre os membros inferiores

e outro com as pernas estendidas, posições estas únicas dentro deste concheiro, havendo a hipótese de marcarem alguma diferenciação de estatuto.

6. Conclusões

Tendo sido descobertos há 150 anos atrás, os concheiros de Muge sofreram intervenções arqueológicas por parte de uma longa lista de investigadores, com âmbitos e ideias diferentes, e acima de tudo com metodologias diferentes e que nem sempre se adequavam a sítios como o complexo de Muge. Contabilizados mais de 360 indivíduos exumados em Muge, confirma-se, mais uma vez, a monumentalidade e importância destes sítios e o potencial que estes enterramentos oferecem para o conhecimento e caracterização destas sociedades mesolíticas.

Tal como apresentado na consideração metodológica, é aqui reiterado que para uma reconstituição mais fidedigna de qualquer contexto funerário é conveniente considerar três grupos de elementos principais:

- o indivíduo (proveniência estratigráfica, perfil biológico, posição);
- o enterramento (estrutura, orientação e localização);
- os materiais votivos (tipo, variedade e quantidade).

Em suma, é necessário fazer o levantamento de dados relativos ao perfil biológico do(s) indivíduo(s) (sexo, idade, etc.), posição em que o(s) indivíduo(s) foi sepultado(s), materiais associados, distribuição espacial de todos os elementos constituintes do enterramento e crono-estratigrafia. Estas são as variáveis, que visam representar todo o contexto funerário e a partir das quais foi feita a análise quantitativa e formal. A ambiguidade e polivalência de contextos funerários esconde muitas vezes o seu verdadeiro significado. Significado esse que é apenas recuperável se os contextos forem também recuperados, não podendo serem ignorados numa interpretação de comportamentos passados, principalmente pela sua carga cultural e por despertarem um acontecimento social.

Referido inúmeras vezes nos pontos anteriores, a falta de dados e contextualização existente na documentação que trata de Muge criaram problemas na interpretação e amostra utilizada neste estudo. Um dos grandes problemas para os investigadores que se debruçam sobre os concheiros de Muge é, sem dúvida, a documentação. Alguns cadernos de campo encontram-se desaparecidos, outro na posse de alguns investigadores que vão estudando e publicando esses registos antigos. Os

estudos antropológicos acerca dos indivíduos de Muge são extensos mas apenas com Roche é que vimos surgir uma verdadeira preocupação acerca dos enterramentos e da sua contextualização. Antes disso, a informação existente acerca de contextos funerários anteriores é escassa e encontra-se dispersa. Raras são as vezes, por exemplo, em que há de facto uma descrição de materiais associados ao enterramento. Será que os primeiro enterramentos descobertos refletem um comportamento mortuário assim tão diferente do que é visível nos enterramentos descobertos a partir da década de 1950? As mais recentes descobertas no Cabeço da Amoreira indicam, principalmente pela sua localização estratigráfica e pela sua complexidade, que, muito provavelmente, essas diferenças não seriam assim tão grandes como a literatura retrata. Inúmeras vezes números de enterramentos ou esqueletos encontrados em determinado concheiro foram apresentados de forma diferente, assim como é possível encontrar descrições da posição de esqueletos ou dos materiais associados com diferenças que, mesmo ligeiras, podem influenciar um estudo de variabilidade mortuária ou até de outra temática. Por isso é que se remetem questões como a do Cabeço da Arruda e a sua escassez de materiais associados aos enterramentos. Retrato real das práticas funerárias daquela população ou será mais o retrato de uma metodologia de trabalho aplicada naquele sítio? Comparativamente com Moita do Sebastião, também o Cabeço da Amoreira, embora apresente mais variedade de materiais, ostenta uma coleção de materiais votivos menor ou até uns enterramentos menos marcados, em termos de espólio. Mas se formos ver com atenção as inumações descobertas recentemente nesse mesmo concheiro, a informação recuperada é muito maior. O mesmo acontece com o restante área do concheiro. Ribeiro (1884) chega até a mencionar a escassez de materiais que se via no Cabeço da Amoreira. Mais uma vez, podemos olhar para os resultados obtidos através de trabalhos de campo realizados nesse mesmo concheiro desde 2008. Ressalve-se ainda que ao longo da literatura pareceu-nos bastante claro que somente a partir dos trabalhos de campo de Jean Roche é que começou a haver algum cuidado com a análise dos contextos funerários, talvez motivado pelos enterramentos de Moita do Sebastião, cujo espólio e organização espacial se destaca. Assim, parece que até determinado ponto no tempo, provavelmente até aos trabalhos de Jean Roche, apenas as crianças eram registadas sistematicamente. Assim, é possível que os esqueletos cuja informação sobre a idade não existe é porque será, muito provavelmente adulto. De facto, quando olhamos para os dados do Cabeço da Arruda e do Cabeço da Amoreira, vemos que os únicos adultos identificados como tal foram esqueletos exumados por Roche ou das

escavações do século XXI. No entanto, esses indivíduos continuam a ser aqui tratados como “indeterminados”.

Em suma, podemos concluir que Cabeço da Arruda, Moita do Sebastião e Cabeço da Amoreira partilham características comuns relativamente aos enterramentos, embora existam claras variações. É importante realçar a existência dessas diferenças, principalmente neste caso, isto é, entre sociedades que partilharia as mesmas práticas sociais. A variabilidade mortuária mostra-nos que os concheiros de Muge não devem ser vistos como um grupo homogéneo, nem as suas práticas funerárias, embora existam alguns pontos comuns. Torna-se difícil proceder a uma comparação mais direta, tendo em conta os registos antigos e as metodologias aplicadas nestes sítios que influenciaram os registos hoje disponíveis. Existe a possibilidade de que algumas pequenas variações entre as práticas funerárias sejam causadas por essas descontextualizações. Mas se há característica que estes três concheiros partilham é, sem dúvida, a intencionalidade inerente destes enterramentos por parte das populações do vale do Tejo.

Bibliografia

ÁLVAREZ, M.; BRIZ GODINO, I.; BALBO, A. & MADELLA, M. (2011) - Shell middens as archives of past environments, human dispersal and specialized resource management. *Quaternary International*, 239: 1-7.

ANTUNES, M. T., CUNHA, A. S. (1992) - Violência, rituais e morte entre os “bons selvagens” de Muge. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, 32: 197-239
Lisboa: Classe das Ciências.

ARAÚJO, A.C. (1998) - O concheiro de Toledo (Lourinhã) no quadro das adaptações humanas do Pós-Glaciário no litoral da Estremadura. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 1: 19-38.

ARAÚJO, A.C. (2003) - Long term change in Portuguese early Holocene settlement and subsistence. In LARSSON, L.; KINDGREN, H.; KNUTSSON, K.; LEOFFLER, D. & AKERLUND, A. (eds.) - *Mesolithic on the Move: papers presented at the 6th International Conference on the Mesolithic in Europe, Stockholm, 2000*: 569-580
Oxford: Oxbow Books.

ARAÚJO, A.C. (ed.) (2011) - *O concheiro de Toledo no contexto do Mesolítico Inicial do Litoral da Estremadura*. Lisboa: IGESPAR

ARNAUD, J.M. (1986a) - O Cabeço das Amoreiras, S. Romão do Sado. *Informação Arqueológica*, 7: 80-82.

ARNAUD, J.M. (1986b) - Post-glacial adaptations in Southern Portugal: a summary of the evidence. In *The Pleistocene Perspective: Innovation, Adaptation and Human Survival. The World Archaeological Congress. Post Congress Publications*. London: Allen & Unwin.

ARNAUD, J.M. (1987) - Os concheiros mesolíticos dos vales do Tejo e do Sado: semelhanças e diferenças. *Arqueologia*, 15:53-64.

ARNAUD, J.M. (1989) - The Mesolithic communities of the Sado valley, Portugal, in their ecological setting. In BONSALL, C. (ed.) - *The Mesolithic in Europe. Third International Symposium, Edinburgh, 1985*. Edinburgh: John Donald. pp. 614-631.

ARNAUD, J.M. (2000) - Os concheiros mesolíticos do Vale do Sado e a exploração dos recursos estuarinos (nos tempos históricos e na actualidade). Actas do Encontro Sobre Arqueologia Da Arrábida. *Trabalhos de Arqueologia*, 14: 21-44.

ARNAUD, J.M. (2002) - O Mesolítico e o processo de neolitização: passado, presente e futuro. *Arqueologia e História*, 54: 57-78

ARNAUD, J.M. & PEREIRA, A.R. (1994) - S. Julião. *Informação Arqueológica*, 9: 62-63.

BAILEY, G. (1978) - Shell Middens as Indicators of Postglacial Economies: A Territorial Perspective. In MELLARS, P.A. (ed.) - *The Early Postglacial Settlement of Northern Europe*. London: Duckworth. pp. 37-63.

BICHO, N. (1994) - The end of the Paleolithic and the Mesolithic in Portugal. *Current Anthropology*, 35: 664-674.

BICHO, N. (2000) - Technological change in the Final Upper Paleolithic of Rio Maior. *Arkeos*, 17. Tomar: CEIPHA.

BICHO, N. (2004) - As comunidades humanas de caçadores-recolectores do Algarve Ocidental. In TAVARES, A.A.; TAVARES, M.J.F.; CARDOSO, J.L. (eds.) - *Actas Do Congresso Sobre Evolução Geohistórica Do Litoral Português e Fenómenos Correlativos: Geologia, História, Arqueologia e Climatologia*. Lisboa: Universidade Aberta. pp. 359-396.

BICHO, N. & HAWS, J. (2008) - At the land's end: Marine resources and the importance of fluctuations in the coastline in the prehistoric hunter-gatherer economy of Portugal. *Quaternary Science Reviews*, 27: 2166-2175.

BICHO, N. (2009) - Sistemas de povoamento, subsistência e relações sociais dos últimos caçadores-recolectores do Vale do Tejo. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 17: 133-156.

BICHO, N.; UMBELINO, C.; DETRY, C.; PEREIRA, T. (2010) - The emergence of the Muge Mesolithic shell midden in Central Portugal and the 8200 cal yr BP cold event. *The Journal of Island and Coastal Archaeology*, 5: 86-104.

BICHO, N.; CASCALHEIRA, J.; MARREIROS, J.; PEREIRA, T. (2011) - The 2008-2010 excavations of Cabeço da Amoreira, Muge, Portugal. *Mesolithic Miscellany*, 21 (2): 3-13.

BICHO, N.; CASCALHEIRA, J.; MARREIROS, J.; GONÇALVES, C.; PEREIRA, T.; DIAS, Rita. (2013) - Chronology of the Mesolithic occupation of the Muge valley, central Portugal: The case of Cabeço da Amoreira. *Quaternary International*.

BICHO, N. & GONÇALVES, C. - Back to the Past: the Emergence of Social Differentiation in the Mesolithic of Muge, Portugal. *Proceedings of the Eighth International Conference on the Mesolithic in Europe*. Universidad de Santander. No prelo-a.

BICHO, N.; DIAS, R.; PEREIRA, T.; CASCALHEIRA, J.; MARREIROS, J.; PEREIRA, V.; GONÇALVES, C. - O Mesolítico e o Neolítico antigo: o caso dos concheiros de Muge. *Actas do 5º Congresso do Neolítico Peninsular*. Lisboa: UNIARQ. No prelo-b.

BICHO, N.; PEREIRA, T.; UMBELINO, C.; JESUS, L.; MARREIROS, J.; CASCALHEIRA, J.; GONÇALVES, C.; DETRY, C. - The Construction of a Shellmidden: the Case of Cabeço da Amoreira, Muge (Portugal). *Proceedings of the 8th*

International Conference on the Mesolithic in Europe. Universidad de Santander. No prelo-c.

BINFORD, L. (1971) - Mortuary Practices: Their study and their potential. In **BROWN**, J. (ed.) - *Approaches to the Social Dimensions of Mortuary Practices. Memoir of the Society for American Archaeology*, 25. Washington DC: Society for American Archaeology. pp. 6-29.

BINFORD, L. (1972) - An Archaeological Perspective. *Studies in Archaeology*. New York: Seminar Press.

BOCHERENS, H.; **POLET**, C. & **TOUSSAINT**, M. (2007) - Palaeodiet of Mesolithic and Neolithic populations of Meuse Basin (Belgium): evidence from stable isotopes. *Journal of Archaeological Science* 34: 10-27.

BONSALL, C. (ed.) (1989) - *The Mesolithic in Europe: Proceedings of the 3rd International symposium*. Donald: John, Edinburgh.

BJERCK, H.B. (2009) - The Mesolithic of Atlantic Iberia. In **BAILEY**, G. & **SPIKINS**, P. (eds.) - *Mesolithic Europe*. Cambridge: Cambridge University Press.

BREUIL, H. (1937) - Les subdivisions du Paléolithique Supérieur et leur signification. *Compte rendu de la XIV^e session du Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques*, Genève, 1912. pp. 1-78.

BREUIL, H. & **ZBYSZEWSKI**, G. (1947) - Révision des industries mésolithiques de Muge et Magos (collections des Services Géologiques du Portugal). *Comunic. Serv. Geol. de Portugal*, 28: 149-196.

BRINCH PETERSEN, E. (1967) - Klosterlund-Smder Hadsund-Bnllund. Les truis sites principaux du Maglemosien Ancien en Jutland. Essai de typologie et de chronologie. *Acta Archaeologica*, 37: 77-185.

BRINCH PETERSEN, E. (1973) - A Survey of the Late Paleolithic and Mesolithic of Denmark. In **KODOWSKI**, S.K. (ed.) - *The Mesolithic in Europe*. Warsaw: Warsaw University Press. pp. 77-128.

CARDOSO, F.A. (2001) - Problemas de crescimento no Mesolítico Português: contribuição de alguns indicadores de stress. Dissertação de Mestrado. Coimbra: Universidade de Coimbra.

CARDOSO, J.L. & **ROLÃO**, J.M. (1999/2000) - Prospecções e escavações nos concheiros mesolíticos de Muge e de Magos (Salvaterra de Magos): contribuição para a história dos trabalhos arqueológicos efectuados. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 8: 83-240.

CARDOSO, J. & **ROLÃO**, J. (2002/2003) - Prospecções e escavações nos concheiros mesolíticos de Muge e Magos (Salvaterra de Magos): contribuição para a história dos trabalhos arqueológicos efectuados. *Muge - Estudos Arqueológicos*, 1. Lisboa: Câmara Municipal de Salvaterra de Magos. pp. 7-169.

- CARDOSO, J.L.** (2007) - *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta.
- CARDOSO, J.L.** (2011) - O professor Mendes Corrêa e a Arqueologia Portuguesa. *Anais 2*, III Série: 227-297.
- CARVALHO, A.** (2007) - *A neolitização do Portugal meridional: o exemplo do Maciço Calcário estremenho e do Algarve Ocidental*. Dissertação de doutoramento. Faro: Universidade do Algarve.
- CARVALHO, A.** (2009) - O Mesolítico Final em Portugal. In UTRILLA MIRANDA, M.P. & MONTES RAMÍREZ, L. (eds.) - *El Mesolítico Geométrico en la Península Ibérica*. Monografías Arqueológicas, 44. Universidad de Zaragoza, Zaragoza. pp. 33-68.
- CHAMPION, T.; GAMBLE, C.; SHENNAN, S.; WHITTLE, A.** (2009) - *Prehistoric Europe*. USA: Left Coast Press.
- CHILDE, V.G.** (1925) - *The Dawn of European Civilization*. London: Kegan Paul.
- CLARK, G. A.** (1971) - The Asturian of Cantabria: Subsistence Base and the Evidence for Post-Pleistocene Climatic Shifts. *American Anthropologist*, 73:1245-1257.
- CLARK, G. A.** (1976) - El Asturiense Cantabrico. *Biblioteca Prehistoric Hispana*, 13.
- CORRÊA, M.** (1917) - À propos des caractères inférieures de quelques crânes préhistoriques de Portugal. *Archivo de Anatomia e Anthropologia*, 3(3): 221-237.
- CORRÊA, M.** (1919) - Origins of the Portuguese. *American Journal of Physical Anthropology*, 2(2): 117-145.
- CORRÊA, M.** (1928) - A Lusitânia Pré-Romana. In PERES, D. - *História de Portugal*, Vol I. Barcelos: Portucalense Editora. pp. 79-214.
- CORRÊA, M.** (1933) - Les Nouvelle Fouilles a Muge. XV^e *Congrès International d'Anthropologie et d'Archaeologie Préhistoriques*. Paris, 1931. Paris: Librairie E. Nourry. pp. 1-16.
- CORRÊA, M.** (1934) - Novos elementos para a cronologia de Muge. *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, XVIII: 154-159.
- CORRÊA, M.** (1936) - À propósito do *Homo Taganus*. Africanos em Portugal. *Boletim da Junta Geral do Distrito de Santarém*. Separata.
- CORRÊA, M.** (1956) - Notice preliminaire sur les squelettes prehistoriques de Moita do Sebastião (Muge). *Crónica do Congreso Internacional de Ciências Prehistóricas y Protohistóricas, Madrid, 1954*): 133-139.
- CUNHA, E. & CARDOSO, F.** (2001) - The osteological series from Cabeço da Amoreira (Muge, Portugal). *Bulletin et Mémoire de la Société d'Anthropologie de Paris*, 13: 323-333.

CUNHA, E. & CARDOSO, J. (2002/03) - New data on Muge shell middens: a contribution to more accurate numbers and dates. *Muge - Estudos Arqueológicos*, 1: 171-183.

CUNHA, E.; CARDOSO, F. & UMBELINO, C. (2003) - Inferences about mesolithic life style on the basis of Anthropological data. The case of the Portuguese shell middens. In LARSSON, L.; KINDGREN, H.; KNUTSSON, K.; LEOFFLER, D. & AKERLUND, A. (eds.) - *Mesolithic on the move: papers presented at the 6th International Conference on the Mesolithic in Europe, Stockholm, 2000*. Oxford: Oxbow Books. pp. 184-188.

CUNHA, E. & UMBELINO, C. (2001) - Mesolithic people from Portugal: an approach to Sado osteological series. *Anthropologie*, 39: 125-132.

CUNHA, E.; Umbelino, C.; Silva, A.M.; Cardoso, F. (2007) - What can pathology say about the Mesolithic and late Neolithic/Calcolithic communities? The Portuguese case. IN COHEN, M. & CRANE-KRAMER, G. (eds.) - *Ancient Health: Skeletal Indicators of Agricultural and Economic Intensification (Bioarchaeological Interpretations of the Human Past: Local, Regional, and Global Perspectives)*. Florida: University Press of Florida.

CUNNINGHAM, P. (2011) - Caching your savings: The use of small-scale storage in European prehistory. *Journal of Anthropological Archaeology*, 30: 135-144.

DEAN, R.M.; VALENTE, M.J. & CARVALHO, A.F. (2011) - The Mesolithic/Neolithic transition on the Costa Vicentina, Portugal. *Quaternary International*, 365: 1-9.

DETRY, C. (2007) - *Paleoecologia e paleoeconomia do Baixo Vale do Tejo no Mesolítico Final: o contributo dos mamíferos dos concheiros de Muge*. Dissertação de Doutoramento. Universidade Autónoma de Lisboa e Universidade de Salamanca.

DETRY, C.; BICHO, N.; FERNANDES, H. & FERNANDES, C. (2011) - The Emirate of Córdoba (756-929 AD) and the introduction of the Egyptian mongoose (*Herpestes ichneumon*) in Iberia: the remains from Muge, Portugal. *Journal of Archaeological Science*, 38: 3518-3523.

DINIZ, M. (1993) - O Mesolítico. In GONÇALVES, V. (Ed.) - *História De Portugal. Dos Tempos Pré-históricos Aos Nossos Dias*. Lisboa: Edita Ediclube.

DUARTE, C. (2003) - Bioantropologia. In MATEUS, José E. & MORENO-GARCÍA, Marta (eds.) - *Paleoecologia Humana e Arqueociências: um programa multidisciplinar para a Arqueologia sob a Tutela da Cultura. Trabalhos de Arqueologia*, 29: 262-296. Lisboa: IPA.

FARINHA DOS SANTOS, M.; ROLÃO, J. & MARQUES, M.G. (1990) - Duas novas jazidas Epipaleolíticas do Baixo Tejo: n.ºs 1 e 2 do Vale da Fonte da Moça (Almeirim), sua exploração arqueológica e salvaguarda. I Congresso do Tejo. Que Tejo, que futuro?. Lisboa 1987. Associação dos Amigos do Tejo. pp. 33-38.

FAHLANDER & OESTIGAARD (2008) - The Materiality of Death. Bodies, Burials, Beliefs. Oxford: BAR International Series.

FEREMBACH, D. (1974) – Le gisement mésolithique de Moita do Sebastião. Muge. Portugal. Lisboa: Direcção-geral dos Assuntos Culturais/Instituto de Alta Cultura Cultura.

FERREIRA, A.C. (1907a) – Crânes préhistoriques du type négroïde. *Bulletin de la Société Portugaise des Sciences Naturelle*, 1(3): 75-59.

FERREIRA, A.C. (1907b) – Négroïde préhistoriques en Portugal. *Ann. Scien. Acad. Polit. Porto*, 2(3): 174-179.

FRIGOLA, J.; MORENO, A.; CACHO, I.; CANALS, M.; SIERRA, F.; FLORES, J.; GRIMALT, J.; HODELL, D & CURTIS, J. (2007) – Holocene climate variability in the western Mediterranean region from a deepwater sediment record. *Paleoceanography*, 22.

GOB, A. (198) - Le Mésolithique dans le Bassin de L'Ourthe. *Societe Wallone de Paleoethnologie, klemoir 3*.

GONÇALVES, A.H.B. (1986) - Inéditos de Rui de Serpa Pinto sobre as escavações arqueológicas de Muge. *TAE*, 26 (1-4): 211-220.

GONÇALVES, C. (2009) - *Modelos preditivos em SIG na localização de sítio arqueológicos de cronologia mesolítica no vale do Tejo*. Dissertação de Mestrado. Faro: Universidade do Algarve.

GONZALEZ MORALES, M. (1978) - Excavaciones en el conchero asturiense de la Cueva de Mazaculos 11. *Boletin del Instituto de Estudios Asturiclnos*, 93'94: 369-383.

GONZALEZ MORALES, M. & ARNAUD, J.M. (1990) - Recent research on the Mesolithic in Iberian Peninsula: problems and perspectives. In VERMEERSCH, P. & VAN PEER, P. (eds.) - *Contributions to the Mesolithic in Europe- Papers presented at the fourth international symposium The Mesolithic in Europe*. Leuven: Leuven University. pp. 451-461.

GONZÁLEZ MORALES, M.; CLARK, G. A. (eds.) (2004) - . The Mesolithic of the Atlantic Façade: Proceedings of the Santander Symposium. *Anthropological Research Papers*, 55. Arizona: Arizona State University.

GRAMSCH, B. (ed.) (1981) - Mesolithikum in Europa. *Internationales Symposium Potsdam, April 1978*. Berlin: Deutscher Verlag.

GUTIÉRREZ ZUGASTI, I.; ANDERSEN, S.H.; ARAÚJO, A.C.; DUPONT, C.; MILNER, N. & MONGE SOARES, A.M. (2011) - Shell midden research in Atlantic Europe: State of the art, research problems and perspectives for the future. *Quaternary International*, 239, 70-85.

JACOBI, R.M. (1976) - Britain Inside and Outside Mesolithic Europe. *Proceedings of the Prehistoric Society*, 42: 67-84.

JACKES, M. (2004) - Osteological evidence for Mesolithic violence: problems of interpretation. In ROKSANDIC, M. (ed.) - Violent Interactions in the Mesolithic. Evidence and Meaning. *British Archaeological Reports -International Series 1237*: 23-46.

JACKES, M.; LUBELL, D. & MEIKLEJOHN, C. (1997a) - Healthy but mortal: human biology and the first farmers of western Europe. *Antiquity*, 71: 639–658.

JACKES, M.; LUBELL, D. & MEIKLEJOHN, C. (1997b) - On Physical Anthropological Aspects of the Mesolithic-Neolithic Transition in the Iberian Peninsula. *Current Anthropology*, 38: 839-846.

JOCHIM, M. (2011) - The Mesolithic. In MILISAUKAS, S. (ed.) – *European Prehistory*. Berkeley: University of California Berkeley.

JORGE, S.O. (1990) - Dos últimos caçadores-recolectores aos primeiros produtores de alimentos. In ALARCÃO, J. de (Ed.) - Nova História De Portugal - Das Origens à Romanização. Lisboa: Editorial Presença. pp. 75-101.

KOZŁOWSKI, S. K. 2003. The Mesolithic: What do we know and what do we believe?. *Mesolithic on the Move*. LARSSON, L., KINDGREN, H., KNUTSSON, K., LOEFFLER, D., AKERLUND, A. (eds.). Oxbow books.

Kozłowski, S.K., 1980. Atlas of the Mesolithic in Europe (First Generation Maps). University Press, Warsaw.

LANERI, N. (2007) - An Archaeology of Funerary Rituals. In LANERI, Nicola (ed.) - Performing Death. Social Analysis of Funerary Traditions in the Ancient Near East and Mediterranean. *Oriental Institute Seminars*, 3. Chicago: The Oriental Institute. pp. 1-13.

LARSSON, L.; KINDGREN, H.; KNUTSSON, K.; LOEFFLER, D.; AKERLUND, A. (dds.) (2003) - Mesolithic on the Move. Exeter : Oxbow Books.

LUBELL, D. & JACKES, M (1985) - Mesolithic-Neolithic continuity: evidence from chronology and human biology. *I reunião do Quaternário Ibérico*: 113-133. Lisbon.

LUBELL, D.; JACKES, M.; SCHWARCZ, H. & MEIKLEJOHN, C. (1986) - New radiocarbon dates for Moita do Sebastião. *Arqueologia*, 14: 34-36.

LUBELL, D. & JACKES, M. (1988) – Portuguese Mesolithic-Neolithic subsistence and settlement. *Rivista di Antropologia*, LXVI: 231-248.

LUBELL, D.; JACKES, M.; SCHWARCZ, H.; KNYF, M. & MEIKLEJOHN, C. (1994) - The Mesolithic-Neolithic transition in Portugal: isotopic and dental evidence of diet. *Journal of Archaeological Science*, 21:201-216.

MANNINO, M.; THOMAS, K.D. (2001) - Intensive Mesolithic Exploitation of Coastal Resources? Evidence from a Shell Deposit on the Isle of Portland (Southern England)

for the Impact of Human Foraging on Populations of Intertidal Rocky Shore Molluscs. *Journal of Archaeological Science*, 28: 1101-1114.

MARCHAND, G. (2001) - Les traditions techniques du Mésolithique final dans le sud du Portugal: les industries lithiques des amas coquilliers de Várzea da Mó et de Cabeço do Rebolador (fouilles M . Heleno). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 4: 47-110.

MARTINS, J.; CARVALHO, A. & SOARES, A. (2008) - A calibração das datas de radiocarbono dos esqueletos de Muge. *Promontoria*, 6:73-93.

MEIKLEJOHN, C.; JACKES, M. & LUBELL, D. (1986) – Radiocarbon dating of human skeletal material from two sites in Portugal. *Mesolithic Miscellany*, 7: 4-6.

METCALF, P. & HUNTINGTON, R. (1991) – *Celebrations of Death: The Anthropology of Mortuary Ritual*. Second Edition. Cambridge: Cambridge University Press.

MILNER, N.; CRAIG, O. E.; BAILEY, G. N. (2007) - Shell middens in Atlantic Europe. In Milner, N.; Craig, O.E. and Bailey, G.N. (eds.) - *Shell middens in Atlantic Europe*. Oxford : Oxbow Books. pp. 1-4.

MONTEIRO, P. D., 2012. “Woodland exploitation during Mesolithic: anthracological study of new samples from Cabeço da Amoreira (Muge, Portugal)”. *CKQ - Estudos de Cuaternario*, 2, 33-47. S. C. Aranzadi, Leioa.

MORENO GARCIA, M. (2010) - Exploração de recursos faunísticos de origem terrestre, in: Araújo, A.C. (Ed.), *O Concheiro De Toledo No Contexto Do Mesolítico Do Litoral Da Estremadura*. *Trabalhos De Arqueologia*, 53: 99-125.

NEELEY, M.P. & CLARK, G.A. (1990) – Measuring Social Complexity in the European Mesolithic. In VERMEERSCH, P.M. & VAN PEER, P. (eds.) – *Contributions to the Mesolithic in Europe*. Leuven: Leuven University Press. pp. 127-137

NILSSON STUTZ, L. (2010) - A Baltic Way of Death? A tentative exploration of identity in Mesolithic cemetery practices. In LARSSON, A. & PAPMEHL-DUFAY, L. (eds.) - *Uniting Sea II. Stone Age Societies in the Baltic Sea Region*. Uppsala. *OPIA*, 51: 127-144.

NEWEL, R, CONSTANDSE-WESTERMANN, T. & MEIKLEJOHN, C. (1979) -The skeletal remains of mesolithic Man in Western Europe: an evaluative catalogue. *Journal of Human Evolution*, 8: 29-154.

PAÇO, A. do (1932) - “*Subsídios para uma bibliografia do Paleolítico e Epipaleolítico em Portugal*”

PAÇO, A. d. (1938). "II Congresso Internacional das Ciências Pré-Históricas e Proto-Históricas (Oslo - 1936)." *Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses III*: 7 - 31.

PADER, E.-J (1982) – Symbolism, Social Relations and the Interpretation of Mortuary Remains. *British Archaeological Reports International Series*, 130. Oxford: British Archaeological Reports.

PARKER PEARSON, M. (1999) - The Archaeology of Death and Burial. Stroud: Sutton.

PARKER PEARSON, M. (2009) - The Archaeology of Death and Burial. Stroud: The History Press.

PAULA E OLIVEIRA, F. (1886) – Les ossements humains du Musée géologique a Lisbonne. In **CARTAILHAC, M.E.** (ed.) – *Age Préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*. Paris: Reinwald Librairie. pp. 305-321.

PAULA E OLIVEIRA, F. (1888-1892a) - Nouvelles fouilles faites dans les Kjoekkenmoeddings de la vallée du Tage. *Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal*, II: 57-81.

PAULA E OLIVEIRA, F. (1888-1892b). Note sur les ossements des travaux géologiques existants dans le Musée de la Commission des Travaux Géologiques. *Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal*, II: 1-13.

PEREIRA da COSTA, F. A. (1865). “Da existência do Homem em epochas remotas, no valle do Tejo. Primeiro opusculo: notícia sobre esqueletos humanos descobertos no Cabeço da Arruda”.

PETTITT, P. (2011) - The Paleolithic Origins of Human Burials. London: Routledge.

PINTO, R. d. S. (1931a) - Sur la taille du silex à Muge. C.R. Xème congrès préhistorique de France

PINTO, R. d. S. (1931b) - "Nouvelles Recherches sur le Miolithique en Portugal." Association Française pour l'Avancement des Sciences, LV sessions Extr. des C. rendus du Congrès de Nancy: 327 - 329.

PRICE, T.D. (1983) - The European Mesolithic. *American Antiquity*, 48: 761-778.

PRICE, T.D. (1991) - The Mesolithic of Northern Europe. *Annual Review of Anthropology*, 20: 211-233.

O'SHEA, J.M. (1984) - Mortuary Variability: An Archaeological Investigation. *Studies in Archaeology*. Orlando: Academic Press.

RAPOSO, L. & SILVA, C.T. (1993) - Mesolítico. In **SILVA, A.C.F.; RAPOSO, L. & SILVA, C.T.** (eds.) – Pré-história de Portugal. Lisboa: Universidade Aberta.

RIBEIRO, C. (1867) – Note sur le terrain quaternaire du Portugal. In *Extrait du bulletin de la Société Géologique de France*, 2^a série.

RIBEIRO, C. (1884) - Les kioekkenmoedings de la Vallée du Tage. *Compte Rendu de la IX^{ème} Session du Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques, Lisbonne 1880*. Lisboa : Typographie de l'Académie des Sciences. pp. 279-290.

RICHARDS, M.P.; Price, T.D. & Koch, E. (2003) - Mesolithic and Neolithic Subsistence. Denmark □: New Stahle Isotope Data. *Current Anthropology*, 2: 288-295.

ROBERTS, C.A. (2009) - Human remains in archaeology: a handbook. *Practical Handbooks in Archaeology*, 19. Cambridge: Council for British Archaeology/Cambridge University Press.

ROCHE, J. (1951) - *L'industrie préhistorique du Cabeço d'Amoreira (Muge)*. Porto : Centro de Estudos de Etnologia Peninsular/Instituto de Alta Cultura.

ROCHE, J. (1952) - Les fouilles des amas coquilliers de Muge. (Leur importance pour la chronologie du mésolithique). *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*, 10(1/3) : 145-150.

ROCHE, J. (1953) – Note sur les méthodes de fouilles utilisées lors des explorations des amas coquilliers de Muge. *Naturalia*. Lisboa. 4 :29-33.

ROCHE, J. (1954) - Résultats des dernières campagnes de fouilles exécutées a Moita do Sebastião (Muge). *Revista da Faculdade de Ciências*, IV: 179-186.

ROCHE, J. (1956) – Recentes dévouvertes au gisement de Moita do Sebastião – Muge (Portugal). *Actas del 4º Congreso Internacional de Ciências Préhistoricas y Protohistóricas (Madrid, 1954)*. Saragoza: 156-161.

ROCHE, J. (1957a) - Les collections mésolithiques du Musée des Services Géologiques du Portugal. Moita do Sebastião (Muge). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, XXXVIII: 305-327.

ROCHE, J. (1957b) – Première datation du Mésolithique portugais par la méthode de Carbone 14. *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa, 29: 292-298.

ROCHE, J. & VEIGA FERREIRA, O. Da (1957) – Nota sobre a estratigrafia dos concheiros de Muge. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 38:261-268.

ROCHE, J. (1959) – Les objects de parure trouvés dans les amas coquilliers de Muge. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto, 17:407-411

ROCHE, J. (1964) – À propôs du centenaire des premières fouilles des amas coquilliers mésolithiques de Muge. Historique des travaux. Problèmes stratigrafiques. *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*. Lisboa. 16:37-46.

ROCHE, J. (1964/1965). Note sur la stratigraphie de l'amas coquillier mésolithique de Cabeço da Amoreira (Muge). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, XLVIII: 191-199.

ROCHE, J.; VEIGA FERREIRA, O. (1967) - Les fouilles récentes dans les amas coquilliers mésolithiques de Muge (1952-1965). *O Arqueólogo Português*, I: 19-41.

ROCHE, J. (1967a) - Note sur la stratigraphie de l'amas coquillier mésolithique de Cabeço da Arruda (Muge). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, LII: 79-94.

ROCHE, J. (1967b) - Seconde note sur la stratigraphie de l'amas coquillier mésolithique de Cabeço da Amoreira (Muge). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, LI: 243-252.

ROCHE, J. (1967c) - Les collections mésolithiques du Musée des Services Géologiques du Portugal. Cabeço da Arruda. Muge. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, LI: 221-242.

ROCHE, J. (1972a) - *Le gisement Mésolithique de Moita do sebastião. Muge. Portugal. Archéologie. Lisboa: Instituto de Alta Cultura. Segunda edição.*

ROCHE, J. (1972b) - Les amas coquilliers (concheiros) mésolithiques de muge (Portugal). Die anfänge des neolithikums von orient bis nordeuropa. Pp.72-107

ROCHE, J.; VEIGA FERREIRA, O. (1972-1973) - Seconde datation par le C14 de l'amas coquillier mésolithique de Moita do Sebastião (Muge). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, LVI: 471-474.

ROCHE, J. (1974) - Sépultures de l'amas coquillier Mésolithique de Cabeço da Arruda (Muge). *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia, Porto 1973*. Porto: Ministério da Educação Nacional. pp. 25-36.

ROCHE, J. (1981) - Algumas observações sobre a estratigrafia das jazidas de tipo “concheiro” e os problemas que levantm aos escavadores. *Arqueologia* 1:3-6.

ROCHE, J. (1983) - A organização do espaço numa estação mesolítica portuguesa: Moita do Sebastião. Muge. *Arqueologia*. Porto. 5:4-10-

ROCHE, J. (1984) - Sépultures mésolithiques de l'amas coquillier de Cabeço da Arruda. In *Volume d'hommage au géologue Georges Zbyszewski*. Paris: Éditions Techerche sur les Civilisations. pp. 353-361.

ROCHE, J. (1989) - Spatial organization in the Mesolithic sites of Muge, Portugal. In BONSALL, C. (ed.) *The Mesolithic in Europe. Third International Symposium*. Edinburgh: John Donald. pp. 607-613.

ROKSANDIC, M. (2006) - Analysis of burials from the new excavations of the sites Cabeço da Amoreira and Cabeço da Arruda (Muge, Portugal).

ROLÃO, J. (1999) - *Del Wurm final al Holocénico en el Bajo Valle del Tajo (Complejo Arqueológico Mesolítico de Muge)*. Dissertação de Doutoramento. Salamanca: Universidade de Salamanca.

ROLÃO, J.; JOAQUINITO, J.A. & GONZAGA, M. (2006) - O complexo mesolítico de Muge: novos resultados sobre a ocupação do Cabeço da Amoreira. In BICHO, N. & VERÍSSIMO, H. (eds.) - *Do Epipaleolítico ao Calcolítico na Península Ibérica*. Faro: Universidade do Algarve. pp. 27-42.

ROLÃO, J.; JOAQUINITO, J.A. & GONZAGA, M. (2006a) – Muge que valorização? In BICHO, N. & VERÍSSIMO, H. (eds.) - *Do Epipaleolítico ao Calcolítico na Península Ibérica*. Faro: Universidade do Algarve. pp. 63-68.

Spikins, P., 2009. Mesolithic Europe: Glimpses of another World. Bailey, G., Spikins, P. (Eds.), Mesolithic Europe. Cambridge University Press, pp. 1-17.

SILVA, A.C.F. da; RAPOSO, L.; SILVA, C.T. da (1993) - Pré-História de Portugal. Lisboa: Universidade Aberta.

SOUSA, A.C. (ed.) (2004) O núcleo C do concheiro de S. Julião (Carvoeira, Mafra): a escavação de emergência de 1999. Mafra: Câmara Municipal de Mafra.

SOUSA, A.C.; SOARES, A.M.; MIRANDA, M., QUEIROZ, P.F. & LEEUWAARDEN, W.V. (2004) - São Julião. Núcleo C do Concheiro Pré-Histórico. Mafra: Câmara Municipal de Mafra.

SPIKINS, P. (2008) Mesolithic Europe: glimpses of another world, in: Europe. Cambridge University Press, pp. 1-17 2010.

SPIKINS, P. (2009) - Mesolithic Europe: Glimpses of another World. In BAILEY, G., & SPIKINS, P. (Eds.) - Mesolithic Europe. Cambridge University Press. pp. 1-17.

STINER, M.C. & MUNRO, N.D., 2011. On the evolution of diet and landscape during the Upper Paleolithic through Mesolithic at Franchthi Cave (Peloponnese, Greece). *Journal of human evolution*, 60: 618-36.

STRAUS, L. G., 2009. “The Mesolithic of Atlantic Iberia“ in *Mesolithic Europe*. BAILEY, G., SPIKINS, P. (eds). Cambridge University Press.

UMBELINO, C. (2006) - *Outros sabores do passado. As análises de oligoelementos e de isótopos estáveis na reconstrução da dieta das comunidades humanas do Mesolítico Final e do Neolítico/Calcolítico do território português*. Dissertação de Doutoramento. Coimbra: Universidade de Coimbra.

UMBELINO, C.; PÉREZ-PÉREZ, A.; CUNHA, E.; HIPÓLITO, C.; FREITAS, M. & CABRAL, J. (2007) - Outros sabores do passado: um novo olhar sobre as comunidades humanas mesolíticas de Muge e do Sado através de análises químicas dos ossos. *Promontoria*, 5: 45-90.

VALDEYRON, N. (2008) - The Mesolithic in France. In BAILEY, G.; SPIKINS, P. (Eds.) - Mesolithic Europe. Cambridge University Press, pp. 182-202.

VALENTE, M.J. (2008) - As últimas sociedades de caçadores-recolectores no Centro e Sul de Portugal (10.000 - 6.000 anos BP): aproveitamento dos recursos animais.

VALENTE, M.J., CARVALHO, A.F. (2012) - Recent developments in Early Holocene hunter-gatherer subsistence and settlement: a view from south-western Iberia. In MacCarten, S., Schulting, R., Warren, G., Woodman, P. (eds.) - *Mesolithic Horizons Papers Presented at the Seventh International Conference on the Mesolithic in Europe Belfast 2005*, II: 312-317. Oxbow Books.

VALENTE, J. (2008) - *As últimas sociedades de caçadores-recolectores no Centro e Sul de Portugal (10.000-6.000 anos BP): aproveitamento dos recursos animais*. Dissertação de Doutoramento. Faro: Universidade do Algarve.

VAN DER SCHRIEK, T.; PASSMORE, D.G.; FRANCO, F.; STEVENSON, A.C.; BOOMER, I & ROLÃO, J. (2002/2003) - The Holocene environmental history and geoarchaeology of the Mesolithic cultures in the Muge valley, Lower Tagus basin, Portugal. *Muge - Estudos Arqueológicos*, 1:185-198.

VAN DER SCHRIEK, T.; PASSMORE, D.G.; MUGICA, F.; STEVENSON, A.C.; BOOMER, I & ROLÃO, J. (2008) - Holocene palaeoecology and floodplain evolution of the Muge tributary, Lower Tagus basin, Portugal. *Quaternary International*, 189:135-151.

WOLLSTONECROFT, M., SNOWDON, V., LEE, G.-ah, AUSTIN, P., (2003) *Archaeobotanical Sampling at Cabeço da Amoreira: preliminary results of the 2003 Field Season*.

YELLEN, J. (1977) - *Archaeological approaches to the present. Models for reconstructing the past*. Nova Iorque: Academic Press.

ZILHÃO, J. (1992) - Estratégias de povoamento e subsistência no Paleolítico e no Mesolítico em Portugal. Moure Romanillo, A. (Ed.), *Elefantes, Ciervos y Ovicapríneos*. Universidad de Cantabria/Asamblea Regional de Cantabria, Santander, pp. 149-172.

ANEXOS

Anexo 1 - Ficha de registo. Cabeço da Arruda.

Anexo 2 - Ficha de registo. Moita do Sebastião.

Anexo 3 - Ficha de registo. Cabeço da Amoreira.

Nº	Designação	Localização	Campanha arqueológica	Camada estratigráfica	Tipo de enterramento	Sexo	Idade	Posição										Estrutura enterramento	Materiais	
								Decúbito	Superior						Inferior		Cabeça			Orientação (C/P)
									Direito			Esquerdo			Pernas	Pés				
									Braço	Antebraço	Mão	Braço	Antebraço	Mão						
CA-1	nº 1	NO5º	1937	Profunda	Individual															
CA-2	nº 2	MN6º	1937	Profunda	individual			Dorsal	Estendido ao longo do corpo	Fletido sobre o peito		Estendido ao longo do corpo	Estendido ao longo do corpo		Fletidas e inclinadas para a direita			O/E		
CA-3	nº 3	NO7º	1937	Profunda	Individual			Dorsal	Estendido ao longo do corpo	Estendido ao longo do corpo	Junto ao corpo	Estendido ao longo do corpo	Estendido ao longo do corpo		Fletidas			S/N		
CA-4	nº 4	MN7º	1937	Profunda	Individual		Jovem	Dorsal	Estendido ao longo do corpo	Fletido sobre o braço	Perto da cabeça	Estendido ao longo do corpo	Fletido sobre o braço	Perto da cabeça	Muito fletidas sobre o tronco			S/N		
CA-5	nº 5	NO8º	1937	Profunda	Individual		Idosa	Dorsal	Estendido ao longo do corpo	Fletido sobre o braço	Perto da cabeça	Estendido ao longo do corpo	Fletido sobre o braço	Perto da cabeça	Muito fletidas sobre o tronco			S/N		

	MS-13	MS-12	MS-11	MS-10	MS-9	MS-8
X	Sépulture VIII	Sépulture VII	Sépulture VII	Sépulture VI	Sépulture V	Sépulture IV
	M13	N12	N12	M13	N13	M.13
os	Roche, anos 50	Roche, anos 50	Roche, anos 50	Roche, anos 50	Roche, anos 50	Roche, anos 50
1	Profunda (base)	Profunda (base)	Profunda (base)	Profunda (base)	Profunda (base)	Profunda (base)
1	Individual	Colectivo	Colectivo	Individual	Individual	Individual
	F	F			M	
	A	A (+ 50 anos)	Criança (meses)	Criança (\pm 2 anos)	A	
				Dorsal	Dorsal	
					Estendido ao longo do corpo	
					Fletido sobre o tronco	
Sobre o					Sobre o estômago, sob a mão esquerda	
					Estendido ao longo do corpo	
					Fletido sobre o tronco	
					Sobre o estômago, sobre a mão direita	
					Semi-fletidas	
					Cruzados, o direito sobre o esquerdo	
		NO/SE			NO/SE	
				NO/SE		
					Cova de pouca profundidade na areia	

MS-22	Séulture XIV	MS-21	MS-20	MS-19	MS-18	MS-17	MS-16
M14	M13	M13	M13	M13	M13	M13	M12
Roche, anos 50	Roche, anos 50	Roche, anos 50	Roche, anos 50	Roche, anos 50	Roche, anos 50	Roche, anos 50	Roche, anos 50
Profunda (base)	Profunda (base)	Profunda (base)	Profunda (base)	Profunda (base)	Profunda (base)	Profunda (base)	Profunda (base)
Individual	Colectivo	Colectivo	Colectivo	Colectivo	Individual	Individual	Individual
M				M	F	F	F
A	Criança (± 3 anos)	Criança (± 12 anos)	Adolescente	Jovem A	A	A	A
Decúbito					Dorsal		
Estendido ao longo do corpo					Ligeiramente afastado do corpo		
					Fletido sobre o braço		
					Sobre o ombro dir.eito		
Estendido ao longo do corpo					Estendido ao longo do corpo		
					Fletido		
					Sobre a cintura		
Muito fletidas sobre o					Semi-fletidas		
Cruzados com o esquerdo sobre o					Contra o corpo, cruzados com o esquerdo sobre o direito		
O/E					ENO/SSE		
Cova de pouca profundidade na areia					Cova na areia		

MS-31	Sépulture XXI	K9	Roche, anos 50	Profunda (base)	Individual														
MS-30	Sépulture XX	K9	Roche, anos 50	Profunda (base)	Colectivo														
MS-29	Sépulture XX	K9	Roche, anos 50	Profunda (base)	Colectivo	F	A	Dorsal	Estendido ao longo do corpo	Fletido e sobre o peito	Sobre o ombro esquerdo ou peito	Estendido ao longo do corpo	Fletido e afastado do corpo	Sobre a bacia	Semi-fletidas	Cruzados, o direito sobre o esquerdo	Elevada	NO/SE	
MS-28	Sépulture XIX	K9	Roche, anos 50	Profunda (base)	Individual	F	A	Decúbito	Estendido ao longo do corpo	Fletido ligeiramente sobre o tronco	Sobre a bacia	Estendido ao longo do corpo	Fletido sobre o braço	Sobre o ombro esquerda	Fletidas (como?)		Elevada	NO/SE	
MS-27	Sépulture XVIII	K9	Roche, anos 50	Profunda (base)	Colectivo													N/S	
MS-26	Sépulture XVIII	K9	Roche, anos 50	Profunda (base)	Colectivo	M	A											N/S	
MS-25	Sépulture XVII	MN12	Roche, anos 50	Profunda (base)	Individual	M	A	Dorsal	Estendido ao longo do corpo	Fletido sobre o tronco	Mãos cruzadas no estômago	Estendido ao longo do corpo	Fletido sobre o tronco	Mãos cruzadas no estômago	Fletidas sobre o tronco		Elevada	SE/NO	

MS-44	Sépulture XXXIV	KL13	Roche, anos 50	Profunda (base)	Individual	M	A	Dorsal	Estendido ao longo do corpo	Flectido sobre o tronco					Muito fletidas sobre o tronco			N/S	
MS-43	Sépulture XXXIII	O14	Roche, anos 50	Profunda (base)	Individual	F	A	Dorsal	Estendido ao longo do corpo			Ligeirame nte afastado	Flectido sobre a bacia		Fletidas sobre o tronco	Cruzados com o esquerdo sobre o direito	Elevada	N/S	

Nº	Designação	Localização	Campanha arqueológica	Camada estratigráfica	Tipo de enterramento	Sexo	Idade	Posição												
								Decúbito	Superior					Inferior					Cabeça	Orientação (C/P)
									Direito			Esquerdo		Antebraço	Mão	Pernas	Pés			
									Braço	Antebraço	Mão	Braço								
CAM-1	nº 1	HI-IJ 9º	Anos 30	Profunda	Individual		Adulto	Dorsal	Estendidos ao longo do corpo	Fletido sobre o braço	Perto da cabeça	Estendidos ao longo do corpo	Fletido sobre o tronco	Sobre o peito	Muito fletidas sobre o tronco e afastadas uma da outra					
CAM-2	nº 2	FG9º	Anos 30	Profunda	Individual		Criança													
CAM-3	nº 3	HI10º	Anos 30	Profunda	Individual		Jovem	Dorsal	Estendidos ao longo do corpo			Estendidos ao longo do corpo			Muito fletidas sobre o tronco		NO/SE			
CAM-4	nº 4	IJ11º		Profunda	Individual			Lateral									NO/SE			
CAM-5	nº 5	IJ-JK11º		Profunda	Colectivo	M		Lateral							Semi-fletidas		NO/SE			

CAM-35	nº 4	P 14º/15º	Anos 60		Individual				Estendidos ao longo do corpo	Estendidos ao longo do corpo		Estendidos ao longo do corpo	Estendidos ao longo do corpo		Fletidas			SE/NO
CAM-36	nº 5	P 13º/14º	Anos 60		Individual				Estendidos ao longo do corpo			Estendidos ao longo do corpo	Fletido e afastado do corpo		Fletidas			SE/NO
CAM-37	nº 6	I 24º/25º	Anos 60	Profunda	Individual			Lateral	Estendidos ao longo do corpo			Estendidos ao longo do corpo			Fletidas sobre o tronco			NE/SO
CAM-38	nº 7 (nº 7 e 8)	JK 23º/24º	Anos 60	Profunda	Colectivo				Estendidos ao longo do corpo	Fletido sobre a parte inferior do tronco	Sobre a bacia	Estendidos ao longo do corpo	Fletido sobre o braço	Sobre a parte superior do tronco	Fletidas			NE/SO
CAM-39	nº 8 (nº 7 e 8)	JK 23º/24º	Anos 60	Profunda	Colectivo				Estendidos ao longo do corpo	Fletido sobre o braço	Sobre a parte superior do tronco	Estendidos ao longo do corpo	Fletido sobre o braço	Junto à cabeça				NE/SO
CAM-40	nº 9	OP 24º/25º	Anos 60	Profunda	Individual				Estendidos ao longo do corpo	Estendidos ao longo do corpo		Estendidos ao longo do corpo	Estendidos ao longo do corpo		Fletidas			SE/NO
CAM-41	nº 10	LM/ML 22º/23º	Anos 60	Profunda	Individual				Estendidos ao longo do corpo			Estendidos ao longo do corpo			Fletidas			E/O

CAM-44	n° 14	J 28°	Anos 60		Individual												
CAM-45	n° 16	OP 28°	Anos 60		Individual			Estendidos ao longo do corpo			Estendidos ao longo do corpo	Estendidos ao longo do corpo					E/O
CAM-46	n° 12 (n° 12/13)	KL 28°	Anos 60		Colectivo		Dorsal	Estendidos ao longo do corpo	Fletido sobre o peito	Sobre o ombro esquerdo	Estendidos ao longo do corpo	Fletido sobre o peito	Sobre o peito	Muito fletidas sobre o tronco e afastadas uma da outra			SO/NE
CAM-47	n° 13 (n° 12/13)	KL 27°	Anos 60		Colectivo		Dorsal	Estendidos ao longo do corpo	Fletido sobre a parte inferior do corpo	Mãos cruzadas obre o lado direito da parte inferior do tronco	Estendidos ao longo do corpo	Fletido sobre a parte inferior do corpo	Mãos cruzadas obre o lado direito da parte inferior do tronco	Fletidas			SO/NE